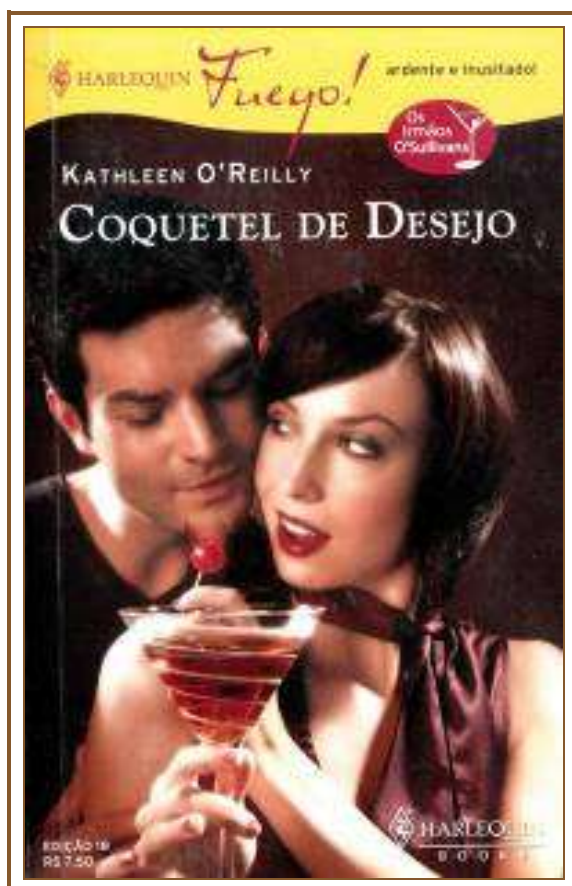


Coquetel de Desejo

Titulo original: SHAKEN AND STIRRED

Kathleen O'Reilly

Os Irmãos O'Sullivans 01



Um homem, uma mulher, um apartamento...

Gabriel O'Sullivan: caçula de três irmãos e um dos donos do Prime, o bar mais agitado de Nova York. Ele é o bartender preferido de 10 entre 10 mulheres. E elas costumam dar gorjetas bastante generosas para conseguirem um encontro com ele...

Tessa Hart: estudante, coração solitário e bartender do Prime. E agora, futura sem-teto. Ainda bem que Gabe é também o anjo da guarda de Tessa. E ele está decidido a oferecer-lhe o abrigo de seu lar até que ela encontre uma nova casa...

Mas Tessa tem algumas regrinhas básicas para dividir temporariamente um apartamento com seu chefe: eles não terão um caso! De jeito nenhum! Por quanto tempo Gabe e Tessa cumprirão essa promessa? Façam suas apostas!

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Gabi



Querida leitora,

Eu confesso. Tenho uma fraqueza por bares. Parece que determinadas épocas da minha vida são definidas por bares específicos, porque sou alguém que cria hábitos (nem sempre muito bons...).

Quando li a respeito de dois homens solteiros que abriram em Nova York um bar especializado em saladas e que foi invadido por mulheres solteiras, eu ri. Um bar especializado em saladas! Eu podia fazer melhor, pensei. Quando minha editora disse que queria que houvesse três irmãos, eu já sabia que eles tinham de ser irlandeses: Gabe, Daniel e Sean, meus sensuais O'Sullivans. Esses são os meus heróis. Espero que você se apaixone por eles, assim como eu!

Ah, e gostaria de passar uma receitinha muito interessante para vocês oferecerem para os seus heróis em momentos superespeciais: Sexy Blue Martini. Afinal, não há nada mais sexy do que preparar um drinque temperado com muitas intenções!

*Felicidades,
Kathleen.*

Sexy Blue Martini

Vodka Absolut Mandrin
Blue Curaçao
Gelo

Misturar tudo em um copo misturador e passar pelo coador de bar ao servir em taças de martini.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Titulo original: SHAKEN AND STIRRED

Copyright O 2008 by Kathleen Panov

Originalmente publicado em 2008

Projeto gráfico de capa: núcleo i designers associados

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11)2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971



Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

QUANDO O verão chegou em Manhattan, o sol queimava mais forte, os dias ficavam úmidos e quentes, os homens exigiam as cervejas em temperatura glacial e as mulheres queriam seus *martinis* bem gelados. O sol estava se pondo em uma corrosiva noite de quinta-feira quando a mulher de meia-idade se aproximou do longo balcão de mogno, com as bochechas coradas e um sorriso de desculpas na boca. Gabriel Cormac Silas O'Sullivan, dono, bartender e irmão que costumava servir de bode-expiatório, teve a familiar sensação de que um destino cruel e inevitável lhe aguardava.

— Acho que há um problema no toalete feminino. — A mulher começou. — A porta está trancada faz dez minutos e dá para ouvir uns... gemidos vindos de dentro. Alguns de homem, outros de mulher. Acho que algo de libertino está se passando lá dentro.

Tessa Hart, uma funcionária que Gabe até considerava leal, virou-se para ele, tentando controlar o riso.

— O homem é *seu* irmão.

Ah, sim, o irmão dele. Mais exatamente o efeito colateral da cerveja, o sedimento do vinho, a minhoca na tequila. E ele estava sendo gentil.

— Não quero reclamar com ele. Não mesmo. — Havia três irmãos O'Sullivan, mas Gabe e Daniel eram normais. Sean, nem tanto.

Tessa lhe apontou um dedo acusador.

— Você é dono deste lugar. Faça seu trabalho.

Assim ele foi constrangido cumprir o dever de dono do Prime, o infame bar de Manhattan que a família O'Sullivan já possuía fazia quase oitenta anos. Hoje em dia, o chão de madeira rangia quando as pessoas caminhavam, mas estavam tinindo de encerados. Ao redor do recinto, haviam três balcões de mogno preto em forma de "U", apoiados em estruturas de latão.

Fileiras de fotografias cobriam as paredes. Algumas caras famosas, outras nem tanto. Na parte da frente e do meio detrás do bar havia fotografias das últimas quatro nobres gerações dos O'Sullivan. Um O'Sullivan servira presidentes, chefões da máfia, Joe DiMaggio e Bob Dylan; e agora, ao que parecia, o belo estabelecimento estava servindo de motel para um certo Sean O'Sullivan.

Nossa, mas que decadência.

Gabe deu uma olhada no bar, imaginando quem era a gatinha que Sean havia torpedeado desta vez. Lentamente foi lhe ocorrendo exatamente quem havia desaparecido do bar, e então ele sorriu. Tudo bem, quem sabe Sean não fosse tão mau assim? O que, infelizmente, não significava que o toalete feminino estivesse disponível de novo.



Ele desceu pela escada velha e estreita que levava aos toaletes e deu uma batida forte e cheia de autoridade na porta de uma das cabines.

— Abra a porta. É a polícia. De acordo com a lei número mil e quarenta e três do código municipal de Nova York, é proibido manter conduta lasciva em local público.

Do outro lado da porta veio a voz de Sean, carregada de mais paixão do que Gabe queria imaginar.

— Este lugar não era público até você meter seu bedelho aqui, seu guarda. E, aliás, não existe nenhuma lei mil e quarenta e três. Eu conheço a lei.

— Está insultando uma autoridade de Nova York?

— Não, estou insultando meu irmão mais novo. Agora vá embora e dê a seu irmão uns bons sete... Ah, querida, assim está perfeito... Na verdade, quinze minutos.

— Temos fregueses que estão pagando e querendo usar o toalete.

Fez-se um silêncio incisivo, seguido por mais gemidos tempestuosos. Gabe se recostou à porta, procurando ficar à vontade.

— Você contou a ela que é advogado, Sean? Pois eu não sei por que as mulheres continuam caindo nessa. Deve ser difícil para um homem do ramo de saneamento atrair certos tipos de mulheres, apesar de que você acabou se casando facilmente. Seria por causa da gravidez? Aliás, como vai Laura?

Gabe esperou, contou até três... E finalmente ouviu o murmúrio abafado de vozes alteradas. Mas não estavam suficientemente alteradas, droga. Quem poderia pensar que uma mulher com tamanho poder no departamento de saúde estaria tão desesperada? Não importava; Gabe podia pegar ainda mais pesado.

— Ligaram da clínica. O teste deu positivo, mas tomando os remédios e indo ao médico você vai conseguir levar uma vida completamente normal.

A voz de Sean enfim foi ouvida outra vez, um pouco menos firme desta vez:

— Vá embora. E tenha pena de um homem que está para passar sua quarta temporada no exército e não vai ver mulher pelos próximos... Aaah... Nove meses.

Como alguma mulher, especialmente uma fiscal da vigilância sanitária de Nova York, poderia acreditar que Sean era soldado? Era algo que para ele ultrapassava o limite da razão. Apesar de que, por algum motivo, Sean e mulheres nunca viessem juntos mesmo. Gabe bateu na porta. Sean gritou.

— Você está constrangendo a pobre mulher, Gabe. Seja cavalheiro e vá embora.

Gabe balançou a cabeça.

— Tudo bem, mas não pense que vou me esquecer disto — ele ameaçou.

— Em vez de ficar se preocupando comigo, por que não se preocupa com Tessa?

Tão típico de Sean. Desviar a atenção do assunto em questão. Jogo de cartas com matiz emotivo. Infelizmente, Gabe estava sendo ludibriado nesse sentido, pois Tessa já tinha problemas demais para se preocupar, e seria um inferno se alguém mais aparecesse para lhe perturbar.

— O que tem Tessa?

— Os funcionários não vão se consultar com o psicólogo do programa de TV? Tsc, tsc...

— O que tem Tessa? — Gabe repetiu, pensando seriamente em derrubar a porta, mas aquela tinha sido trocada fazia apenas três meses, e portas custavam caro, principalmente

portas de dois metros feitas sob medida.

— Se você me der mais seis minutos eu conto a história toda, porque é óbvio que ela está fazendo segredo com você.

Dando um suspiro de frustração, Gabe pôs um sinal escrito "com defeito" na porta do toalete feminino e subiu a escada. As noites de quinta-feira não tinham o caos do fim de semana, mas quando os Yankees estavam na televisão, a tendência era o pessoal ficar disposto a beber e apostar. Até mesmo alguns fregueses que costumavam freqüentar o bar de dia também estavam lá. A julgar pelos rostos felizes, os Yankees estavam vencendo.

Constrangedores dois minutos depois, Sean apareceu no alto da escada com uma morena alta que usava óculos de diretora de escola. Sean levou as mãos aos próprios lábios.

— Pelo que entendi, passamos na inspeção, não é? — Gabe perguntou, mantendo o rosto propositadamente inexpressivo. A fiscal sanitária deu um sorriso abobalhado.

— Com louvor. E que louvor — ela murmurou, e Sean sorriu, com o ego já inflado aumentando ainda mais. Droga. Às vezes Gabe tinha vontade de bater no irmão, mas Sean tinha conhecidos por toda a parte e o bar jamais fora reprovado antes pela fiscalização sanitária.

Tudo bem, Gabe o perdoaria. Mas no momento ele estava mais preocupado com Tessa.

Ele deu uma rápida olhada para ela, conferindo seu estado mental. Tudo parecia normal. Ela estava misturando drinks com a pose hollywoodiana de sempre, jogando copos para cima, para deleite da clientela masculina. Mas Gabe reparou que, quando ela ouvia algum pedido, caía uma reveladora mecha de cabelo sobre o rosto.

Tessa tinha um ímã para atrair confusão, mas isso não importava para Gabe. Quando os funcionários precisavam, lá estava ele. Especialmente para Tess.

TESSA SABIA reconhecer uma idéia maluca quando ouvia uma, e esta era com certeza uma delas. Ela fuzilou Gabe com o melhor olhar de menina má, aquele que ela vinha praticando no espelho por quase a totalidade de seus 26 anos. Toda aquela prática não significava que ela havia melhorado em nada, mas tinha de continuar tentando.

— Não vou morar com você. Você é meu chefe, entre outras coisas. E não acho que vá conseguir me fazer dizer sim me olhando deste jeito, porque estou aprendendo a dizer a palavra *não* para os homens. Não. N-Ã-O. *Não*. *No*. *Nein*. Posso dizer no idioma navajo: *dooda*. Viu, sei dizer *não*.

Para ter certeza que estava se fazendo entender, acendeu um fogo sobre o ardente drink Jägerbomb que estava preparando, ainda lançando mão do olhar de menina má.

Gabe levantou uma caçamba de gelo e colocou no depósito, os bíceps ondulando pelo esforço. O bartender mais perfeito do mundo. Compreensivo, atencioso e sexy ao extremo.

— Não é assim, Tess — ele disse, com aqueles olhos azuis e sérios cintilando na direção dela. Quatro mulheres suspiravam enquanto o observavam trabalhar. Deus, era como se fosse luxúria sincronizada.

Tessa pegou um chope e empurrou o copo para o freguês pelo balcão. No fundo ela sabia que Gabe tinha boas intenções. Gabriel O'Sullivan era mais do que um simples

bartender. Ele foi a tábua de salvação que lhe deu um emprego quando ela foi parar em Manhattan após uma separação amarga; porque, afinal de contas, todo mundo sabe que a coisa mais brilhante a se fazer após abandonar todas as posses materiais com o ex-namorado na Flórida é se mudar para a estratosféricamente cara cidade de Nova York, tendo apenas um diploma de segundo grau e um conhecimento enciclopédico de drinques tropicais.

Gabe jamais fez pouco dela, e por isso ganhou a total lealdade de Tessa. Mas não era por esse motivo que ela iria morar com ele. Quanto a isso, mantinha-se firme. Inabalável. Infelizmente, ela só tinha cinco dias para arrumar um apartamento.

— Você precisa de um lugar para morar — ele continuou, ignorando completamente as recusas dela. — Tenho um quarto desocupado. É a solução perfeita.

— *Eu estou* procurando um lugar — respondeu uma falsa loura com delineador demais nos olhos.

— Você precisa de uma bebida? — Tessa perguntou enfaticamente, absorvendo as vibrações de ódio da falsa loura. A loura conseguiria superar aquilo, especialmente considerando o jeito que o sujeito atrás dela mirava o traseiro. Então Tessa voltou a atenção para Gabe. — E você, não tem um bar para tomar conta? Veja só o pobre Cain, ele está... — Tessa deu uma olhada para a parte de trás do bar, reparou que Sean havia descartado o paletó e gravata que costumava usar e estava trabalhando ao lado de Cain. Pelo menos uma vez na vida ela tinha de ter razão. Uma vez só. Seria pedir demais?

Quatro sedentos funcionários da companhia de energia de Nova York estavam lado a lado no balcão, e ela preparou quatro *mojitos*, triturando as folhas de hortelã com um pouco mais de força que o necessário. Pena abjeta costumava deixá-la assim.

— Vou lhe ajudar aqui um pouquinho — ele explicou, bem quando a garçonete, Lindy, apareceu com um monte de pedidos de bebidas, não deixando espaço para papo furado.

— Rum Meyer — Gabe gritou.

— Pode deixar — respondeu Tessa, jogando a garrafa para ele.

Gabe fez um malabarismo com a garrafa pelas costas, pôs o rum na taça e, antes que se pudesse pronunciar a palavra "*exibido*", ele já havia misturado um *mai tai* belamente construído.

Tessa, que nunca foi de deixar por menos, fez cara feia e jogou o copinho de uma dose no ar, fazendo girar quatro vezes e meia, só para garantir. Os caras da companhia de energia aplaudiram com gosto. Tessa sorriu diretamente para Gabe. Sim, ela era capaz. Uma bartender das boas, capaz de fazer milagres. E que estava prestes a se tornar uma desabrigada.

A não ser que ela aceitasse a oferta de Gabe.

Sentindo a fraqueza momentânea dela, ele se debruçou sobre o balcão em frente a Tessa e sorriu de um jeito que era infalível: despedaçava corações e garantia gorjetas de cinquenta por cento.

— Você precisa de um lugar para morar, Tessa. Não pode morar na rua.

Sim, faça com que ela pareça que já está na rua da amargura. Tessa afastou o cabelo desgrenhado do rosto e o encarou com dignidade. De mentira, mas com dignidade, contudo. Tessa era, sem dúvida, orgulhosa.



— Eu poderia ser uma gatinha ou cadela abandonada na rua pelo dono desalmado e você me receberia. Você é molenga demais. Conheço você, Gabriel O'Sullivan.

— Você não é nenhuma cadela abandonada.

— Obrigada pelo elogio.

— Vamos lá, Tess. Faz sentido.

Ela não precisava daquela conversa no momento, mas tudo bem, se ele queria explorar as miríades de razões por que ela não deveria se mudar para o apartamento dele, então ela iria enumerá-las. A começar pelo óbvio.

— Você é homem.

Ele não revirou os olhos, mas poderia tê-lo feito.

— Sim. — Gabe falou com tanta facilidade, como se seus atributos físicos não fossem nada demais.

Mas era isso que o tornava tão irresistível. Cabelos castanho-escuros que tinham tendência a encaracolar na nuca; olhos azuis que enrugavam nos cantos; não era alto demais e nem baixo demais; não era grandão, mas também não era magro; e os lábios fartos exibiam as curvas de um perpétuo sorriso. Ele se dizia comum. E em comparação ao potente magnetismo animal de Sean, era mesmo, mas não havia mulher que não se derretesse por aquele charme simples. Ah, ele sabia muito bem o que causava nas mulheres.

Tessa lhe lançou um olhar cético.

— Eu sou mulher.

Ele entregou três *cosmopolitans* para Lindy, sem perder o ritmo.

— Aqui está.

— Não podemos morar juntos em tranqüila harmonia platônica. É impossível. — Tessa já havia dividido apartamento com uma enorme variedade de pessoas, todas elas mulheres. E talvez considerasse a hipótese de dividir com um homem que não fosse lá tão homem assim... Mas com Gabe? Não. Era pedir para arrumar confusão.

Sean se inclinou em frente a ela, sentando-se perto de uma morena lindamente vestida.

— Achei que você estivesse trabalhando — disse Gabe.

— Eu estava lhe fazendo um favor, mas peguei o telefone que queria e agora não estou mais. Agora estou apenas batendo papo com meus familiares e amigos e escutando essa conversa fascinante sobre as trapalhadas da libido humana. Homem e mulher morando juntos é um grande erro.

Gabe sacudiu um *martini* de vodca.

— Com Tessa? Não estou preocupado.

Tessa tossiu, tinha o equivalente emocional de uma bola de pêlo entalada na garganta.

— Não sei como agüento este lugar.

Gabe lhe dirigiu um sorriso tranqüilo e, por um segundo, a semelhança entre Gabe e Sean ficou indiscutível. Sean era maior, mas corpulento, falava palavrão como um marinheiro, tinha um nariz que já fora quebrado em duas brigas de bar desde que ela o conhecia, mas de alguma forma ele estava sempre impecável de terno e gravata.

— Você agüenta porque nós gostamos de você e porque você é a preparadora de

mojitos mais rápida deste lado do Atlântico — disse Gabe. — Sean, diga a ela que deve vir morar comigo.

Sean apoiou o queixo na palma da mão.

— Por que eu iria contribuir para isso e perder nossa melhor preparadora de *frozen drinks* e principal assistente de bartender quando Tony falta ao trabalho? Tenho cara de idiota? Ah, não, Gabe. A questão é pessoal. Eu gosto de Tess. Quero que ela fique trabalhando conosco e seja bem paga, para que eu possa paquerar as freguesas enquanto ela fica trabalhando feito louca, com esse bumbunzinho bem-feito para lá e para cá. Se ela for morar com você, os dois vão ficar juntos o tempo todo. Vão ficar se apalpando, se afagando... — Sean ilustrou fazendo movimentos explícitos com as mãos. — Aposto um bom dinheiro nisso.

Tessa estrategicamente evitou olhar para Gabe.

— Eu devia processar vocês dois. Seus machistas pervertidos.

— Vamos lá, Tess — Gabe insistiu. — Você sabe que é a solução perfeita. Vai ser temporário.

— Esqueça temporariamente também a idéia de fazer sexo — Sean acrescentou. — Dividindo apartamento com a Tessa Coração de Ouro aqui, pode dizer adeus a isso. Mais um motivo para dizer que é péssima idéia.

Sean tinha apenas parte da razão e Tessa corrigiu o ataque ao caráter dela.

— Eu jamais interferiria nas atividades pessoais da pessoa com quem divido apartamento. Hailey, com quem dividi antes de Janice, tinha três namorados e nenhum deles sabia do outro, mas eu sabia de tudo, claro. Eu odiava aquilo. Todas aquelas mentiras e fingimento. — Ela pôs a língua para fora. — Blargh!

Sean endureceu a expressão no rosto, passando para um clima totalmente *Law & Order*.

— Então você chega em casa e Gabe está se atracando com alguma coisinha tenra no sofá. O que você faz?

— Que horas são? — perguntou Tessa, servindo um Jack Daniel's puro para um cara estilo Wall Street de olhos gentis.

— Que importa? — perguntou Gabe.

— É importante. Se ainda estiver de dia, e sob restrições de produtividade da sociedade civilizada; ou seja, hora de Tessa estudar; então não quero saber o que está fazendo quem mora comigo. Fico estudando, senão nunca conseguirei me formar.

— Quanta frieza.

— Você ainda não morou com a quantidade de pessoas que eu morei. E preciso ter regras e ordem, senão você enlouquece. Vocês moram sozinhos. Em breve eu vou morar sozinha também.

Tessa terminou com um suspiro, visualizando-se subindo os imensos degraus de pedra na portaria do edifício onde teria o tão merecido apartamento, acenando para o porteiro antes de entrar no elevador antigo e exótico que tremia ao passar do terceiro andar. Após chegar sã e salva ao andar, ela abriria a porta do paraíso solitário onde poderia tocar o CD da Cher, aquele que ela escondia de todo mundo, e se jogaria em uma poltrona coberta por um pano de algodão azul. Um grande gato malhado lhe pularia no colo e se aninharia ao sol da tarde, ronronando como um vibrador, o qual também

compraria se morasse sozinha.

Havia muitas vantagens em morar sozinha. A maioria das pessoas não valorizava isto. Tessa, que sempre tinha alguém por perto para acabar com o leite, valorizava a solidão como algumas mulheres valorizavam sapatos caros. E no edifício Hudson Towers teria o apartamento que queria, além de poder pagar sozinha o aluguel. Bem, não neste exato momento, mas em muito breve. As economias estavam aumentando, e assim que ela tirasse o diploma, ainda devendo quarenta e seis horas de aulas, estaria pronta.

Gabe pegou uma garrafa de Grey Goose e serviu uma dose.

— Bem, no momento você precisa de uma pessoa para dividir apartamento, e acho que podia se ajeitar comigo até encontrar alguém que não vá dar no pé de última hora outra vez. Ela balançou a cabeça.

— Você precisa abrigar todas as mulheres que conhece?

— Precisa, sim — Sean respondeu, e enfiou um pedaço de aipo na boca.

— Ao menos pense na idéia — Gabe disse. — E se você está pensando em acampar no almoxarifado até achar um lugar, pode esquecer, Tessa. É contra a lei.

— Em que estado?

— No meu estado. No meu bar. Meu estado. Minhas regras.

Tessa jogou uma fatia de limão em direção a ele. Não que fizesse diferença. Ela já estava vendo tudo. A cinco dias de ter de se mudar, realmente não tinha muita escolha.

Gabe serviu drinques a noite inteira, um monte de *cosmopolitans* para um monte de mulheres, todas à procura do Homem Certo ou do Homem Errado, e um monte de homens solteiros que ficavam no rastro. Sim, era uma vida dura. Na verdade, era a única vida com que sonhava. O bisavô de Gabe fizera a coisa certa. Em 1928, a família O'Sullivan vendia bebidas ilegalmente durante a Lei Seca depois que o bisavô morreu aos 53 anos. Por mais surpreendente que parecesse, a esposa assumiu tudo e dirigiu o local até a lei cair em Nova York outra vez.

Os anos se passaram e gerações de O'Sullivan trabalharam no bar. Uma geração após a outra tocando o negócio. Durante a Segunda Guerra, a avó de Gabe dividiu o bar em dois imóveis, ficando com um e vendendo o outro, que até meses antes tinha sido uma mercearia. O pai de Gabe, Thomas O'Sullivan, ignorou os negócios da família e resolveu ser jornalista até morrer de ataque do coração aos 56 anos.

Gabe herdara o sonho do bisavô, um sonho que fora passado ao avô, ao tio e, finalmente, a Gabe. Quando criança, trabalhava detrás do balcão do bar ilegalmente, o que só tornava tudo ainda mais doce. Onde mais uma criança poderia tirar fotos com Yankees de Nova York e Teflon Don? Só mesmo no Bar dos O'Sullivan.

Depois da morte do tio, Gabe teve quatro empregos para poder pagar os impostos atrasados e manter o lugar aberto e, mesmo assim, precisou da ajuda financeira dos irmãos. Mas as coisas funcionaram e *voilà*, lá estava ele. Ele deu uma atualizada na decoração, mudou o nome de Bar dos O'Sullivan para Prime e agora estava misturando doses de drinque de gelatina para sete mulheres adoráveis esperando ansiosamente em fila para pagá-lo, dando gorjetas de mais 20 dólares e escrevendo os números dos telefones em guardanapos. E qual seria o próximo passo no império de hospitalidade de Gabe O'Sullivan? Restauração completa do bar, incluindo a reaquisição do espaço original ao

lado.

Considerando o histórico médico dos genes dos homens da família O'Sullivan, Gabe percebeu que não tinha tempo a perder.

Piscou para um espécime particularmente adorável de cabelos negros como carvão e olhos cor de mel que eram promessa de bons momentos. Jasmine, ele pensou, e lhe passou uma taça de vinho.

— Você está linda hoje. Por que não há uma fila de cinco caras querendo lhe pagar um drinque? — Não foi a cantada mais criativa do mundo, mas ele não estava querendo cantá-la, só queria que ela gostasse do bar dele.

Tessa caminhou por trás dele e lhe deu um tapa no bumbum, e ele, que estava indo pegar um copo limpo, nem se deixou abalar.

— Não ligue para ela. Está loucamente apaixonada, mas continuo dizendo a ela que não.

Tessa murmurou algo incompreensível, provavelmente algum insulto, e foi trabalhar do outro lado. Depois que Jasmine foi embora vieram Amy do *cosmopolitan*, Lauren do *daiquiri* de banana, Rachel do *kamikaze*, Vicki do *cosmopolitan* e, por um breve momento, Todd do uísque *Wild Turkey*. As horas voaram, como sempre acontecia em noites agitadas, e Gabe continuava como se não fosse nada.

Houve poucas intervenções, como sempre. Duas identidades falsas, um freguês que resolveu que Lindy precisava mostrar mais generosidade no decote e uma dupla de fãs do Red Sox que não entendera que quando se está em território dos Yankees é melhor calar a boca ou se entupir de cerveja. Previsível, mas jamais entediante.

No final das contas, deu meia-noite no relógio e o bar esvaziou um pouco, ficando menos caótico. Do canto do olho, Gabe reparou em Cain dando uma nota de vinte para Seth no fundo do bar, o que só podia significar uma coisa: havia uma nova aposta no quadro de avisos no andar de baixo.

Gabe desceu até o porão onde ficavam, além do quadro de apostas, cozinha, escritório, almoxarifado e banheiros. Como era de se esperar, uma folha branca de papel estava pregada e desenhada com uma grade cheia de quadrados com números e letras. Não obstante, nada que indicasse a aposta. Quando iriam aprender a apostar direito? Amadores.

Enquanto aproveitava a calmaria, Gabe começou a empilhar engradados de cerveja e logo Cain desceu também, e acrescentou mais um quadrado à grade. Cain era tranquilo e grandalhão, um bombeiro de Nova York que trabalhava de bartender no fim de semana para sobreviver. Todo mundo imagina que homens que arriscam as vidas entrando em edifícios em chamas ganham bem, mas não. Gabe não se importava, pois julgava o homem pela rapidez em misturar um *martini*, e Cain era quase tão bom quanto Tessa. Quase.

— Qual é a aposta? — Gabe perguntou.

— Você não vai gostar de saber — disse Cain, colocando um monte de copos na lava-louças.

— Vou, sim.

— Foi idéia do Sean.

O que não era nada animador.

— Qual é a aposta?



— Quanto tempo você e Tessa vão levar.

— Dividindo apartamento?

— Para ir para a cama.

Gabe sentiu uma pancada na cabeça, em nada diferente de um soco real.

— Está brincando, não é?

Cain olhou para ele com o rosto inexpressivo.

— Não. Quer apostar?

Gabe engoliu em seco. Havia mulheres com quem Gabe tinha ido para a cama, e outras com quem Gabe não tinha ido. Na própria cabeça, Gabe já havia coberto o corpo de Tessa com um hábito e um véu, afastando qualquer pensamento suarento e penetrante para bem longe. Viera para Nova York ainda com as cicatrizes do último relacionamento. Se você pensa que em quatro anos ela já havia se recuperado, pensou errado. Tessa não era como as outras mulheres. Tinha objetivos definidos, um foco estranho e peculiar que dava à vida, foco este que excluía os homens, razão pela qual era a única mulher que ele cogitaria para dividir apartamento, e só por causa do hábito de freira e do véu de santa já mencionados. Não era nada difícil manter as coisas platônicas quando se mora com a Madre Teresa.

Todavia, no momento passava de meia-noite e Gabe já havia ganhado quatro calcinhas, 17 números de telefone e diferentes propostas sexuais e, tudo bem, tinha de reconhecer, estava um pouco excitado. Sempre acontecia à medida que ia anoitecendo. Nada demais.

Gabe cobriu Tessa mentalmente com o hábito de freira, ordenou ao volume na região pubiana que voltasse ao normal e emplastrou o rosto com um sorriso sossegado.

— Vocês não falaram nada com Tessa, não é?

— Está brincando, não é? Ela até fez uma aposta.

Ah, Deus. O hábito de freira e o véu de santa foram caindo lentamente, mas Gabe manteve aquele maldito sorriso no rosto.

— Pobrezinha, vou ter de decepcioná-la com cuidado. Quanto tempo ela achou que levaria?

— Dia 31 de fevereiro. Última aposta, logo aqui. — Cain apontou para o quadro onde a data 31/02 estava desenhada caprichosamente com tinta preta.

— Ela disse isso?

— As palavras exatas dela não foram nada ambíguas, mas você tem ego frágil. Quer apostar? O prêmio está aumentando.

Gabe continuou a empilhar os engradados com impressionante energia comprimida.

— Não vou encorajar moralmente que façam jogos de azar em meu bar.

— E as apostas do Super Bowl, da Loucura de Março, além daquela aposta de qual freguesa aumentaria os seios primeiro?

Aquele lapso de julgamento custou a Gabe lindos duzentos dólares. E quem diria que os Yankees iriam se dar mal na última hora?

— Cale a boca, Cain.

— Tenho de subir. Lindy não pode dar conta do bar sozinha.

— Tessa já foi? Eu queria falar com ela antes disso.

Cain deu de ombros.



— O turno dela já terminou. Ela foi. Se você correr, talvez a alcance antes que ela chegue à estação do metrô.

Gabe engoliu o palavrão que quase disse e saiu em direção à longa e solitária escuridão que era Manhattan à meia-noite. O ar do lado de fora estava frio e revigorante e era delicioso depois de ficar enfiado no bar por tanto tempo.

Virando a esquina e descendo dois lances de escada se chegava à estação, ocupada pelos fregueses de sempre. Um grupo de festeiros tentando voltar para Jersey. Um saxofonista medíocre tocando o que ele chamava de *blues*. Uma garotada voltando para casa. Um grupo de turistas estrangeiros tirando fotos. E sim, lá estava Tessa, sozinha, esperando o trem.

— Por que sempre faz isso? Você sabe que um de nós deve trazer você aqui.

— Desde que Giuliani passou a ser prefeito que eu não preciso mais de proteção para caminhar no escuro. Além disso, tenho meu spray de pimenta. Eles sabem que não podem comigo.

— Mesmo assim.

— Por que você veio aqui de verdade? — Ela perguntou a ele com bastante paciência. Esta era Tessa. Nunca descompensada. Ele a olhou bem, procurando algum tipo de fraqueza, mas não encontrou nenhuma, o que por alguma razão sempre o surpreendia. Não que ela fosse dura. Ah, não. Tessa era toda delicadeza e sorrisos, mas sempre se mantinha a alguns passos de distância do mundo masculino. Inclusive de Gabe.

De toda forma, havia algo de estranhamente vulnerável na combinação dos cabelos castanhos maltratados que jamais viram um corte decente, as maçãs do rosto pronunciadas e afiadas. Como se ela fosse uma pintura semi-pronta ou uma ponte em construção.

Uma obra em progresso. Isso era Tessa também.

Os olhos verde-verão pareciam cansados, mas ela ficava mexendo os pés para frente e para trás, ainda cheia de energia, voltando para um apartamento que deveria ser entregue em cinco dias.

— Quero resolver os detalhes de uma vez antes de você ir para casa. Eu já combinei com Danny e ele vai me substituir na segunda-feira o dia inteiro, então acho que podemos ir. — Ele na verdade tinha ido lá para ver se ela estava desconcertada por causa da aposta, mas ela não parecia preocupada. Então se ela não estava preocupada, ele tampouco estaria.

— Você sabe que é temporário.

— Pelo tempo que você precisar. Eu não uso mesmo aquele quarto. Posso pôr tudo no depósito amanhã.

— Não ouse tocar em nada. Não vou ocupar espaço nenhum. Além do mais, é por pouco tempo. Não vou alterar seu estilo. Tudo o que me importa são meus estudos, Gabe. Deixei alguns anúncios no campus e na internet, então tomara que algo apareça logo e eu saia da sua cola. Três semanas, no máximo.

— Não importa quanto tempo você vai ficar. Você sabe disso.

— Sim, eu sei disso, e você é um doce de homem, mas preciso tomar conta de mim.

— Não sou um doce de homem, você sabe disso.

— Vai me deixar mudar sozinha, Sr. Amargo? Gabe enfiou as mãos nos bolsos.



— O que tem de móveis?

— Uma cama de viúva, uma mesa de cabeceira e alguns livros — ela respondeu com um sorriso extremamente doce.

— Ah, sim, vamos precisar de sete minutos para carregar tudo. Vou pegar o caminhão de Cain emprestado e chego lá às dez.

As luzes do trem apareceram no túnel e ela ficou na ponta dos pés, plantando-lhe um beijo amigável na bochecha.

— Você é mesmo um doce de homem.

— Não sou um doce de homem. Tessa apontou para os trilhos.

— Olhe, aquela velhinha... Está sendo assaltada! Gabe começou a correr, mas a gargalhada de Tessa o fez parar no meio do caminho.

— Enganei você!

Ele caminhou de volta e lhe deu um tapa no braço.

— Eu ia limpar o lugar para você, mas agora não vou mais.

As portas do trem se abriram e ela acenou antes de entrar.

Gabe não se deu ao trabalho de retribuir o aceno. *Doce de homem uma ova.*

CAPÍTULO DOIS

O dia da mudança foi sopa no mel. Claro, só pode ser assim se todas as suas posses materiais cabem dentro de três caixas. Tirando a decrepita cama dupla para a qual Gabe lançou um olhar de profundo desdém, o que não era muito estilo dele. Ela não gostava que ele ficasse julgando os bens que tinha, ou a falta deles, de modo que Tessa reclamou um pouco mais do que teria reclamado se ele não tivesse olhado daquele jeito.

Janice, com quem dividira o apartamento, já havia se mudado, e o espaço estava deprimentemente vazio. Tessa ignorou a sensação igualmente deprimente nas próprias vísceras. Mudar era sempre uma nova aventura. Outra mudança de endereço e outra aventura dissipada.

Pelo menos uma vez, ela queria sentir que estava mudando de endereço por uma boa razão, que seria algo positivo, motivo de orgulho.

Gabe, sem sentir o turbilhão emocional de Tessa (o que era típico dos homens), caminhou de um lado para outro, olhando a frágil armação de metal e cutucou o colchão com o dedo.

— Isto aqui é a sua cama?

Era estupidez se aborrecer por causa de um colchão que devia estar na lata de lixo, mas ao ver Gabe fazendo um inventário mental da vida dela a lembrava do quanto ainda tinha de conquistar.

— Um colchão leve é mais fácil de transportar. — Ela o jogou sobre um dos ombros para demonstrar.

— Viu?



Ele não arredou pé.

— Isto não vai lá pra casa.

— É a minha cama. Onde vou dormir?

Gentilmente, Gabe desarmou o aperto firme dos dedos dela no colchão.

— Vou comprar um colchão tipo *futon* para você.

— Detesto estes colchões — ela começou, mas parou e deu um suspiro. Não havia razão para mentir, ela adorava esse tipo de colchão. — Não quero que você fique comprando móveis para mim. Eu posso comprar. — E podia. A poupança estava surpreendentemente fornida, considerando a falta de móveis e roupas da moda. Tessa tinha prioridades. Em outras palavras, o perfeito apartamento de um quarto no edifício Hudson Towers.

E era perfeito. Um edifício anterior à guerra na avenida West End, Com um conselho de condôminos que por um lado barrava a entrada de canalhas em geral, mas por outro nem era tão rígido assim. Aluguéis razoáveis e taxas de manutenção em média sete por cento mais baixas que o padrão. Havia reformado as áreas comuns quatro anos antes, ampliando o uso das janelas e iluminação natural. O lugar tinha um porteiro que fazia meio-expediente, Rodney, o que era bem mais sensato do que contratar um porteiro em tempo integral para passar o dia todo com o traseiro na cadeira e encarecer o valor dos aluguéis.

Ah, um dia...

— Tem certeza de que pode comprar uma cama? — Gabe perguntou, afastando-a das fantasias de apartamentos. Ela não havia planejado comprar uma cama nova, mas a velha estava nas últimas, literalmente. Ela fez que sim com a cabeça e ele jogou o colchão no canto.

Então ela pegou um engradado e foi em direção à porta.

— Primeira regra básica: não ficar mais zombando das coisas de Tessa. Respeite os limites e nos daremos bem.

Ele abriu a porta para ela, seguindo educadamente atrás.

— Combinado. Agora vamos para casa.

O edifício de Gabe era pós-guerra, tinha elevador e ficava no Upper East Side. O exterior era um pouquinho anos 70 demais para o gosto dela, mas como ele já possuía aquele imóvel fazia dez anos e certamente estava na casa dos sete dígitos, ela achou que devia dar um desconto. Por causa disto, mais a total economia de aluguel, já que era de graça. Aquela foi outra discussão na qual ela perdeu. Todavia, como prêmio de consolação, ele deixaria que ela comprasse o almoço.

Havia um porteiro em horário integral, Herb, que tinha tantos esteróides no corpo que o rosto exibía uma sombra permanente da barba sempre nascendo. Quando chegaram ao andar de Gabe ela reparou na bela vista, sem edifícios-garagem bloqueando a paisagem do East River.

No geral, o apartamento era como ela imaginava. Um legítimo dois-quartos, não um daqueles apartamentos de um quarto grande transformado em dois. A sala principal tinha todas as coisas básicas e essenciais: televisão, sofá e mesa de jantar, em sua maior parte coberta por jornais. A cozinha era estilo cozinha de navio e certamente não dava para dois.

Todavia, os utensílios estavam mais ao alcance das mãos do que ela estava acostumada.

— Você consegue morar aqui? — ele perguntou, depois que ela examinou quarto por quarto.

Ela caminhou ao redor, pensativa, mantendo uma expressão neutra no rosto, querendo deixá-lo nervoso.

— Sim — respondeu baixinho.

Ele se encostou à parede, bem longe dela, mas não o bastante. Ela estava acostumada a ele no trabalho, mas agora a sensação era outra. Mais íntima. Se não fosse aquela aposta idiota, ela nem mesmo estaria nervosa.

Houve um silêncio, um silêncio desconfortável. Um silêncio que ela normalmente teria preenchido, a não ser pelo fato de que sabia que ele não iria reparar, já que ela nunca foi de muita conversa fiada. Ele cruzou os braços sobre o peito, sem parecer minimamente afetado. É claro que estava acostumado ao silêncio. Estava acostumado a morar sozinho. Ele. Gabe.

Tessa sentiu de novo: um súbito sobressalto no estômago, como se estivesse voando ladeira abaixo. Ela procurou afastar a sensação. A vida era muito cheia de altos e baixos e esquinas barulhentas, e ela não deixaria frio crônico na barriga arruinar tudo. Aquilo era temporário. Muito em breve ela sairia da cola de Gabe. Pôs um sorriso atrevido no rosto e olhou para os lados, para qualquer parte que não para ele.

— Está ótimo. Escute, eu preciso estudar — ela disse, e saiu prontamente do recinto.

Quatro horas depois ela já estava pronta, sentada no colchão futon novinho em folha. Foi pega de surpresa pela centelha de medo que sentiu mais cedo. E não era só medo. Não, era o terrível medo dos homens. As implicações de morar com Gabe haviam subitamente lhe atingido em lugares onde ela não gostaria de senti-las.

Denny fora o único homem com quem ela *morou* na vida, e naqueles dias de juventude e inocência ele a convencera de que não precisava se preocupar com o futuro. Faculdade? Nada disso. Se ela simplesmente se casasse com Denny Ericson, todos os sonhos se tornariam realidade. Então Tessa adiou a universidade, pegou um emprego de meio-expediente como bartender e começou a passar os dias se bronzeando nas praias ensolaradas da Flórida. Mas então chegou o aniversário de 22 anos. Denny disse a ela que a relação tinha ficado sem-graça e que ele estava pronto para partir para outra, pois ficar com uma mulher só a vida inteira não fazia o tipo dele. Mandou-a pastar aos 22 anos.

Sonhos podiam se realizar? Pois sim. Pesadelos, isso sim.

Desnecessário dizer que os últimos quatro anos se passaram sem homem nenhum. Nada de compromissos, nada de sonhar com homens e, sim, houve momentos em que ela sentiu impulsos passageiros, mas nada que durasse. Na condição de bartender, é de se esperar cantadas de alguns fregueses. Aprende-se a reprimir os desejos ou a satisfazê-los. Tessa sempre foi de reprimi-los.

E, para ser honesta, também tinha desejos por Gabe, pois, bem, ela não era nenhuma cega, nem idiota, e Gabe era...

Ah, Deus. Morar com ele ia destruir-lhe a concentração nos estudos.

Até o quarto dela transbordava a presença dele, e ele nem estava lá. Ela sentiu-se como uma intrusa neste lugar que era tão obviamente dele.



Havia uma mesa de metal no canto, cheia de fotos da família O'Sullivan e papéis empilhados quase até o teto. Perto da janela, um banco de levantamento de peso e no outro canto uma coleção monstruosa de vinis dentro de caixas. A primeira coisa em que ela pensou foi dar uma olhadinha, mas isso seria uma violação de todas as regras de privacidade que ela tanto prezava ao dividir apartamento com alguém.

Não, ela ia estudar, então Tessa cobriu o rosto com o livro de contabilidade, bloqueando todas as tentações. No final, seu método "fundo de amortização" de depreciação a trouxe de volta à fria e monótona realidade. E então, para trazê-la de volta à realidade de vez, a mãe dela ligou.

— Oi, mãe — ela disse, parando de fingir que estava estudando para dar uma olhada nas fotos da família O'Sullivan.

— Como soube que era eu? Estava pensando em sua mãe favorita?

— Identificador de chamadas, mãe. — Sua mãe era uma ferrenha opositora da tecnologia, mas Tessa a perdoava por isto.

— Seu telefone foi desligado.

Soltando um pesado e audível suspiro, Tessa pôs na mesa o porta-retrato com a foto de três garotos morenos em uniformes da Little League.

— Eu me mudei, mãe — ela disse, e gesticulou com os lábios a pergunta "de novo".

— De novo? *Argh*.

— Mãe, você não entende o mercado imobiliário de Manhattan. Os aluguéis estão sempre mudando, as taxas aumentam, os aluguéis passam a ser controlados por cooperativas do dia para a noite. Você tem que ficar ligada, pronta para lidar com qualquer situação que apareça.

— Isso implica que a pessoa possa lidar com o que quer que apareça.

— Quanto tempo faz que eu moro sozinha?

— Você está em Nova York faz quatro anos, mas nunca morou sozinha. Devia voltar para a Flórida, Tessa. Sua família está aqui e pode lhe ajudar.

Tessa voltou para o conforto do *futon* e encostou a cabeça na parte de madeira. Aquele papo era mais batido do que andar para frente.

— Obrigada, mãe, mas não. Amo você, a Flórida é ótima, mas estou bem aqui. Honestamente.

— É que eu fico preocupada. Se algo acontecer, quem vai tomar conta de você? Está comendo direito?

— Carne defumada e pão de centeio no almoço.

— Está dormindo direito?

— Ah, sim — Tessa respondeu, contendo um bocejo.

— E como vão as aulas? — A mãe jamais aprovara a insistência de Tessa em se formar, o que só significava uma coisa: havia algum motivo oculto para esta conversa, e ela provavelmente não ia gostar nada deste motivo.

Hora de passar da energia negativa para algo positivo, como desligar.

— Vão bem. Escute, mãe, eu tenho prova esta semana e preciso estudar. Nós nos falamos depois. Tchau.

Por não gostar da idéia de ficar mentindo para a mãe, abriu o livro de contabilidade e voltou a ler. Entretanto, a concentração estava voltada para outra parte, fuçando a coleção



de discos dele, olhando as fotos. Em suma, sendo aquilo que ela mais detestava, ou seja, uma enxada. De modo que Tessa encheu a bolsa de livros, enfiou umas sandálias de dedo nos pés e foi até a porta.

Dormindo tranquilamente no sofá da sala, sem uma preocupação na vida, estava a fonte da falta de concentração dela. Devia ser maravilhoso tirar uma soneca à tarde. Os lábios se curvaram em um sorriso enquanto ela o observou dormir. Ele era a única coisa constante na vida dela desde que se mudara para Nova York, mas jamais o vira dormir. O peito dele levantava e abaixava ao respirar, com um ronco confortável, baixo e constante. Ela tinha de zombar dele depois dessa. Havia uma manta pendurada em um dos braços do sofá, com a qual ela o cobriu.

Instantaneamente os olhos azuis nebulosos se abriram.

— Algum problema?

Tessa deu um pulo para trás, flagrada com a boca na botija, invadindo o espaço dele.

— Estou indo para o Starbucks.

Gabe pareceu não perceber a transgressão dela e esfregou a testa com dois dedos.

— Ótimo. Pode me trazer um café?

— Vou estudar e depois vou direto para a aula.

Ele sentou-se, jogando a manta para o lado e Tessa deu outro passo para trás. Uau, onze metros quadrados podia não significar nada às vezes.

— Pode estudar aqui. Instale-se na mesa ou na escrivaninha do quarto dos fundos. Posso pôr minhas coisas no chão.

— Estou com dificuldade de concentração. É uma tática de autodisciplina. Quando vou à cafeteria, sei que estou lá para estudar.

— Algumas pessoas vão lá para tomar café. Plebe que não sabe de nada.

Ela quase lhe passou um pito, mas ele levantou a mão.

— Já sei, já sei. Não vou me meter. Espaço pessoal. Desculpe. Isso é novidade para mim. E quanto ao jantar? Estou pensando em massa ou comida tailandesa.

— Não se preocupe comigo. Vou comer um sanduíche depois da aula. E, para sua informação, volto lá pelas sete, caso você queira sair e, ahn, arrumar companhia ou algo assim.

Ele contorceu os lábios.

— Claro.

A aula de contabilidade de Tessa era na Universidade Knightsbridge em Queens, que dava vista para a Baía de Flushing. Quarenta pessoas na turma. Alunos jovens, alunos velhos, uma ampla variedade étnica de todas as classes. Tessa jamais duvidou da própria capacidade de se dar bem até de olhos fechados naquela aula, mas...

A prova da semana anterior fora a primeira do menu, e o professor Lewis ficava andando para lá e para cá entre as fileiras, entregando papéis sem um sorriso nem um cenho franzido. Ao chegar perto de Tessa, ele franziu o cenho.

Ela franziu também.

A cara feia dele ficou ainda pior ao ver o gordo e vermelho "D" rabiscado no alto da prova. Aquilo tinha de ser um engano, porque ser reprovada não estava nos planos dela.

Ela esperou pacientemente enquanto ouvia a bronca, certificando-se de que tinha

lido direito. Quem sabe não era um "B" mal desenhado? Mas não, não havia engano algum.

Depois que o relógio marcou a hora de saída e os colegas de sala começaram a sair, Tessa foi até a mesa do professor com pernas levemente bambas, procurando lembrar-se de que encarava bêbados agressivos às três da madrugada. Aquilo não seria problema. O professor Lewis já passara bastante da meia-idade, tinha um rosto magro e avermelhado, que indicava um longo caso de amor com uísque, provavelmente.

— Gostaria de falar com o senhor sobre a prova — disse Tessa, dando abertura para que ele imediatamente corrigisse a nota.

Ele deu uma longa olhada para o relógio, como se estivesse pronto para sair, e então começou a bater com a caneta-borracha na mesa. *Sinto muito, colega.*

— Não há muito que dizer, srta. Hart. Você se atrapalhou com conceitos elementares. Fiquei horivelmente decepcionado com seu trabalho. Abaixo da crítica. Tem certeza de que estudou?

— O resto do pessoal também não se saiu igualmente mal? — ela perguntou, pois passara três dias repassando fórmulas e podia sentir a pressão subindo, talvez de raiva, mas mais provavelmente de mortal ansiedade.

— Na verdade, a média geral foi bem alta.

Ou seja, a nota era "D", mesmo. *Droga.* A pressão aumentou ainda mais.

— Escute, acho que o senhor não entendeu — ela disse, tentando não deixar a voz ficar embargada. — Não posso tirar "C" nesta matéria, muito menos "D". Tem de ser "A" ou "B", porque se eu sair da universidade com um coeficiente do aproveitamento baixo, ninguém vai me aceitar. E a esta altura da minha vida eu realmente preciso fazer planos para depois de me formar. Preciso de um futuro. Preciso de uma carreira.

— Já passei por isso.

Ah, aposto que já. Típico bebedor de uísque, sempre pensando em si.

— Posso resolver isso de alguma forma?

— Estude bastante para a prova final, srta. Hart. Assim as notas em seu diploma ficarão limpas.

Tessa enfiou a prova no fundo da bolsa de livros.

— Obrigada — ela murmurou trincando os dentes, e saiu.

A faculdade não era para ser tão difícil assim. Ela tinha sido aluna exemplar no segundo grau. Aquela era uma faculdade que não chegava a quatro anos de curso. Todos lhe disseram que seria fácil. Sean disse que ela ia concluir o curso com louvor. Então por que estava tendo problemas?

Tessa pensou em voltar para o apartamento de Gabe, mas ainda não estava em pleno controle. Aprova estava abrindo um buraco de fogo na bolsa. Ela teria de dar um jeito de convencê-lo que estava tudo às mil maravilhas. Então agiu como sempre fazia quando queria retomar o controle: fez a turnê de apartamentos de Manhattan.

Começou pegando a direção sul, Quinta Avenida abaixo, com o sol poente cintilando nas janelas. O edifício favorito dela era o San Remo, com as duas torres brancas ornamentadas que ficavam de guarda sobre o Central Park. Era pura *art deco*, com a classe dos anos 30, a grande dama dos edifícios controlados por cooperativa. Velho, com uma

história mais antiga que a do Carnegie.

Diziam que o conselho do condomínio era menos rigoroso que o do Dakota, mas eles rejeitaram Madonna como proprietária nos anos 80, de modo que mantinham alguns critérios básicos. Havia porteiro noite e dia, uma superabundância de seis ou sete clássicas plantas por andar e um estonteante arco de pedra calcária que se abria sobre a entrada como uma águia majestosa.

Dois quarteirões ao sul ficava o Dakota, "o" endereço em Nova York. As pessoas que moravam lá procuravam um endereço, um destino na vida. Pessoalmente, Tessa achava o edifício supervalorizado, pois parecia mais uma prisão medieval do que um lugar de morar. Não havia personalidade, apenas enfeites exagerados. Quando o sol já havia se posto, ela passou pelo edifício Beresford, Central Park West, 740, e pelo Ardsley. Estes eram os edifícios que desafiavam a gravidade no mercado imobiliário.

Aqueles prédios não eram para ela, não tinham o charme simples do edifício Hudson Towers, mas eram símbolos da cidade. Homem nenhum seria capaz de desfazer as raízes que foram estabelecidas tanto tempo atrás. Olhando para as fachadas de pedra que viram passar tantos anos, tantas mudanças, Tessa sentiu o calmo retorno.

Ela estava lá. Ela ia conseguir.

Ia sobreviver.

Era hora de ir para casa. Ao entrar no edifício de Gabe, o celular tocou outra vez. Desta vez era o irmão, Robert. Agora Tessa estava começando a ficar desconfiada, de modo que sentou-se em uma cadeira na portaria para atender. Sim, a família podia ser excessivamente protetora às vezes, mas não era de falar demais.

— Por que está me ligando apenas três horas depois de nossa mãe?

— Por nada. Só queria saber como você vai.

— Estou bem. Por que não estaria bem, Robert? Por que você acha que eu não estaria bem?

— Não posso ligar para minha irmã para saber como estão as coisas?

— Não, porque você não gosta de ficar conversando. Você não é de se comunicar, a não ser que seja uma emergência.

Tessa ouviu um longo suspiro, o que significava que ela estava chegando perto.

— Não é nada.

— Diga para mim exatamente que nada é este.

— Tudo bem. É Denny.

Denny. O ex-namorado com quem morou. Nada demais.

— A namorada dele está grávida. Eles vão se casar. E agora Denny, o ex-namorado com quem morou, ia virar Papai Denny. Tudo bem que ele não quisesse se amarrar e ter filhos quatro anos atrás. Mas agora? Ah, agora o esperma dele estava voando pelo planeta todo, procriando feliz da vida por vontade própria.

— Que ótimo — Tessa disse, sabendo que ele esperava que ela dissesse algo; ou que ficasse arrasada.

— Você está levando a notícia numa boa.

— Claro que estou levando numa boa. Faz quatro anos, Robert. O tempo cura tudo e minhas feridas já cicatrizaram. Estou tocando minha vida. Mamãe lhe contou que me mudei hoje? O lugar é ótimo. Dois quartos. Porteiro. Fica em um ponto ótimo no Upper



East Side. Nunca morei aqui, nunca achei que fizesse o tipo Upper East, mas acho que vou gostar. — Ela já estava divagando, mas Robert não perceberia.

— Então tudo bem. Estávamos preocupados.

— Comigo? Que saco! Parem de se preocupar — ela disse e desligou antes que o rosto se desfizesse em milhões de pedaços.

Pelos últimos quatro anos ela manteve o foco em apenas uma coisa: se sustentar. Não teve tempo para homens nem para relacionamentos, estas coisas não estavam em seus planos. E lá na Flórida, na tranqüila e alegre Flórida, estava Denny, fazendo sexo com zilhares de mulheres, feliz da vida, sustentando a si, e agora também a esposa e o filho.

Que saco.

Ela acenou alegremente para Herb ao entrar no elevador e sentiu a tentação de sair sozinha para algum lugar, qualquer lugar, para se divertir, para ver o que estava perdendo, mas estava cansada, queria deitar e precisava deitar na cama para nunca mais levantar.

No apartamento, Gabe estava bebendo cerveja e assistindo ao jogo dos Yankees, que estavam ganhando. Típico estilo de vida do americano solteiro. Um homem que não tinha de se preocupar com provas de contabilidade nem com relacionamentos fracassados, e que em geral levava a vida na flauta.

— Como foi a aula?

— Ótima — ela respondeu, e correu para o quarto, fechando a porta e se jogando na cama.

Ela não ia chorar, porque chorar era coisa de quem estava perdido, sem casa ou morava sozinho. Quando se mora com alguém, se aprende a sofrer em silêncio, escutando o coração bater com força, sabendo que as lágrimas estão próximas, mas que é preciso controlá-las e contê-las. Ela pegou o livro de contabilidade, mas as lágrimas começaram a pingar nas páginas, e um livro molhado com certeza não lhe ajudaria em nada a conseguir o diploma.

Ela odiava Denny Ericcson profundamente. Odiava-o por fazê-la pensar que a vida estava resolvida para sempre, só para depois lhe puxar o tapete três anos depois. Ela tirou o cinto da calça jeans e viu a prova permanente da própria idiotice: uma tatuagem no traseiro. O nome D-E-N-N-Y desenhado com lindas letras vermelhas com um cacheado na ponta.

Argh.

Em vez de comemorar o terceiro ano juntos, ela terminou começando tudo de novo. Era uma época em que a maioria das mulheres tinha a vida toda traçada. Tessa enxugou o rosto. Não ia dar a ele a satisfação das lágrimas. Não faria mais isso. É claro que não iria, de jeito nenhum, encarar o amigo com quem dividia apartamento com as bochechas quentes e vermelhas.

Saiu na surdina, pisando devagar no carpete macio do corredor para chegar à segurança do banheiro. Tessa levantou os olhos, se deparou com os olhos de Gabe e foi direto ao toalete, batendo a porta depois de entrar.



CAPÍTULO TRÊS

O primeiro instinto de Gabe foi bater na porta e perguntar o que estava acontecendo. Tessa não era de ficar chorando, não era um redemoinho de emotividade como as outras mulheres do bar. Sempre a vira indo de um lado para outro, pulando de um trabalho a outro ou resolvendo o que a vida lhe trouxesse, e tudo sem perder o equilíbrio. Ele só conhecia outra pessoa com tamanha estabilidade emocional. Ele mesmo. Não, Tessa era uma rocha sólida, de verdade. Razão pela qual ele ficou tão chocado de vê-la tão aborrecida.

Todavia, Tessa fora muito clara em relação a certas coisas. A primeira delas, as regras básicas. Ela queria ter o próprio espaço, e para ele tudo bem, apesar de isto ter sido decidido antes de ela se derramar em prantos. Lágrimas sempre o deixavam nervoso.

Amassou a lata de cerveja que tinha na mão e jogou na lata de lixo do outro lado da sala.

Droga.

Droga, droga, droga.

Ele não estava nem aí para os limites pessoais do momento, de modo que foi bater na porta. Com força, para que ela não fingisse que não estava ouvindo, o que ele sabia que ela ia fazer.

— Tess? Estou ficando meio entediado aqui. Vamos sair, beber alguma coisa. Sabe, comemorar sua primeira noite aqui.

— Vá embora, Gabe. Estou no meu período menstrual.

Ah, que inferno. Quando uma mulher reconhece por livre e espontânea vontade que está de TPM, é sinal de perigo grave pela frente. Ele bateu mais uma vez.

— Deixe-me em paz, Gabe.

— Eu sei que você tem suas regras, Tess, mas ao menos fale comigo.

— Não.

Gabe se controlou para não derrubar a porta, mas agora não era hora de pegar pesado e bancar o homem das cavernas. Precisava lançar mão de sutileza e psicologia. Ele era muito bom nisso, era bartender, e dos bons. Havia um jeito fácil de chegar a Tessa.

— Pode abrir a porta, é minha afinal de contas.

A porta se abriu e Tessa saiu correndo. Ele a agarrou pelos braços antes que pudesse escapar.

— Pare com isso.

Ela olhou para ele de cabeça baixa, os olhos afiados como adagas. Tão elegante e bela e arrumadinha quanto possível.

— Não vou me meter. Não vou perguntar o que está lhe aborrecendo. Mas vou lhe tratar como trataria qualquer amigo que estivesse passado por um dia difícil. Tem uma festa no andar de cima. Sou um cara popular... Desculpe, você vai precisar se acostumar com isso, mas devemos ir. Você vai ter oportunidade de conhecer outras pessoas que moram no prédio, mas cuidado com Stevie Tagglioli: ele é pirado e vai atrás de qualquer coisa que vista saia.



Tessa soltou o braço e ficou olhando para a parede.

— Não estou com vontade de fazer nada. Preciso estudar.

Então esse era o truque. Ela estava bancando a aluna aplicada. Mas havia uma coisa capaz de vencer acadêmicos: a culpa.

— Você vai ser uma chata, não vai? Pensei que seria divertido. Alguém para comer junto, para bater papo no sofá, jogar sinuca... Mas não, pelo jeito você é o tédio em pessoa.

Ela levantou o queixo pequeno, os olhos começando a brilhar.

— Não sou o tédio em pessoa, e é melhor você se lembrar sempre disso.

— Prove. Vamos, vai ser divertido.

— Vai ser um inferno.

— Então vamos nos afundar no inferno juntos? Além disso, tem uma garota no edifício, a Vanessa, que não pára de dar em cima de mim, ela não se cansa. Você pode fingir que está comigo.

E *voilà*. Lá estava. Uma raiva incendiária. Essa era a Tessa que ele conhecia e amava.

— Você quer que eu sirva de escudo para uma pilantra que está dando em cima de você? É só por *isso* que está me convidando?

— Precisa haver outra razão? Ela apertou os olhos, desconfiada.

— Isso não vai dar certo. Agora estamos morando juntos. Se as pessoas começarem a achar que somos um casal, o que vai acontecer se eu quiser sair com alguém do prédio? Vou ter que fingir que estou escondendo de você? Está vendo o tipo de problema que você arruma ao ficar dando falsas esperanças a essas pilantras?

Certo, com essa ela o deixou sem resposta, mas ao menos ela estava sorrindo e contemplando novamente a existência de vida social. Progresso. Com certeza era um progresso.

Gabe congratulou a si em pensamento.

— Quer dizer que vai?

— Não.

— Não pode passar a vida toda trancada no quarto. Precisa sair e se divertir.

— Não tenho tempo para me divertir.

— Todo mundo tem tempo para se divertir.

— Ah, *é, todo mundo* tem tempo para se divertir — ela disse, franzindo os olhos, com a voz mais incisiva, e Gabe não entendeu direito a quem ela estava se referindo exatamente com o "todo mundo", mas sem dúvida ficou contente de não ser ele, pois a julgar pelos punhais no olhar dela, Tessa Hart guardava no peito uma mágoa do tamanho do Brooklyn.

— É exatamente disso que você precisa. Dar um tempo. Tirar uma noite para se soltar. Às vezes você pode ser concentrada demais, Tess, e acaba passando por cima de tudo.

— Você acha que eu passo por cima de tudo?

— Demais — ele disse, e já não sabia mais direito do que estava falando, mas já era um progresso o fato de ela não estar mais furiosa e nem triste.

Ela pegou uma mecha de cabelo e ficou girando entre os dedos.

— Vai ter gente lá? Gente legal?

— Sim, um monte.



Os olhos dela brilharam.

— Acho que você tem razão. Está na hora de seguir em frente, e uma festa com gente divertida é a maneira perfeita de começar.

Ah, sucesso. Que coisa doce. Gabe deu-lhe um sorriso amigável e observou que ela saiu para se trocar já caminhando com o típico jeito saltitante.

Meros dez minutos depois, ela emergiu do quarto dentro de uma minissaia, uma blusa de alcinhas sobre uma camiseta e saltos altos.

Ele olhou uma vez. Olhou duas, e então a vista começou a embaçar. A Madre Teresa tinha ido embora do edifício e a mulher que ficou era... Tessa.

A amiga com quem dividia apartamento.

Pequena, suave e incrivelmente desejável.

Essa não.

Das profundezas mais lamacentas da imaginação se acenderam imagens e, pior ainda, vídeos. E destas imagens se incendiou um desejo físico entre as pernas dele, chegando a doer loucamente. E ainda não eram nem nove horas da noite.

— Que tal? — ela perguntou.

— Ótimo — ele respondeu, porque se dissesse a ela o que estava realmente pensando, tinha certeza absoluta de que alguns limites pessoais seriam violados.

Ele estava acostumado a vê-la de jeans, camiseta com logotipo do Prime e zero de maquiagem. Mas, Deus do céu, naquela noite ela estava pronta para qualquer coisa. Havia uma aura de "faça amor comigo" nos olhos de Tessa que quase deixava Gabe de quatro.

Ele balançou a cabeça de modo meio idiota e foi levá-la à porta, mas para isto teria de tocá-la. E sabia, por mais desvairado e irracional que normalmente fosse, que aquilo não era boa idéia. Então ele soltou a mão e esperou que ela abrisse a porta do apartamento por si só.

Uma gota de suor efervesceu-lhe na nuca.

Que inferno.

A festa era no trigésimo sétimo andar, e quem estava recebendo era um certo Jonathan Wilder, que trabalhava com publicidade e parecia conhecer o mundo inteiro. O apartamento estava abarrotado de gente fazendo uma barulheira, e Gabe notou que os olhos de Tessa se acenderam como uma máquina caça-níqueis ao entrar.

Enrascada. E ele identificou logo no início. Conhecia Tessa. Conhecia aquela curva no queixo, aquele jeito de andar. Quando ficava daquele jeito no bar, uma bebida ia acabar parando na cabeça de algum cretino.

Este tipo de pensamento seguro e familiar lhe fazia voltar a um estado no qual o Johnson, seu melhor amigo lá embaixo, não doía tanto e aquela saia já não parecia tão... à vontade.

Tudo bem, ele iria bancar o guarda-costas naquela noite. Sabia desempenhar este papel. Ficaria de olho nela, não no traseiro dela, mas *nela*, e a manteria livre de encrencas.

Todavia, naquela noite encrenca era o sobrenome dela. Tessa entrou em uma competição de tequila com Stevie Tagglioli e Gabe esperou, pensando que ela ia jogar tequila em Stevie, mas não jogou. Continuou bebendo... E tocando-o... e bebendo... e tocando-o mais um pouco.



Até que Gabe se insinuou entre os dois, acidentalmente acotovelando Stevie no estômago.

— Ei, Steve! Quero lhe apresentar Tessa Hart, com quem estou dividindo apartamento.

— Não há nada entre nós — disse Tessa, tomando mais uma dose de tequila.

Gabe riu.

— Ela é uma brincalhona. Vamos, meu bem. Vamos voltar enquanto você ainda consegue caminhar.

O pequeno Stevie estava fascinado, passando mais tempo olhando para a seda fina da blusa dela do que para o rosto. *Palhaço.*

Tessa cravou os dedos no braço de Gabe.

— Deixe-me em paz — ela disse, bufando.

— Você não está bem, não sei por que, e não precisa me contar, pois você quer ter seu espaço, mas se você fizer algo de que possa se arrepender com alguém que terá de encarar todos os dias no edifício, esta será sua mais longa ressaca.

Ela o repeliu, os olhos flamejando com um fogo esquisito, prestes a entrar em combustão.

— Só estou tentando me divertir. Não foi isso que você disse? Que seria divertido? Acho que foi exatamente isso que você falou. Bem, talvez eu *queira* me divertir.

Ela estava com raiva *dele*?

Gabe soltou um palavrão e largou o braço dela, como se estivesse queimando. Ele não podia discutir, não iria tentar.

— Tudo bem. A vida é sua. O erro é seu.

E assim foi. Gabe ficou observando de longe e olhando feio quando alguma mulher lhe abordava. Tessa era a única que lhe cativava os olhos. Ela bebeu suas doses, flertou com todos os homens do recinto; não houve um com quem ela deixasse de flertar, a não ser Gabe, é claro, porque ele era o tempo todo alvo de olhares furiosos. Ele agüentou, esperando que ela caísse, mas pelo jeito ia demorar, pois pouca gente era páreo para Gabe em termos de bebida, e Tessa era uma dessas pessoas. Ela ostentava a resistência de um dinossauro. Devia ser capaz de derrubar até o Godzilla, na verdade.

Então ele ficou observando, borbulhando em silêncio, enxergando um lado completamente novo daquela mulher. Ela jogou os cabelos para trás, expondo aquelas maçãs do rosto formidáveis e o pescoço longo e delgado, e passou batom vermelho. Batom vermelho-cortês, o que, evidentemente, sugeria sexo. *Maldição.*

Ele não queria reparar nos lábios fartos, vermelhos, brilhantes; não queria reparar em como as pernas pareciam compridas de salto alto; não queria reparar em como os mamilos saltavam ao se olhar com atenção para a blusa de seda fina, mas ela estava certa ao dizer o que disse antes.

Foi um inferno. O humor dele foi piorando, a pulsação entre as pernas só aumentava, e quando ela começou a dançar sobre a mesa de centro, Gabe já estava perdendo a paciência.

— Vamos embora, *agora* — ele disse, olhando para os quadris dela, que rebojava como uma serpente hipnótica que lhe implorava para ser seguida.

— Vá para casa, Gabe — ela disse, levantando os braços sobre a cabeça. Uma deusa



ascendendo aos céus, o que só lhe deu mais raiva ainda porque, droga, ele não costumava pensar nessas coisas poéticas.

— Sem você? Não. Você não é assim, Tessa.

Ela parou de rebolar. *Obrigado, meu Deus.*

— Como você sabe? Você me conhece de verdade?

— Conheço — ele respondeu, pegando-a no colo e pondo-a de pé no chão. Ele manteve as mãos no corpo dela um pouquinho além do necessário, mas ela não reparou.

— Talvez eu tenha mudado.

— Não em quatro horas. — Ele pegou-lhe a mão e puxou. Ela puxou de volta.

— Quero ficar com Stevie.

E foi isso. Gabe não estava mais nem aí. Stevie era o canalha mais cretino do mundo, e quando conseguisse cravar as presas em Tessa, não soltaria mais. Gabe pegou Tessa e a jogou sobre o ombro. Ela ficaria furiosa agora, mas de manhã iria lhe agradecer.

O soco doloroso que ela lhe deu logo abaixo da omoplata sugeria o contrário, mas Gabe não pensou duas vezes. Estava disposto a ser condecorado pelo gesto.

— Desculpe. Tivemos uma briga séria. Não ligue para nós. Comam mais dessa pasta de espinafre, é muito boa — Gabe disse de modo encorajador, abrindo caminho com os ombros por entre as pessoas, com Tessa lhe batendo nas costas.

Pelo jeito ela havia se esquecido de que Gabe estava acostumado a lidar com bêbados e desordeiros. Mas por outro lado, Gabe não costumava segurar no traseiro deles daquele jeito tão íntimo.

— Ponha-me no chão, Gabe O'Sullivan.

— Só quando estivermos em casa, srta. Hart.

Gabe quase a pôs no chão no elevador, mas Tessa tentou correr, de modo que ele teve de jogá-la de novo sobre o ombro. Deus, aquela mulher estava precisando ganhar uns quilinhos.

— Gabe, eu o odeio por isto.

— De manhã, se você ainda estiver com ódio de mim, eu peço desculpas. Você provavelmente vai me agradecer e eu vou lhe deixar rastejar de gratidão um pouquinho, mas agora você bebeu além da conta...

— Não estou bêbada.

— Então é pior ainda, Tess. Você vai me dizer o que houve?

— Não.

— Tudo bem.

— Ótimo.

A porta do elevador se abriu e ela desceu lenta e sedutoramente do ombro dele. Provavelmente não o fizera de propósito, mas o companheiro lá embaixo se manifestou mesmo assim. Tessa lançou-lhe um olhar que não era um convite, mas de falsa modéstia e autoconsciência.

Ela sabia.

Quem sabe já não estava na hora de parar de joguinhos? Fora do elevador, Gabe a encurralou entre a porta e a parede, sentindo o corpo esguio dela junto ao dele. Ele sentiu cada centímetro dela. A pulsação agitada, os mamilos rijos, as coxas macias. Ela respirou fundo, mole e trêmula, e o ar ardeu nos pulmões. Ele estava com as mãos cocando de

vontade de explorar e descobrir aquela nova e maravilhosamente excitante Tessa. Mas Gabe ainda estava lutando para manter o mínimo de controle. O corpo não se animava com a idéia, mas agüentava.

— Para dentro. Agora — ele disse, destrancando a porta do apartamento. Dessa vez ela não discutiu e entrou, mas ele percebeu pelos ombros tensos dela que Tessa tampouco estava satisfeita.

Já dentro de casa, ele bateu a porta e passou a mão nos cabelos, frustrado.

— Está tarde — ele disse, pois precisava ficar sozinho. Precisava que ela saísse do campo de visão. Precisava recuperar a visão que tinha de Tessa antes. Tomara que ainda existisse, entranhado em alguma parte no fundo do cérebro.

— Não sou criança — ela respondeu, afastando o cabelo do rosto e, que Deus o ajudasse, a falta de jeito se tornou exotismo.

— Então pare de agir como se fosse uma — ele disse, sem deixá-la sozinha como ela havia planejado.

— Você não é meu pai — ela disse num arroubo, com as mãos na cintura. Aquela cintura torneada que ele ainda estava sentindo sobre o peito.

— Sou seu amigo, seu chefe e no momento dividimos apartamento — ele respondeu, principalmente para lembrá-la daqueles fatos essenciais.

Ela caminhou em direção à mesa de jantar, para longe da sensata segurança do quarto. O olhar dele estava cravado na cintura dela, seguindo o rebolado com intenções letais. Em sua estupidez, ele foi atrás dela.

— E que amigo, Gabe. Aposto que você não faria isso se Cain estivesse dando em cima de alguma mulher.

— Não, Cain é 22 quilos mais pesado que eu.

Humor: outra forma excelente de diluir a tensão de certas situações. Dava para ele sentir o suor no próprio cenho, a pulsação vibrando rápida debaixo da pele. Ele ficou parado, precisando que ela caísse na risada ou que lhe batesse no braço. Mas o silêncio no recinto era sinistro e ele aguardou, observando os seios subindo e descendo, apenas aguardou sem se mexer.

Enfim ela se mexeu, respirando com força, se aproximou dele e lhe enfiou o dedo no peito, o que era algo completamente errado. Completamente. Ela não devia tocá-lo. Agora, não.

— Sabe o que me incomoda? Não faço sexo há quatro anos. Hoje eu queria sexo.

Quatro anos? O coração dele, já aflito, quase parou totalmente por alguns segundos. Ele não devia ter se animado com aquela informação, mas seu membro se animou.

Ah, era muito excitante.

— Você quer fazer sexo? Ótimo. Eu também quero sexo. Vamos fazer sexo. Juntos. — Não foi o momento mais elevado da vida dele, mas as palavras lhe saíram e ele não se arrependeu. Ele queria Tessa, queria tocá-la, provar dela, mergulhar fundo nela. E a srta. Danadinha, que estava dando em cima de todos os homens do prédio, olhou bem nos olhos dele e disse:

— Não.

A palavra foi cuidadosamente pronunciada, falada com clareza, sem espaço para mal-entendidos, mas para Gabe aquilo não representava nada. Aproximou-se dela, pele

roçando pele. Sentiu o perfume misturado ao desejo dele, e o aroma ardeu dentro de si.

— Qual é o problema, Tessa? Não sou bom o bastante?

Ela pôs a mão no peito dele para afastá-lo, mas o toque era suave e tão tentador.

— Não faça isso.

— O quê?

— Não banque o idiota comigo agora, Gabe.

Ele apertou mais o corpo contra o dela, que correspondeu.

— Não se aproxime mais — ela avisou.

Ele não ouviu. Encurralou-a completamente contra a mesa. Sempre há um momento no pôquer quando o blefe se torna necessário, quando a lógica racional foge do cérebro e só resta o jogo em si.

Os lábios dela estavam a poucos centímetros. Plenos e aguardando...

— Se você me beijar, eu vou gritar — ela murmurou.

Ele a beijou com uma fome que jamais sentira. A boca de Tessa era tão suave, tão perfeita. E, ah, o gosto! Um toque de lima, a menta do creme dental e... Ela. Gabe adentrou-lhe a boca com a língua e sentiu que ela lhe cravou os dedos nos braços.

— Desculpe, Tessa — ele disse, e foi a última coisa racional que pronunciou.

CAPÍTULO QUATRO

Gabe. Gabe. Gabe.

Era Gabe quem a estava beijando, comendo-a viva, fazendo-a sentir coisas e, pior de tudo, querer coisas. Tessa queria matá-lo por causa disso.

Ela o afastou com força, pois não podia querer Gabe. Agora, não. Ela já havia feito a mesma coisa antes, na fase "sonhos podem se realizar", mas desta vez ninguém, homem nenhum, iria se intrometer. Ela tinha um plano. Uma carreira. Um apartamento. Depois disso, sim. Mas agora? Nem morta.

Menos ainda com Gabe.

Só havia um homem em quem confiava no mundo, e ele estava beijando-a como se fosse levá-la para a cama.

Gabe.

Tessa ficou parada, imóvel, com tantas variações de *não* se formando nos lábios, mas então a boca de Gabe pareceu colar no seio através da fina seda da blusa e todas as idéias de confiança saíram voando pela janela. Ele a sugou, afastando-lhe todas as dúvidas da mente. Ela inclinou a cabeça para trás e os joelhos ficaram fracos, pois aquelas sensações estavam lhe roubando a vida.

E aquele homem falou palavrões, depois abaixou as alças do vestido e o ar frio da noite lhe soprou a pele nua. Os lábios dele eram duros e violentos, mas ela não se importou. Ele puxava, sugava, despertando e atiçando até que ela sentiu toda a própria essência se resumir à sensação contundente no meio das pernas.



Misericórdia, ela pensou. De novo e outra vez, Tessa se concentrou no prazer, no doce e penoso prazer, pois aquilo era novo, lindamente novo. Então ela fechou os olhos, fingindo que ele era algum estranho misterioso que a fazia arder. Com os olhos fechados, podia fingir que aquele homem não era Gabe.

As mãos agarraram a mesa, pois ela não ousou tocá-lo. Isso ela sabia: melhor ficar imóvel, insensível, do que deixar ele sequer desconfiar dos pensamentos lascivos que lhe esmagavam o cérebro. Mas então uma das mãos dele foi descendo, mergulhando no vértice das coxas. Tessa queria travar as coxas, fechá-las para manter o segredo em segurança, mas o corpo tinha vontade própria.

Abriu as pernas despidoradamente e ele tirou a calcinha úmida e jogou-a de lado, e o corpo dela estremeceu ao sentir a entrada de um dedo.

Um dedo traidor e depravado.

Aahhh...

Ela ouviu o gemido dele, um homem chegando à vitória.

Nos próximos momentos houve uma névoa de pele, prazer e sonhos eróticos. Ela deitou de costas sobre a mesa, e então lá estava ele, preenchendo-a com algo bem mais perigoso: consigo mesmo.

Primeiro foi a dor, quatro anos era muito tempo, e ele era grande, rijo e palpitante de vida. Tessa não queria sentir prazer, queria deixar Gabe trancado em outro lugar, mas no momento não havia escolha, já que não conseguia pensar em nada que não fosse aquilo. O cheiro do corpo, os músculos ressaltados a cada movimento dele, o som de ideais sofistas sendo exterminados a cada devastadora investida. Ela manteve os olhos bem fechados, os dedos trincados ao lado do corpo, apenas os músculos a entregavam. A cada vez que ele adentrava, Tessa contraía mais e mais as coxas, automaticamente trazendo-o mais para dentro.

A respiração dele combinava com a dela, acelerada, estremeçada, duas pessoas rapidamente perdendo o precário contato com a sanidade. Para Tessa, sanidade era uma coisa supervalorizada. Era melhor reimaginar o rosto dele como se fosse uma sombra. Melhor pensar que era fantasia aquela boca, tão talentosa, sensual, rija e implacável. A imagem do amante de sonhos se arraigou fundo na mente e o corpo estremeceu à medida que aquele homem de sonhos a tomou para si, mais e mais.

Nunca foi daquele jeito antes, uma coisa tão física, tão animalesca, tão... fascinante. Ele empurrou com força, bem fundo, e ela choramingou.

— Tess? — Ela ouviu a dor na voz dele, a culpa. Ele rapidamente se afastou, mas o corpo dela não havia terminado. Ela precisava daquilo, precisava soltar, precisava chegar ao orgasmo.

— Por favor — ela murmurou.

— Desculpe.

— Por favor. — Ela tentou outra vez, a boca seca, mas precisava desesperadamente chegar lá outra vez. Fazia tanto tempo...

— Vista-se. Vou lhe deixar sozinha. — Ele soou tão solitário, tão triste, e ela sentiu um aperto no coração. Primeiro de dor, e depois de algo mais selvagem. Ela não ia deixar que ele fosse embora. Não antes de terminar. Aquela noite era dela. Após quatro anos, ela merecia ao menos naquela noite.



— Não. Precisa terminar — ela conseguiu dizer, com a voz baixa e pedinte.

— Tessa?

— Termine — ela disse, e dessa vez com rispidez na voz. Era uma ordem. A questão era ela. Era tomar o controle. Um passo por vez.

Tessa esperou, em parte achando que ele a deixaria desesperada e dizimada. Então ela sentiu o corpo dele se mover, ouviu a respiração e soube que ele ia curar aquela dor solitária dentro dela.

— Vou dar um jeito nisso — ele disse, pegando-a com os braços fortes, o que ajudou a alimentar a imagem do homem dos sonhos. Gabe não era um carregador, era um idiota sem um pinga de seriedade no corpo. E aquele amplo peito sob a cabeça dela? Aquilo pertencia a outro sujeito. Pensando assim, ela ficou de olhos fechados, determinada a manter o rosto dele longe da mente. Ouviu o roçar das roupas, sentiu mãos gentis lhe despindo, e então os lábios dele se uniram aos dela, suaves e sedutores. Ela suspirou um pouquinho, ajustando-se ao beijo, e as mãos fortes lhe apalpavam, explorando-lhe o corpo e descobrindo prazeres.

Denny nunca foi tão atencioso, tão cuidadoso, e a mente de Tessa começou a dar voltas. Ela estava flutuando, na altura das nuvens, onde o mundo só existia em função daquele deleite. A boca de Gabe se demorou sobre os seios dela e ela arqueou as costas, querendo mantê-lo perto, mas aquela boca impiedosa foi descendo, apertando de leve, beijando-lhe a pele, o ventre. E desceu mais, chegando ao meio das pernas, e o coração de Tessa disparou, pois a pulsação que vinha do âmago estava agora latejando, gotejando de desejo. Os lábios dele adentraram a parte interna das coxas, os pêlos do queixo roçando na pele dela. Malicioso, ele brincou com ela, aproximando a língua, tão perto, tão perto que ela se contorceu para fazê-lo alcançar o ponto de onde vinha todo o desejo.

As mãos dele lhe seguraram os quadris e ela tentou se libertar, para senti-lo nos lábios, mas ele continuou... Lento, firme e sem coração. Ela gemeu, enfiou as mãos no colchão até que...

Até que...

O paraíso.

Lentamente a língua foi para dentro dela, brincando com ela o quanto quis. Ela gritou e ele girou a boca. Então lhe capturou os pequenos lábios, sugando e empurrando, com força e insistência, até ela implorar, suplicar, pois aquela pressão a estava matando.

Tessa lhe arranhou os ombros freneticamente, enfim se permitindo tocar nele, pois queria muito mais do que ficar só na brincadeira. Ela queria que ele lhe preenchesse o vazio que trazia por dentro.

O estranho misterioso deu risada, sem crueldade, mas consciente, e então deslizou para dentro dela. Tessa suspirou, pois era aquilo de que ela estava precisando, era aquilo que seu corpo estava pedindo. As investidas eram lentas e profundas, chegando mais e mais longe, como se tivessem a noite toda, como se tivessem a eternidade.

Mas os olhos dela estavam fechados e ele parecia não se importar. Ao renunciar à visão, os outros sentidos passaram a dominar a situação: os sons da madrugada na cidade, os barcos no rio, a sirene distante e o ruído da respiração. Ar entrando e saindo. Vida.

A boca de Tessa doía de vontade de provar dele, provar do sal cujo aroma ela sentia. Mas isso seria tocá-lo. Isso não seria de bom senso no mundo de Tessa. Se ela tocasse nele

outra vez, saberia quem era o homem dentro dela, esse homem que estava lhe ensinando o significado da palavra prazer. E isso não podia ser, pois ela precisava desesperadamente de alguém em quem pudesse confiar.

Então ela ouviu... e flutuou... e sentiu. Havia mil terminações nervosas por dentro, se esticando, puxando, ameaçando se romper, e a cada investida as cordas dos nervos se esticavam ainda mais.

Tessa queria mais.

— Mais rápido — ela sussurrou. Mas ele ouviu. Ela ouviu quando ele se levantou sobre ela, puxando-lhe os quadris mais para perto, e começou a mexer mais rápido, adentrando-a, e as cordas se esticaram mais e mais.

O corpo dela doía, rijo, e ela se contorcia a cada golpe poderoso que vinha dele, pois sentia que estava chegando mais perto. Já começava a ver as faixas de luz que cintilavam detrás das pálpebras. E ele continuou mais pesado, mais forte, aquele homem misterioso que ela não queria saber quem era, tocando-a, levando-a cada vez mais e mais para dentro do mundo dele.

E ela subiu mais...

Mais alto...

Mais alto...

E pronto.

Tessa chegou ao ápice soltando um suspiro e sentindo o corpo todo sacudir. Então ele a trouxe mais para perto, aninhando-a junto a si. Ela continuou de olhos fechados. Mantendo a imagem dele longe da mente.

— Tessa? — Gabe observou o sorriso tranqüilo dela, tentando encaixar as peças na mente.

— Shhh — ela respondeu com voz sonolenta. — Nada de nomes. Somos dois estranhos.

Que diabos era aquilo? Tudo bem, ou ele a traumatizara ou a fizera perder o contato com a realidade, mas nenhuma das duas hipóteses parecia viável.

— Tess?

— Nada de nomes — ela murmurou. *Não, Gabe, assim também não.*

— Senhorita? — ele perguntou, tentando arrumar um jeito anônimo e ao mesmo tempo íntimo de falar com ela.

— O que foi?

— Você está bem? Ela sorriu outra vez.

— Estou maravilhosa. Sinto-me maravilhosamente bem.

Nada mal.

— Não está machucada?

— Acho que vou ficar dolorida pela manhã — ela disse, os olhos ainda fechados, e ele desejou que ela os abrisse, que olhasse para ele, para que ele soubesse que ela estava bem. — Podemos fazer de novo? — Ela perguntou com uma voz sonhadora.

— Não sei — disse Gabe. Era a primeira e única vez na vida que dizia uma coisa dessas para uma mulher nua. E Tessa estava deslumbrantemente nua. A pele era suave, levemente bronzeada, como uísque em noite de verão. Os seios eram firmes, cabiam

exatamente...

Não, não, não...

Ele não precisava ficar pensando nos seios firmes de Tessa com mamilos da cor de...

Gabe balançou a cabeça.

— Vamos fazer de novo — ela repetiu, enviando-lhe uma nova onda de sangue ao meio das pernas.

— Não posso — ele mentiu.

— Tem que fazer — ela ordenou, e ele ouviu de novo, com aquele tom ditatorial na voz. *De onde veio isto, diabos?*

— Não é boa idéia, Te... senhorita — ele disse, mas a involuntária manifestação do desejo já o deixou em estado de prontidão, alheio a limites pessoais ou complicações da manhã seguinte. E Gabe, no fundo do coração, era só um homem.

— Tem que fazer — ela disse.

Gabe, covarde de coração mole que era, obedeceu.

Fizeram amor mais três vezes ao longo da noite, pois Tessa tinha de tirar o atraso de quatro anos. Quatro vezes ao todo, uma para cada ano desperdiçado. O misterioso estranho não lhe perguntou mais nada, palavras pouco foram usadas, fato pelo qual ela era grata.

Ela não ia ficar perdendo tempo com quem estava perto, não ia entrar nessa terra do nunca onde se espera que os sonhos virem realidade, mas, em vez disso, eles acabam se resumindo a letras tatuadas em vermelho. O que ela ia fazer era se concentrar no prazer, naquele estranho misterioso que era capaz de fazer o corpo dela doer de desejo. Enquanto ela não pensasse em quem era ele, o coração e os sonhos como Tessa estariam em segurança.

Finalmente, quando o sol da manhã começou a espreitar, ela caiu no sono, aninhada junto a ele, sentindo os pêlos do peito dele roçando-lhe as costas, sentindo o sexo em repouso encaixado às coxas dela, sentindo os lábios dele suavemente tocando-lhe o pescoço.

Tessa sorriu e caiu em um sono satisfeito, sem sonhos.

O telefone tocou alto demais e Gabe estendeu o braço, procurando pelo aparelho.

— Você já viu Tessa nua?

Instantaneamente Gabe acordou. A palavra *nua* fazia dessas coisas com um homem culpado.

— O quê? — Ele perguntou, concentrando-se na voz de Sean, procurando não prestar atenção ao corpo elegante e firme de Tessa, aninhado ao Johnson lá embaixo como se ele agora fosse propriedade dela. E era mesmo.

Gabe levantou da cama.

— Você já viu Tessa nua? — Sean repetiu. — Daniel apostou que levaria uma noite só, mas eu sei que você é respeitoso demais para fazer qualquer coisa além de ficar de olho comprido quando ela estiver saindo do chuveiro. E então? Escute, irmão, você podia me passar umas informações por debaixo dos panos. Esse negócio dos Mets ficarem perdendo uma partida atrás da outra está acabando com minha renda discricionária, e eu estava



contando com alguma salvação. E então, algum olhar febril ontem à noite?

— O que é um olhar febril? — Gabe perguntou, já sabendo qual era a resposta.

— Eu sei que você não tem a mesma percepção que eu para essas coisas, mas olhar febril é aquele olhar que as mulheres dão quando querem testar seu equipamento. Então... Tessa olhou para você de modo diferente?

Gabe deu as costas para a cama, sem querer saber se Tessa estava ou não estava olhando diferente para ele, ao menos não enquanto estivesse ao telefone com o irmão.

— Nada. Fui a uma festa ontem. Depois vim dormir. Pare de ficar ligado em besteira. — Ele ouviu um gemido suave e, com a mente ainda ligada em outras coisas, virou-se para ver a mulher nua na cama.

O corpo firme e elegante se remexeu debaixo das cobertas, os desgrehados cabelos cor de mel começando a emergir. Gabe lhe empurrou a cabeça para baixo antes que ela se esquecesse de que estava sem roupa.

— Que saco — Sean respondeu, mestre na arte de não se deixar abater por derrotas.

— Desejo-lhe melhor sorte da próxima...

— O que você quer? — Gabe interrompeu, procurando o short, o qual acabou encontrando pendurado no abajur. Enquanto se vestia, ficou de olho na cabeça morena no travesseiro, esperando algum sinal de vida... Ou de raiva, o que viesse primeiro.

— Quero conversar com você sobre a permissão do condomínio para reformas...

Um dos olhos verdes se abriu, arregalado de horror, de um jeito que parecia bem longe de um olhar febril.

— Tchau, Sean. Nós nos falamos mais tarde — Gabe terminou a conversa, rapidamente pondo o fone no gancho.

Tessa sentou-se na cama, puxando o cobertor como se fosse um cabo de resgate.

— Tessa — ele disse cuidadosamente, totalmente preparado para ouvir uma reprimenda daquelas sobre respeitar os limites do outro. Mas gradualmente o alarme nos olhos dela foi diminuindo.

— Estou bem — ela respondeu, se esquivando do olhar de Gabe.

Gabe soltou um glorioso suspiro de alívio e começou a vestir a calça jeans. Ele havia feito tudo errado na noite passada, sabia disso, mas este momento de perdão, não, de aceitação, realmente lhe fez bem.

— Posso ir para o apartamento do Daniel se você quiser; se assim você se sentir melhor.

Foi uma oferta generosa, sem egoísmo, com intenção de dar a ela algum nível de conforto e segurança. Uma forma de garantir que, por mais tentadora que ela fosse, Gabe teria o autocontrole necessário para modificar o comportamento e não pular sobre ela *outra vez*.

Ela lambeu os lábios em um gesto nervoso, o que realmente não era para tê-lo excitado, mas excitou assim mesmo.

— Não vou lhe expulsar de sua própria casa — ela respondeu, imediatamente percebendo a nobreza do que Gabe estava propondo. — Tem bastante espaço aqui.

Gabe cocou o queixo, percebendo que precisava se barbear. Mas primeiro seria o momento de ter "A" Conversa. Reestabelecer as regras básicas das quais precisava tão desesperadamente. Quem poderia imaginar que a pequena Tessa seria aquela princesa

demoníaca na cama? Gabe afastou da mente o lapso momentâneo.

— Tessa, somos amigos...

Ela rapidamente interrompeu, evidentemente sentindo o rumo da conversa.

— Não se preocupe com isso. Pode olhar para o outro lado? — Ela pediu, recatada.

Gabe fez que sim e virou de costas para ela, obediente. O que ela não percebeu é que o reflexo da janela lhe dava a vista completa da carne de um bronzeado pálido.

Ele decidiu, sabiamente, não dizer nada a ela.

Depois que Gabe saiu para preparar o bar, Tessa tomou banho, se vestiu, e então sentou de pernas cruzadas no chão, contemplando as ramificações do encontro com o misterioso estranho na noite anterior, o que ela chamou de "fantasia erótica" em vez de "Sexo com um homem em quem ela realmente queria acreditar porque poucos homens entendiam seu desejo de independência depois de ser rejeitada por Denny, e Gabe era o único que a tratava bem".

Antes que ficasse maluca por causa daquele estranho misterioso, a prioridade era se mudar de lá, e *muy* rápido. Uma coisa em relação à luz solar: parecia um raio laser gritante sobre todas as fraquezas às quais estava acostumada na vida. A nota "D" na prova. A reviravolta na vida de Denny, que renegou os votos de jamais formar família nem se amarrar a ninguém. O apartamento no edifício Hudson Towers estava só esperando para ser ocupado por uma mulher madura e independente, capaz de sobreviver por si mesma em Nova York. Mais impressionante, a marca de mordida no ventre parecia muito mais decadente do que as letras D-E-N-N-Y no traseiro. E finalmente, mas não menos importante, a dor no meio das pernas, resultante do uso. Quem diria que aquele misterioso estranho seria tão... conhecedor dos mistérios da sexualidade humana? Tessa sorriu. Era uma experiência digna de reprise. Todavia, agora não era hora de se desviar dos propósitos de vida. Pegou o laptop para procurar anúncios de pessoas querendo dividir apartamento. Ao encontrar vagas minimamente adequadas já mandou respostas, antes mesmo de colocar anúncio próprio.

Finalmente acabaram os anúncios e Tessa fez o que sempre fazia quando precisava escapar: procurou na seção de apartamentos para alugar, vendo o que era o que, mas lamentando os preços dos aluguéis. Bem, qualquer garota tem o direito de sonhar. Seja como for, sonhos não fazem sentido sem o capital necessário para adquiri-los, por isso ela pegou o livro de contabilidade e se pôs a estudar. Ficou lá sentada por três horas, estudando, mas a matéria não entrava na cabeça. Os princípios da desvalorização acumulada estavam perdendo para os princípios da noite passada. Ela podia sentir as mãos dele na pele, ouvir a respiração atravessada e o cheiro almiscarado de desejo no ar. E o modo com que ele a tocou lá embaixo... Uau. Logo sentiu o corpo ser tomado novamente por um fluxo de excitação.

O livro permanecia em frente a ela, a página por virar, e um plano começou a se formar em sua mente. Talvez houvesse uma forma de ter tudo. Se ela se mudasse, colocaria a distância necessária entre eles, então quem sabe pudesse ter a independência e também o amante misterioso? Um desvio noturno nas sombras para desfrutar mais um pouco daquela coisa que lhe expandia a vida, sem precisar se submeter ao raio laser gritante da luz do sol na manhã seguinte. Podia dar certo. Decisão tomada, ela voltou a



estudar porque, sim, tinha de se preparar para uma carreira de verdade.

Quando o relógio deu cinco horas, ela soube que era hora de ganhar a vida, então vestiu às pressas uma camiseta e calça jeans e pegou o metrô para ir trabalhar.

As noites de quinta costumavam ser lentas; misturando fregueses de sempre com o pessoal que chegava cedo e também saía cedo.

Gabe estava detrás do balcão pegando uma cerveja para Charlie, que trabalhava como chefe de corporação desde antes da administração Eisenhower. Perto de Charlie estava Lloyd, que trabalhou como ferreiro por quase sessenta anos antes de se aposentar cinco anos atrás. Ao lado de Lloyd estava EC, um homem alto que trabalhou como engenheiro na MTA por 60 anos para manter os casacos de pele das duas ex-esposas. E finalmente havia Syd, um detetive de polícia aposentado que, aos 51 anos de idade, era o mais novo do pedaço. Todos freqüentavam o Prime desde antes de Tessa começar a trabalhar lá, antes até de Gabe.

Gabe.

Ele não devia estar parecendo diferente hoje do que era ontem, pois homem nenhum mudava de forma do dia para a noite, mas tudo em Gabe parecia mais agudo, maior, mais firme, talvez porque ela se lembrasse de cada detalhe de tudo que sentiu quando ele estava sobre ela.

Determinada a agir como se não estivesse tonta por dentro, Tessa alisou a camiseta sempre amassada. Então sorriu casualmente, acenou para todos e Charlie deu um tapinha no banco ao lado dele.

— Tessa, venha cá e faça um pouquinho de companhia a este coroa. Você sabe que já dobrei o Cabo da Boa Esperança e gostaria de morrer feliz com uma bela mulher ao meu lado.

Tessa estava acostumada às brincadeiras de Charlie e sentou-se ao lado dele.

— Você está ruim da vista, Charlie. Ninguém me chama de bela desde... nunca, na verdade.

— Vamos fazer uma votação — ele anunciou. — Democraticamente. Quem acha Tessa bonita levante a mão.

— Com isso eu vou ganhar um uísque por conta da casa? — perguntou Lloyd, mas levantou a mão assim mesmo. Outros três levantaram a mão e EC olhou para Gabe, que acabou levantando a mão, também, tomando o cuidado de não olhar para Tessa e... Nossa, ele estava ficando vermelho?

Lloyd deu risada, um riso alto que era parte alegria, parte bronquite.

— Viu? Nunca discuta com um homem que lhe faz um elogio.

— Bem, muito obrigada. Acho que você só está esquentando as turbinas para o resto da noite. Quem é a felizarda, cavalheiros?

Charlie tossiu, ajustando os óculos decrépitos.

— É alguém.

Tessa olhou para ele, pois era mais fácil flertar com os fregueses do que entabular uma conversa casual com Gabe. Dava para ela sentir os olhos dele sobre si, observando-a cuidadosamente, e ela não ousou olhar para ele. Charlie era a distração perfeita. Ela apoiou o queixo sobre a palma da mão.

— Conte-me tudo.



Ele tomou um bom gole de cerveja, reunindo coragem antes de falar.

— Tinha uma mulher aqui na última terça-feira. Ela me pareceu bastante familiar, mas um homem que está chegando aos oitenta já teve muitas mulheres. Ela era da minha idade e caminhava como uma rainha, mas eu senti que ela mexeu comigo por dentro, como quando a gente se lembra de uma velha canção. Ela se aproximou com uma moça que parecia sua neta. Jovem, loura, com grandes olhos azuis. Algum de vocês se lembra dos nomes delas? Estou ficando louco de tentar lembrar. Maldito Alzheimer.

— Carrie diz que estou começando a perder a memória, mas sempre nego. Quero dizer, quantos senhores vocês conhecem que se lembram da última vez que os Brooklyn Dodgers jogaram em casa ou da última parada de papel picado de MacArthur em 1951? Aquilo era quando Nova York significava alguma coisa. Isso já era. Como na época em que Paddy O'Sullivan se recusou a vender uísque para o vice-presidente Spiro T. porque não gostava da política dele. — Charlie suspirou, levando a cerveja à boca. — Bons tempos.

Gabe sorriu e balançou a cabeça,

— Lamento Charlie. Gostaria de poder ajudar.

— Bem, me pague outra cerveja para ajudar a esquecer sua transgressão. Quem sabe elas venham esta noite. Escolhi minha melhor gravata. — Ele baixou os olhos para o colarinho aberto. — Opa, acho que me esqueci disso também.

Tessa riu.

— Você está muito charmoso, Charlie. Era a menina de vestido amarelo?

Charlie estalou os dedos.

— Isso mesmo! Lembra-se do nome dela? Tessa lhe lançou um sorriso tranqüilo.

— Não, mas gostei muito do vestido. — Ela olhou para o relógio, casualmente esbarrando o olhar no de Gabe. — Tenho que começar a me mexer, Charlie. O chefe aqui é muito rigoroso com o horário.

Então Tessa abriu um sorriso para o referido chefe e continuou o trabalho como se nada tivesse acontecido.

CAPÍTULO CINCO

Gabe estava batendo papo com os coroas que eram fregueses fiéis desde os tempos em que o tio Patrick estava vivo, e provavelmente continuariam fiéis até a própria morte. Considerando-se o que Gabe já aprendera sobre a cidade de Nova York, esperava que isso não acontecesse tão cedo, pois ainda tinha de ouvir a longamente prometida história da noite em que EC viu o time dos Blue Shirts perder para o Canadiens no Madison Square Garden, naquilo que EC descreveu como "a desolação do século".

Todavia, naquela noite ele ficou de olho em Tessa, só para garantir que o *status quo* tinha sido restaurado. Tudo parecia certo, mas à medida que a noite foi passando, ele se



viu menos concentrado com o *status quo* e mais preocupado com a função de vigiá-la; função muito agradável aos olhos.

No começo ele prestou atenção em coisas genéricas e mais evidentes que jamais havia reparado nela. Os dedos longos abrindo a garrafa de cerveja com um movimento gracioso. O jeito à vontade com que o corpo se movia dentro da calça jeans desbotada. O som da risada quando Lloyd contava alguma piada sem graça. Com o tempo ele foi se concentrando mais e os detalhes começaram a emergir. O jeito de curvar o lábio inferior ao preparar um *martini* o jeito de afastar os cabelos do rosto, o jeito de olhar para os fregueses com aqueles olhos verdes, sempre simpática, capaz, sempre a melhor amiga detrás do balcão.

Tessa tinha uma característica: era original. E as pessoas percebiam isso quando conversavam com ela. Jamais dizia muita coisa sobre si, apenas ouvia. Sempre ouvindo.

As sete e meia chegou um time de baseball de universidade, vindo de uma partida vencida com dificuldade, a julgar pelas camisetas sujas. Tessa não pestanejou. Em vez disso, ela deu conta de 27 pedidos, inclusive nove coquetéis Long Island Ice Tea. Enquanto trabalhava, ela girava os copos no ar, paquerava todos eles, sempre simpática e agradável, e eles eram atraídos como abelhas ao mel. Gabe balançou a cabeça, perplexo, ainda observando, como se quisesse ter certeza de que tudo estava sob controle.

Mas por debaixo dos panos tudo era frágil. Na noite anterior Gabe rompera algo dentro dela, e não sabia exatamente o quê. Este tipo de responsabilidade não combinava com o católico irlandês que se orgulhava de fazer as coisas corretas.

O tempo voou. Já eram nove horas e Daniel chegou para cuidar do depósito noturno. Daniel era a antítese de Sean, quieto, reservado, sempre sozinho. Apesar de ser apenas quatro anos mais velho do que Gabe, Daniel já havia passado por situações terríveis que Gabe jamais imaginaria.

Daniel estava casado fazia apenas cinco meses quando a esposa foi assassinada na Torre Norte do World Trade Center. Ela e Daniel trabalhavam para uma firma de contabilidade no edifício e ele havia saído para comprar café para os dois no Starbucks que ficava a poucas quadras ao norte. Ele estava atrasado. Michelle chegara bem na hora.

Os abalos secundários de 11 de setembro foram um duro golpe na família — a mãe deles era viva na época —, mas Daniel nunca se deixou abater. Nunca na vida fora de falar muito, mas ele mudou. Agora via o mundo com olhos graves, sem jamais perder os detalhes. Se por um lado Gabe ficava brincando com Sean, sempre ficava nervoso em se tratando de Daniel, nunca sabia exatamente o que dizer ou não dizer. Era uma sensação ruim para um bartender. Era infernal para um irmão.

— Ninguém ganhou a aposta? — Ele perguntou a Gabe, olhando para Tessa. Gabe respirou de modo tenso, pois estava querendo evitar falar daquela aposta. Na verdade, ele estava esperando que todo mundo se esquecesse do assunto, mas parecia pouco provável.

— Que aposta? — Lloyd perguntou.

— Esqueça — Tessa logo disse, aliás, com pressa excessiva, reparou Gabe, sem ousar olhar na direção dele.

Daniel olhou para Gabe, olhou para Tessa, avaliando-os com os olhos, e então deu de ombros.

— Você ligou para o Sean hoje de manhã? Naquele momento Gabe soube que lhe



dariam uma folga do assunto.

- Liguei, mas ele desligou na minha cara sem me dizer nada.
- Alguém andou fazendo perguntas sobre sua licença.
- Que licença?
- Licença para vender bebidas alcoólicas. Gabe soltou um palavrão.
- Pensei que os computadores servissem para tornar nossas vidas melhores. Mas em vez disso as pessoas não assumem a responsabilidade de porcaria nenhuma e os incompetentes ficam jogando a peteca de um departamento para outro.

Daniel o interrompeu.

— Não se preocupe. Sean disse que conhecia uma moça no departamento de planejamento que tem uma irmã que trabalha no controle de bebidas. Ele vai dar um jeito, mas isso deve atrasar em algumas semanas a autorização de construção da porta ao lado.

— Não posso bancar um imóvel vazio por algumas semanas, sabia? Por que tudo tem de ser tão demorado, droga?

— Qual é o seu problema?

— Paciência é um negócio mais valorizado do que devia, Daniel.

Lloyd riu, tossiu e então levantou seu copo.

— Mas o crédito de um bom homem não é tão valorizado assim. Pode me servir outra dose de uísque e água, Gabe?

O bar já estava fechado e fazia vinte minutos. Os fregueses cativos partiram com seu coro de despedidas e Daniel havia levado o depósito noturno que ajudaria a custear a reforma do espaço ao lado. Isso se o espaço fosse de fato ocupado.

Tessa jogou as sobras de gelo na pia e começou a esfregar a prateleira de aço inoxidável. Trabalhava em silêncio, deixando-o em paz, mas ele podia ouvir os pensamentos dela. Normalmente o problema com a autorização para reforma era algo que ele deixaria para ela resolver, mas nada mais parecia normal. O sexo podia fazer isso com duas pessoas.

Finalmente ela soltou o pano de prato.

— Algum problema?

— Nenhum — Gabe respondeu. Ela ficou olhando, chamando-o por dentro de mentiroso, e ele deu um suspiro. — Nada que eu possa mudar.

— Está pronto para começar o trabalho no espaço ao lado, não está?

Sim, estava mais do que pronto. Assim que viu que o lugar estava à venda, foi tratar de comprar, acabando com as economias, mas valia a pena. Quando Gabe se comprometia a algo, era para valer, então a reforma seria perfeita.

— Posso começar a trabalhar nisso. Ninguém vai saber.

— Você deve pedir ajuda a Daniel — Tessa disse.

— Ele já tem coisas demais na cabeça, não precisa repartir minhas responsabilidades também.

— Ele é um dos donos.

— O dono silencioso, é o que ele sempre diz.

— Eu posso ajudar — ela ofereceu. — Meu pai era bem jeitoso com a casa e eu já ganhei a vida trabalhando de eletricitista.



Lá estava Tessa, sem lugar para morar, lutando para ter uma carreira e disposta a ajudar.

— Obrigado, mas não se preocupe com isso.

Tessa voltou tranqüilamente ao trabalho e Gabe fechou as torneiras. Mais alguns minutos se passaram até que ela falou novamente.

— Você não disse nada a Daniel, disse? Um dia. Foi a aposta dele. Ele ganhou a aposta.

Sim, Daniel era o vencedor. Sim, o mundo devia saber que ele era um canalha covarde, mas Gabe ainda não estava pronto para reconhecer isso.

— Você quer realmente me dizer alguma coisa, Tessa? Deixe a aposta para lá. Daqui a alguns dias todos vão se esquecer desse assunto, vão começar a apostar em cavalos de corrida e então eu faço Sean reembolsar o dinheiro aos apostadores.

— Não gosto de ser desonesta. — Ela passou a mão nos cabelos, os seios ondulando com o movimento. Gabe não quis reparar, mas reparou.

— É melhor se todo mundo souber?

Ela o olhou nos olhos e Gabe sentiu algo se contorcer no âmago, sentiu o sangue esquentar de um jeito que só podia representar problema, principalmente para ela.

— Você odiou o que fizemos ontem à noite? — ela perguntou,

Pronto, era quase uma da madrugada e Tessa queria conversar. Agora.

Lá fora as ruas noturnas eram solitárias e quietas, por dentro, Gabe sentiu-se como se estivesse prestes a acontecer uma explosão nuclear. Certo, tudo bem, ela queria conversar? Ele ia conversar.

— É biologicamente impossível para um homem odiar ou se arrepender de sexo. Todo o resto está dentro do terreno das possibilidades. Mas sexo? Não.

— Ah — ela disse e voltou a limpar o balcão, que até um debilóide sabia que estava limpo.

Fim da hora de conversar. Gabe devia estar feliz. Ela podia trabalhar. Ele podia trabalhar, então ele deu uma olhada no estoque detrás dos três bares, contando o que ficaria para o dia seguinte, mas os números começaram a fugir da mente.

Finalmente ele parou de contar.

— O que quer dizer com "ah"?

— Só "ah".

Ela soou enervada, levemente na defensiva e magoada. Gabe suportava o fato de ela estar enervada, achava completamente normal ela estar na defensiva, mas a mágoa estava lhe queimando o coração. Então a hora de conversar ainda não havia acabado.

— Tessa?

Ela baixou a guarda.

— Eu gostei — ela disse, o que saiu mais como uma confissão do que como um elogio.

Gabe optou por ignorar este ponto importante e sorriu.

— Eu sei.

— Ao menos a partir do momento em que pude separar você do outro homem.

Gabe piscou os olhos, confuso.

— Que outro homem?



Foi difícil para ela formular as palavras para explicar, mas acabou conseguindo.

— Você sabe, o homem que não era você, Seja como for, assim que consegui superar este empecilho, foi ótimo. Não sabia que podia ser assim. — Desta vez ela lhe deu um meio-sorriso. Quase tímida. E então não importava mais se era uma da madrugada e ele só havia dormido por três horas. Naquele momento Gabe podia escalar a Ponte George Washington com uma só mão. — Gabe?

— O quê? — ele perguntou, começando a gostar daquele papo. Ele não chegava nem perto de ser um garanhão como Sean. Trabalhava duro demais e não se preocupava muito com sexo. Sempre tinha uma mulher disponível quando o corpo ficava tenso demais, mas desta vez era Tessa e as coisas eram diferentes. Na noite passada tinha sido diferente. Ele estava disposto a dar prazer a ela, queria fazê-la gritar.

Gabe jamais pensou em luxúria daquela forma, jamais sentiu aquele impulso dentro de si, e agora que se acostumara ao súbito ímpeto atômico do sexo, agora que se acostumara à onda hipnótica na mente, não conseguia mais se desligar dela.

Ele estava ficando fraco.

— Dá para pararmos com o fingimento? — Tessa perguntou.

— Que fingimento? — ele questionou, imaginando o que fingimento tinha a ver com sexo.

Ela fez um gesto com a mão, procurando as palavras.

— Fingir que você é... Outra pessoa. Por exemplo, um estranho misterioso que eu não conheço e não me diz o nome.

Ah, o ego masculino. Uma força tão poderosa, mas tão facilmente aniquilada. Gabe olhou para ela, imaginando que gesto estratégico errado teria cometido na noite anterior, porque estava óbvio que enquanto ele pensava em *gritar*, ela estava pensando em *outro*.

— Não sei se gosto desse jogo. — Era mais educado dizer isso do que gritar "droga, não".

— Ontem você bem que gostou — ela o lembrou.

— Não sabia que era este o jogo. Droga, Tessa, nem sabia que estávamos jogando. Não sei. Acho que você não está pronta. Faz só quatro anos... — *Meu Deus* — você precisa resolver essas coisas. Não precisava fingir — ele disse. *Muito menos comigo*, pensou, guardando esta parte para si.

Ela corou, não de raiva nem de vergonha, e Gabe não conseguiu entender por que esse jogo era tão importante para ela, mas estava tentando entender. Por Tessa ele passaria pela dificuldade de compreender o cérebro feminino, este desconhecido.

— É difícil para mim, pois somos amigos e não quero estragar nossa amizade, mas gostei de ontem à noite. Gostei mesmo e acho que, se pensasse em você como outra coisa que não meu amigo, seria mais fácil. Dá para entender?

Gabe pensou.

— Não.

Ela franziu a testa, frustrada, e tentou de novo.

— Fantasias devem fazer parte da sexualidade de qualquer mulher — ela disse, soando como se estivesse em algum programa de entrevistas. Seria essa a origem do papo? Talvez Tessa tivesse decidido começar a viver de novo e pensou que Gabe estava em segurança.

Isso devia tê-lo tranqüilizado.

Mas Gabe não estava tranqüilo.

Encostou a cintura no balcão do bar, sem saber ao certo o que dizer. Tessa esticou a mão e lhe tocou no braço. Um toque cuja sensação era única.

— Por favor.

— Tem certeza?

Tessa sorriu para ele charmosamente, aquele mesmo sorriso que usava antes de sacudir um drinque.

— Tenho, sim.

Ela soou tão confiante, tão capaz, tão... acesa. Talvez ele a tivesse julgado mal. Talvez não houvesse razão para toda a culpa. E então ela mexeu o corpo, atraindo a atenção dos olhos dele.

O cheiro dela lhe encheu a mente até que ele não conseguiu mais pensar. O sangue esquentou e então Gabe deixou de pensar em limpar o bar, em fechar tudo. Ele precisava beijar aquela boca atrevida. Precisava tocá-la mais uma vez.

Ele a trouxe para perto e a amoldou ao corpo, sentindo a vulnerabilidade e a adequação daquele gesto. Olhou para o rosto dela, com os olhos cuidadosamente fechados, mas nem se preocupou com aquilo. Precisava daquela boca outra vez.

E foi exatamente como na noite anterior. O mesmo fogo se acendeu dentro dele. Ela tinha uma boca suave, tão provocantemente bela, e se abriu facilmente para ele como se fosse o estoque particular dele. Ele lhe percorreu o corpo com as mãos, descobrindo lugares que já conhecia. O corpo de Gabe, o sexo, as mãos e a boca já conheciam aquele jogo e mal podiam esperar.

Naquela noite ela o envolveu com os braços, tocando-o de modos que não tocara na noite anterior. Ela levou a mão para entre o vão das pernas dele, abarcando o volume por sobre a calça jeans, e ele quase se desfez ali mesmo. Ele não era daquele jeito, Gabe procurou lembrar a si. Ele não era como Sean. Mas, droga, ele estava quase perdendo as estribeiras agora. Queria tomá-la ali mesmo, no bar, com as luzes brilhando sobre eles, mas sabia que tinha de se controlar.

Com sua mão incontrolável, ela alcançou o botão da calça dele e Gabe parou de se preocupar com o maldito protocolo. Desesperadamente, ele procurou o interruptor de luz, e suspirou de alívio quando caiu a escuridão sobre eles, permanecendo apenas o brilho fraco das luzes da cidade adentrando pelas janelas da frente.

Ninguém iria saber. Ninguém, a não ser Tessa e Gabe.

Ele deteve a mão dela antes que fosse mais além, pois já estava quase a ponto de soltar tudo, e os dois mal tinham começado. Propositadamente Gabe agarrou a mão de Tessa, seguiu com ela pelo bar e então a sentou em um dos bancos. Ainda não satisfeito com a situação, ele a ajudou a tirar a camiseta e o sutiã, encontrando a pele macia pela qual já estava desenvolvendo um gosto. Agora a situação estava melhorando.

Desta vez Tessa foi mais ousada com ele, passando as mãos por debaixo da camisa, removendo o algodão suave e ficando pele a pele com ele. Ele a envolveu com as pernas cobertas pelo brim da calça, com o corpo buscando o lar, ávido por encontrar o mel úmido que Gabe sabia que lá se escondia.

Tessa roçou nele quase dolorosamente, e o corpo dele fez um solavanco de

impaciência com os tecidos que os bloqueava. Havia um jeito de resolver esse problema. Ele puxou o zíper da calça dela, as mãos já alcançando a pele por debaixo do tecido grosso e da calcinha úmida, encontrando enfim o ponto pulsante e cálido que ele tanto queria.

Tessa gemeu em sua boca, e ele a levantou do banco, tirando a calça jeans de uma vez só com as mãos hábeis. As pernas esguias o envolveram e ele liberou a manifestação do desejo. Com dedos trêmulos, ele pôs o preservativo e penetrou Tessa.

Ele engoliu o choramigo dela com um beijo, sentindo o gosto de limão, a suavidade tão típica de Tessa. E como ela gostava de provar que ele estava errado, os lábios dela explodiram contra os dele, e o fogo do desejo começou outra vez.

Cinco vezes ele mexeu dentro dela, mas o ângulo estava errado. Ainda não estava profundo o bastante. Não para ela. Frustrado, ele soltou um palavrão, a levantou sobre o balcão do bar e deitou sobre ela. Desta vez, quando a adentrou, ele a ouviu responder com sons que eram música para os ouvidos.

Subitamente, pernas fortes apertaram com força a cintura de Gabe. Era isso que ele mais amava ao estar dentro dela, este desejo urgente de tê-lo mais e mais perto até os corpos se encaixarem como um só.

Ela lhe apertou as costas com a mão e ele sentiu a fome que a devorava por dentro.

— Eu gosto do escuro — ela murmurou, os lábios provando o gosto do pescoço dele.
— Adoro o escuro.

— Tessa — ele disse, mas não continuou. Gabe não estava acostumado a falar, não estava acostumado aos jogos que as mulheres e os homens jogavam. Sempre fora obcecado pelo Prime, mas assim... Um homem podia desenvolver uma nova obsessão.

— Nada de nomes — ela murmurou, e então girou o corpo jeitosamente e ficou por cima.

A meia-luz lhe atingiu o corpo e a pele cintilou na penumbra, os seios brilhando de umidade, e o coração dele quase parou. A cabeça dela pendeu para o lado, o pescoço tão longo, tão aveludado, e o coração voltou a bater forte no peito de Gabe. Então ele sentiu desejo, medo e a mais absoluta certeza de ter cruzado alguma linha imaginária, um ponto sem retorno. Jamais.

Tessa o cavalcou violentamente, passando as mãos na pele dele, e Gabe sentiu que já estava chegando lá. Agarrou-lhe os quadris com força, mergulhou dentro dela, entrando e saindo, querendo fazê-la ultrapassar todos os limites, querendo ver o rosto dela ao chegar ao clímax. Logo ela sentiu a boca afrouxar e o corpo retesar e, com um longo gemido, chegou ao ápice, ajudando-o a conseguir o mesmo em seguida.

No escuro tantas coisas ficavam escondidas. Tessa sentiu o corpo dele sob o dela, maravilhada com a força dele e imaginando quantas longas horas o fizeram ficar daquele jeito.

Ele era o limpador de piscinas, o jardineiro paisagista, o encanador e o entregador, tudo junto em uma só embalagem, o amante ideal. Isso ela aceitava saber, deixar a fantasia correr, deixando a mente livre para explorar, para desfrutar e, melhor de tudo, saborear. Enquanto ele não passasse de uma fantasia, ela poderia olhar para ele com olhos de amantes. Tessa ainda podia fazer amor com ele, só precisava fingir. Não era problema.

Ela se levantou e se vestiu, observando o jogo de luzes no peito dele e no bumbum

enquanto ele vestia a roupa. As linhas do corpo eram tão duras e flexíveis, como uma escultura viva queimando de calor.

— Tessa — ele começou a falar, mas parou, e ela ficou contente por ele entender e jamais questionar o porquê daquele relacionamento ter de ser secreto. Mas havia muitos caminhos que um casal de amantes podia seguir ainda que secretamente.

— Acho que da próxima vez nós podíamos nos encontrar no cinema — ela disse, ousando propor algo novo. — À tarde, quando não tem ninguém, na última fileira.

— Não sei — ele murmurou, a voz incerta. — Ainda está jogando?

Ela levou o dedo aos lábios dele e lhe beijou o peito.

— Sssshhh. Pense. Fantasie. Podemos fazer tantas coisas no escuro. Amanhã. Encontre-me amanhã de tarde.

O coração dela disparou, batendo de excitação com a idéia de rever o amante tão logo. Ele a trouxe para perto, beijou-a com paixão, ânsia, devoção, e logo ela pôde sentir a decisão dentro dele.

— Está certo.

Quando Gabe acendeu as luzes do bar, esperava encontrar Tessa ainda envolvida e tomada pela paixão. Mas ela estava como se nada tivesse acontecido, sem qualquer traço do tom rascante que ele ouvira na voz dela antes.

Por dentro Gabe sabia perfeitamente bem que algo estava dando errado, mas o corpo ainda sentia o encanto de tê-la por perto, e por enquanto ele ainda podia se convencer de que estava tudo bem.

Fecharam o bar juntos, Tessa assoviando uma canção de Donna Summer enquanto terminava, e então ele caminhou com ela até o metrô, de volta ao apartamento que ambos dividiam. Depois que entraram, ele olhou para ela com curiosidade, querendo abraçá-la novamente, mas sem ousar pedir. Ela sorriu de um jeito desleixado e acenou antes de fechar a porta do quarto.

— Até amanhã de manhã.

Gabe contemplou a porta fechada, contemplou o sexo dolorido e decidiu tomar uma chuveirada.

Fria.

O toque do celular de Tessa acordou Gabe cedo da manhã de quarta-feira. Ele não queria ficar ouvindo a conversa dela, mas ela tampouco estava fazendo questão de esconder as palavras, falando alto, e então suas orelhas pescaram os termos "dois quartos, um banheiro".

Quanto mais ouvia, mas culpado sentia-se, mas a culpa não era suficiente para fazê-lo parar de ouvir. Ela fez "hum-hum", concordando, disse alguns números e em geral pareceu feliz da vida.

Gabe franziu a testa.

Quando ela chegou à sala, ele já estava esperando por ela.

— Recebeu uma ligação? — ele perguntou.

— É — ela respondeu, uma resposta estúpida que não ajudou em nada.

— Ah. Fazendo planos para hoje à noite? — Ele perguntou, tentando outra vez. —



Lembre-se, você devia estar trabalhando. É minha noite de folga.

— Sem planos — ela disse, meiga.

— O que foi, então? — Ele perguntou, o que soou tão pateticamente óbvio, mas, tudo bem, ultimamente ele parecia estar perdendo o toque de sutileza.

— Uma pessoa com quem possivelmente dividirei apartamento — ela respondeu, sorrindo para ele.

Pessoa com quem possivelmente dividirei apartamento? Que diabos era isso? Agora, claro, eles estavam apenas no segundo dia da Grande Experiência de Dividir Apartamento, mas para Gabe estava tudo indo bem.

— Pessoa com quem possivelmente dividirá apartamento? Que droga é esta?

— Eu disse que ia sair da sua cola o mais rápido que pudesse.

Sim, este era o plano antes de começarmos a dormir juntos.

— Quanta rapidez. O que você sabe sobre essa pessoa?

— Bem, papai, estranha a sua pergunta, mas acho que vai aprovar. Ele é dono de uma padaria no East Village, tem um cachorro chamado Butch e está sublocando um fabuloso apartamento de dois quartos e um banheiro em Hamilton Heights. Não é nada como o edifício Hudson Towers, é um pouco mais moderno do que eu gostaria, mas o lado bom é que tem muito espaço, o preço do aluguel é bom e ele parece ser razoável.

— Um homem? — Ele repetiu de modo estúpido. Tessa cruzou os braços sobre o peito.

— Como estou morando com um homem, achei que devia expandir meus horizontes.

— Achei que você não ia morar com um cara.

— Você tem um pênis, Gabe? Gabe deixou escapar:

— Ele é um estranho.

— Você era meu amigo — ela disse, e talvez fosse um golpe baixo, mas era verdade mesmo assim.

— Isso é golpe baixo, Tessa. Ainda sou seu amigo — ele disse a ela, deixando a verdade escorrer por entre os dedos. Dormir com alguém e ser amigo desta pessoa não eram coisas excludentes.

A não ser com Tessa, uma vizinha lhe lembrou. Gabe mandou a voz se calar.

— Não posso morar com uma pessoa que não respeita meus limites pessoais — ela respondeu. — Não posso morar com uma pessoa sem limites, e se estamos indo para a cama, os limites não funcionam.

Agora ela queria falar de limites pessoais? Ele pensava que tinham deixado isso para trás depois da sexta vez que a viu nua. E agora ela estava pensando em se mudar para o apartamento de um assassino em série? Algo estava totalmente errado nessa história, mas ele manteve a calma, escolhendo as palavras cuidadosamente, apesar de irritado.

— Eu respeito seus limites pessoais. Pelo amor de Deus, eu sou a única droga de pessoa que vai respeitar seus limites pessoais. Você já reparou quem deixou sua escova de dente intocada na pia esta manhã? Fui eu. E você viu quem deixou o restinho de leite para você, apesar de eu não beber café sem leite? Eu também.

— Eu não sabia que lhe era inconveniente — ela murmurou, e algo estava acontecendo nos olhos verdes. Dor. Ele reconheceu. E, sim, ele era um imbecil.

Deus.



Gabe se jogou na poltrona favorita, imaginando por que de repente parecia que eles estavam falando línguas diferentes. Será que o sexo era realmente capaz de destruir a amizade? *Esta é Tessa*, a vizinha na mente lhe lembrou. Gabe tentou mais uma vez.

— Não quero que você pense que tem de se mudar, Não é ruim tê-la aqui, honestamente. Na verdade, é legal ter alguém por perto. — Era verdade.

A dor foi sumindo dos olhos dela, felizmente. Mas Tessa ainda não parecia convencida.

— Essa situação é temporária, Gabe. Nós sempre dissemos que era temporária. Não me venha querer mudar as coisas. Não gosto de me submeter a mudanças que não partem de mim, não lido bem com esse tipo de coisa, que em geral me tira do sério. Não gosto que me tirem do sério. Deixe-me dar uma olhada no apartamento. Pode ser que eu odeie — ela acrescentou e ele entendeu que a idéia era fazer com que ele se sentisse melhor.

— Está certo — ele concordou, ainda sem sentir-se melhor.

— Encontro você no cinema — ela disse, e ele ficou olhando para ela, tentando compreender quem era realmente aquela mulher. O cinema provavelmente não era boa idéia, mas nada no mundo o impediria de ir.

O cinema estava escuro quando ela chegou. Ela vestia saia com saltos altos e, maliciosa, não estava usando calcinha. Encontrou-o esperando por ela na última fileira. Escolheram um filme estrangeiro chato de doer que já estava em cartaz fazia seis semanas, de modo que a sala estava vazia, a não ser por Tessa.

E Xavier.

Na noite passada, quando estava deitada na cama sozinha, lembrando dos momentos que passaram juntos, ela começou a imaginar que ele se chamava Xavier. Não podia chamá-lo pelo nome verdadeiro, então arrumou outro. Um nome tão distante do que ele era que Tessa jamais precisaria se preocupar com a possibilidade de tomar um pelo outro.

Tessa escolheu sentar a uma poltrona de distância dele, como se fossem estranhos. Era mais divertido se fossem estranhos.

Hoje ele estava usando um boné de baseball que escondia-lhe o rosto, a não ser pela curva farta dos lábios, que ela reconheceria até mesmo em uma sala cheia de gente ou um estádio lotado.

Ela sorriu para o chão, ajustando a saia sobre os joelhos, sem querer agir de modo direto demais, mas por outro lado ela não estava acostumada àquilo, não era dada a casos secretos.

Ele apoiou os dedos no encosto para o braço, aproximando-se bem devagar das pernas nuas de Tessa. Ela viu o cenho franzido dele e sorriu. Gabe se aproximou, passando para o banco ao lado, e ela chegou a sentir o cheiro dele, a pele, o braço quente perto do dela. Quando as luzes se apagaram começaram os comerciais, palavras sem sentido, pois ela só pensava nele. Os dedos dele chegaram mais perto, tão perto que se ela se aproximasse um centímetro, encostariam um no outro. Uma música estridente começou a sair pelos alto-falantes, ela quase deu um pulo e, neste exato momento, sentiu a mão dele, quente e determinada, lhe abarcando a coxa. Ela ficou louca para fechar as pernas, mas assim ele conheceria sua fraqueza. De toda forma, logo os dedos dele começaram a mexer, resvalando inocentemente para frente e para trás ao longo da pele nua da coxa.

O ar estava gelado e ela gostou daquele toque confortante, mas então ele deslizou aqueles dedos perspicazes para debaixo da saia, aproximando-se do âmago cálido dela. Desta vez ela fechou as pernas. Ouviu a leve risada que ele deu e os dedos voltaram, pedindo gentilmente, tentando entrar no recôndito secreto ao qual ela lhe negava acesso. Tessa hesitou, ainda insegura, mas os dedos eram tão quentes, tão confortantes, que ela enfim abriu as pernas só um pouquinho.

Mas foi o suficiente.

Xavier chegou facilmente à fonte tépida e começou a acariciá-la, fazendo-a se retorcer na poltrona, ávida para sentir mais daquela perversidade. Ele riu outra vez, levou o dedo à boca e lambeu.

Tessa gemeu e ele riu de novo. Riu baixo, pois sabia o efeito que aquilo estava causando nela. Desta vez ele a fez sentar-se no colo dele, e ela sentiu nas nádegas sua ereção. Enquanto isto, o filme começou. E Xavier começou também.

Agora, sem mais nenhuma barreira entre ele e ela, Xavier a acariciou à vontade, adentrando-a com os dedos, brincando com aquela carne torturada de prazer.

Tessa se contorceu novamente, sentindo-se nua e exposta, mas ele não a soltou. Pelo contrário, envolveu-a com os braços, imprensando a virilidade contra ela, mais dura, mais firme, e ela gostou daquela parte. Gostou de sentir que podia controlá-lo também.

Ela abriu mais as coxas para deixá-lo sem impedimentos e para deslizar mais ainda sobre ele. E ela o fez, duas vezes, sentindo que ele a cutucava com a máscula densidade antes de contê-la com os braços. Ela se irritou, mostrando desprazer, e sentiu que a resposta dele veio como um solavanco de carne. Desta vez, quem riu foi ela.

— Gosta disto? — Ele perguntou, os lábios junto à orelha dela. Então ele murmurou mais palavras, com os dedos se enrascando dentro dela, usando as mãos para cumprir promessas urgentes.

Tessa sentiu um gemido súbito se formar dentro dela, esquecendo o jogo por um momento. Ela queria mais; o corpo todo chacoalhava de vontade. Ela queria mais que as mãos dele, então as pegou em um gesto incipiente que comunicava mais que palavras.

Ele não precisava que ela pedisse de novo. Tessa sentiu que ele levou a mão à calça e ouviu o barulho de papel laminado. Ela ficou esperando, esperando, esperando, até que fácil e silenciosamente ele a reposicionou no colo, deslizando bem para dentro.

Desta vez Tessa gemeu mais alto do que pretendia, pois era doce aquele alívio que a preencheu completamente. Ele a levantou lentamente, e então ela deslizou outra vez sobre a carne escorregadia, escorregadia por causa dela. Era uma sensação estranha estar vazia e ser depois lentamente possuída por alguém, o corpo dele tão profundamente integrado ao dela.

Ela deixou a cabeça cair sobre o ombro dele, e ele lhe beijou o pescoço. Um beijo tão pequeno e simples, nada do beijo apaixonado do amante fantasioso, e sim o beijo de outro, um beijo de despertar qualquer mulher de sua fantasia. Tessa meio que se levantou no colo dele, fora da fantasia, e ele não entendeu. Ele pensou que ela ainda estava jogando.

Ele a segurou com força contra as costas da poltrona em frente a ambos, entrando por trás, e ela soube nem estava lá. Ela sentiu aquele peito firme, sentiu que era ele, seu gosto, seu cheiro.

Este é Gabe.



Ele penetrou novamente, e de novo, derrubando todas as barreiras que ela havia construído ao redor de si. Ele a preencheu tão completamente, tão plenamente, que ela não conseguiu lutar. O corpo dela não tinha como lutar. Mais perigoso ainda, a mente dela tampouco podia lutar. Ela foi tomada pelo mais envolvente dos prazeres, um prazer tão delicioso que doía, como se a partisse ao meio. Ele se mexeu de novo, e outra vez, e ela sentiu vontade de gritar. De satisfação e de fúria. Mas Tessa não podia gritar. Manteve aquele som preso dentro de si por tempo demais. Finalmente chegou ao clímax, sem emitir nenhum som.

Um longo momento se passou e ela ainda o sentiu dentro de si, sentiu os braços a envolvendo, e soube. Seria tão fácil com Gabe. Tão fácil acreditar que com ele ela não precisaria se preocupar com nada na vida. Nem com apartamento, nem com carreira. Apenas um homem e uma mulher, e só.

Então ele saiu de dentro dela, os braços se afastaram e Tessa apressadamente ajeitou a saia, os dedos silenciosamente tocando as letras tatuadas na parte de trás.

Havia coisas a fazer, um apartamento para arrumar, uma carreira para a qual se preparar.

Rapidamente Tessa saiu, antes que fizesse a mesma besteira pela segunda vez na vida.

CAPÍTULO SEIS

Quarenta minutos depois, Tessa já tinha trocado de roupa, vestindo calça jeans e uma camiseta surrada, e saiu para falar com um homem sobre um apartamento. O edifício Hamilton Heights fora construído nos anos 70, tinha ar condicionado central, mas o lugar em si não tinha personalidade, não tinha alma. Samuel era um sujeito bastante agradável, dono de um buldogue inglês bem adestrado, e precisava de um inquilino para já, mas não era um companheiro de apartamento atraente. Não era mesmo.

Por mais patético que fosse, seus padrões estavam mudados. Fazer sexo com Gabe a deixava assim. Enfraquecida.

Tessa disse a Samuel que era alérgica a cães e o deixou com o buldogue, desejando boa sorte a ambos.

A próxima parada era do outro lado da cidade, na Avenida West End, Hudson Towers.

Tessa precisava daquele lembrete visual, aquele imóvel tangível que representava o que ela *sabia* que era capaz de conseguir. Ela era cheia de sonhos quando tinha seus 18 anos, antes de conhecer Denny, e então ele se tornou sua vida e seu sonho. Mas sonhos com homens não lhe pagavam o aluguel. Não deixaria de jeito nenhum, que Gabe se transformasse em urna nova versão de Denny.

Faça algo de útil, disse a si, e então lembrou-se prontamente que estava se esforçando nesse sentido, razão pela qual estava parada em frente ao edifício Hudson Towers em vez



de ir para a aula de contabilidade. Tessa podia não ter talento para tomar decisões, mas ao menos tinha consciência disso.

Ao pensar nisso, resolveu comprar um café e se sentar em um banco de ponto de ônibus, observando os inquilinos entrando e saindo do edifício. Ternos poderosos e shorts de ciclismo. Elegantes vestidos de verão e calças de ioga. Pessoas que sabiam o que queriam da vida e como conseguir.

Tessa se deu conta de sua camiseta surrada e ficou imaginando qual peça estaria faltando no próprio DNA. Recentemente se desviara dos objetivos, mas tudo que ela precisava era retomar a concentração. Retomar a independência. Podia não ser tão forte quanto o irmão, mas no fundo ela era uma Hart e ia conseguir. Sabia que ia conseguir.

Ficou lá, sentada por um tempo, olhando, visualizando, absorvendo a vida e deixando os genes da vizinhança se infiltrarem em seu espírito. Até que se levantou, tomada por renovada força de vontade, e foi trabalhar.

Naquela noite seriam ela e Lindy detrás do balcão, o que sempre significava diversão: Tessa gostava de Lindy, que conhecia mais piadas sujas do que a maioria dos comediantes de Las Vegas, e sempre era toda sorrisos, fosse qual fosse a gorjeta. Lindy vinha de Trenton, mas tinha um bronzado de Malibu que combinava com os cabelos curtos e louros. Além disso, era multitalentosa, sabia ser bartender também, além de garçoneite.

— Está ocupada? — perguntou Tessa, automaticamente esticando o braço para pegar guardanapos e porta-copos debaixo do balcão.

— Devagar como o talento de Peter para esconder o salame... E tão gratificante quanto.

Tessa nunca sabia se Peter era real ou pura imaginação de Lindy. Não que fizesse diferença. As histórias de Lindy eram sempre cheias de "Peter isto" e "Peter aquilo".

— Você precisa arrumar um homem de verdade — respondeu Tessa.

Lindy sorriu.

— Eu tenho um homem de verdade. Chamo-o de meu vibrador.

Tessa riu, conferindo os estoques e a caixinha de gorjetas. Como sempre, as coisas se equilibravam perfeitamente. Quando o pessoal começou a aparecer para o *happy-hour* da noite de quarta-feira, Tessa foi se ocupando dos drinques, contando piadas e escutando as histórias e tribulações de um mundo de gente que simplesmente precisava de um drinque.

Uma mulher de terno pediu a Tessa um *martini* de *wheatgrass* e ficou esperando pela bebida, de olho nas fotos na parede do bar. A atenção dela se concentrava em uma foto específica e Tessa, ao fazer uma brincadeira, acidentalmente derramou vodca na mulher.

— Meu Deus! — Tessa exclamou, pegando uma toalha. Fazia mais de três anos que ela derramara bebida em um freguês. Tessa estava ficando desajeitada, e isso era uma praga para uma bartender.

Felizmente a mulher deu um sorriso compreensivo com os lábios perfeitamente delineados com batom.

— Não se preocupe. Eu precisava levar o terno para lavar mesmo.

— É um belo terno — Tessa disse, sinceramente.

— Eu cuido da lavagem a seco.

— Esqueça isso. Eu já esqueci.



E Tessa imediatamente gostou dela. A mulher se apresentou como Marisa Beckworth, que tivera um dia ruim e resolvera tomar uma bebidinha depois do trabalho.

— Onde você trabalha?

— Na imobiliária Cocoran.

Tessa baixou a coqueteleira.

— Vocês são os melhores — Tessa disse, tentando não se entusiasmar demais, e falhando.

— Não trabalha no ramo, trabalha? — Marisa perguntou, com educação impressionante, considerando que Tessa havia acabado de lhe molhar com vodca.

— Não, estou estudando para ser contadora.

— Ah.

— Mas no momento estou à procura de apartamento.

— Posso lhe ajudar — Marisa se ofereceu, e lhe passou um cartão.

— Para ser honesta, sei onde quero morar, só preciso ver como chegar lá.

— O Dakota? Tessa riu.

— Tenho cara de iludida? Não, o Hudson Towers, no West End.

Marisa balançou a cabeça, assentindo.

— É um ótimo edifício, mas tem uma lista de espera de quilômetros e dizem que vai passar para o sistema de cooperativa.

Sempre tinha de haver um porém.

— A questão é que não quero morar lá para sempre. Só quero morar sozinha por um tempo, e minhas escolhas nesta cidade no momento se limitam ao Hudson Towers e, sim, ao Hudson Towers.

— Manhattan. Entendo completamente. Já observou os obituários?

— Não como deveria.

— E quem tem tempo, não é? Aposto que você passa todas as suas horas acordada aqui. E que tal trabalhar em um bar? Sempre achei que devia ser legal. — Ela se debruçou um pouquinho. — E ouvi falar que os bartenders aqui são interessantes.

Tessa tossiu, pois conhecia bem aquela história. Era público e notório que mulheres que vinham desacompanhadas estavam querendo realizar sua fantasia favorita, com um bartender bonitão e forte, e quem era Tessa para julgá-las?

— As noites de sábado são as melhores para você. Eles sempre trabalham aos sábados.

— Você é solteira?

— Sim — Tessa respondeu, contendo o impulso de mentir ou disfarçar a verdade de alguma maneira.

— Quem é aquele? — Marisa perguntou, apontando para a foto de Gabe que estava perto de uma foto das torcedoras do Knicks.

— É o Gabe. Ele é o dono principal do bar. — Tessa se aproximou da fileira de fotos para mostrar que o prime tinha mais de um bartender bonito. — Este é o irmão dele, Sean, perto da esposa do prefeito. E este aqui é o Daniel, irmão mais velho, se escondendo de baixo do bar. Ele não gosta de tirar fotos.

— Gostei deste aqui — Marisa respondeu, apontando Gabe como quem escolhe carne no açougue.



— Ele é ótimo — disse Tessa, de cabeça baixa, olhando para o bar.

— Ele tem namorada? — Marisa prosseguiu, ainda cheia de perguntas, e ainda firmemente concentrada em Gabe.

— Não. — Tessa tentou não parecer que estava encorajando. — Ele toma conta do bar e não tem tempo para relacionamentos.

— Ah. — A mulher deu um suspiro de lamentação. *Isso mesmo, irmã, tire-o da cabeça.* — Mesmo assim, ele é atraente. Quanto tempo se precisa realmente para manter um relacionamento?

— Parece que não muito.

— Você é amiga dele?

— Um pouco — Tessa respondeu, deixando de mencionar o detalhe que morava com ele e que, além disso, ainda estava indo para a cama com ele. Nada daquilo lhe ajudaria a ganhar boa gorjeta.

— Tenho uma proposta para você. Eu consigo um apartamento no Hudson Towers para você, e você me arruma um encontro com seu chefe.

Marisa, ao contrário de Tessa, era obviamente uma mulher extremamente determinada e objetiva. Para sorte de Tessa, o objeto da determinação era Gabe, o homem com quem Tessa não queria achar que nutria nada, mas o gelado desconforto no estômago a chamava de maior mentirosa do mundo.

— Ah, eu não teria como fazer isso.

Foi neste exato momento que Syd entrou na conversa.

— Claro que tem — ele disse, balançando a cabeça daquele jeito típico de tira. Ele deu uma olhada de canto de olho. — Gabe a escuta.

Tessa balançou a cabeça para Marisa.

— Não é bem assim.

— E estão morando juntos.

Tessa fechou os olhos, imaginando quando foi que o detetive de polícia havia se esquecido do lema da polícia de Nova York, "proteger e servir". Quando ela abriu novamente os olhos, usou um sorriso atrevido no rosto.

— Não é bem assim. Estou passando de um apartamento para outro, no momento.

— Será que estou caçando em terreno ilegal? — Marisa perguntou, com um sorriso que não tinha nada de atrevido nem constrangido. Tessa sentiu uma inveja momentânea de tamanha compostura.

— Ah, não — Tessa respondeu. — Considere-o livre. Conheço Gabe bem demais para estar interessada — Ela virou para Syd e o fuzilou com os olhos. — Quer beber algo?

— Dê-me um Bourbon, já que não deixa este velho se divertir.

Tessa lhe deu a bebida e então esperou até ele não estar ouvindo mais. Estava na hora de Tessa Hart crescer e parar de se iludir sobre os homens que iriam para sempre tomar conta dela. Se ela queria algo da vida, tinha de saber escolher. Desta vez, ao contrário de sete anos antes, ia escolher o que era melhor para ela.

— Você realmente acha que consegue um apartamento no Hudson Towers para mim?

Marisa olhou para ela com alívio palpável.

— Não me chamam de Santa Marisa à toa.



Tessa respirou fundo. Sim, ela adorava ir para a cama com Gabe, mas era apenas sexo, dois estranhos satisfazendo necessidades biológicas, nada além. Tessa precisava se lembrar dos limites pessoais, e Marisa era a pessoa perfeita para pôr os limites exatamente onde deveriam estar. Então Tessa estaria de volta ao caminho da independência e desenvolveria os *cojones* que tanto lhe faltavam neste momento crítico.

— Posso lhe arrumar um encontro com Gabe — ela disse com segurança, e então esperou que os céus mandassem raios e trovões ou que as sete pragas caíssem sobre Manhattan ou que Tessa fosse atingida por um ônibus que subitamente adentrasse o bar. Mas tudo que sentiu foi uma dor no coração.

Marisa estendeu a mão, sem sentir a miraculosa ausência de desastre, sem perceber o coração dolorido de Tessa.

— Tessa, é um prazer fazer negócio com você. Por isto — ela disse, apontando a foto na parede —, sou capaz de dispensar minha comissão quando você estiver acomodada no Hudson Towers.

Tessa deu um sorriso tenso e apontou para o terno manchado de álcool de Marisa.

— E por isto, vou dispensá-la da conta.

A noite de pôquer dos O'Sullivan era uma tradição que começou quando Sean precisou de dinheiro para comprar a primeira Harley Davidson aos 19 anos. Gabe, que era menor de idade na época, adorou a oportunidade de se dar bem nas reservas de cerveja do irmão mais velho e aderiu, feliz da vida. Daniel, que era contador e, por conseguinte, já estava acostumado a trocar as fraldas deles, encarava a noite de pôquer como uma chance de ensinar os irmãos mais novos a ter responsabilidade fiscal. Mas, lamentavelmente, a lições em geral não eram aprendidas, e Daniel, pesarosamente, terminava ganhando montes de dinheiro.

Gabe gostava da qualidade do tempo que passava com a família, de ficar discutindo regras e em geral perseguindo os irmãos mais velhos de todas as formas que podia. Ser o mais novo de três garotos era duro, e ele já havia entendido muito tempo atrás que, se jogasse limpo, perderia.

Naquela noite a cerveja estava fluindo e as cartas estavam lhe favorecendo. Rainhas e ases, dois pares e um *full house*. Daniel pelo jeito estava em uma maré de má sorte, e Sean... Bem, Sean sempre perdia. Cain era a quarta mão e sempre fora um competidor durão, um rosto tão transparente quanto um muro de tijolos. Após umas duas horas de jogo, Gabe já estava ganhando de lavada.

— Tem certeza de que não está roubando? — perguntou Sean depois de perder três vezes seguidas para Gabe.

— Não tenho que roubar para lhe derrotar, Sean. Encare a realidade, você é péssimo. Foi principalmente por isto que você não conseguiu comprar sua Harley depois de se formar em Direito.

Sean não pareceu convencido.

— Por que não esvazia os bolsos?

Gabe teria ficado ofendido se aquilo não fosse uma rotina de quase quatro anos.

Daniel, que não dava o mesmo valor às tradições de família que Gabe, suspirou alto e profundamente.



Cain pôs as fichas na mesa.

Gabe sorriu de modo presunçoso,

— Claro — ele disse ao irmão, e mostrou os bolsos vazios. — Sente-se melhor, sr. advogado? Você continua péssimo.

— Garotos — Daniel interrompeu. — Parem. Gabe fez silêncio porque Daniel não costumava se meter com frequência.

Gabe passou o maço de cartas para Cain, que embaralhou e deu a Gabe um par de oitos, um ás, um dois e um cinco.

Sean olhou para as cartas e sorriu. Pegou duas fichas e olhou para Gabe.

— E então, me conte de Tessa. Como a coisa está funcionando para você? Já foi para a cama com ela?

Gabe olhou feio para as cartas, mantendo o rosto desprovido de qualquer coisa que não o extremo interesse no pôquer.

— É Tessa, Sean. Tire isto da cabeça.

— Não tenho certeza se conseguiria lidar com uma mulher na minha cola. Isto acaba com o estilo de qualquer cara; supondo-se que ela tenha estilo, é claro.

Gabe fuzilou-o com os olhos e Cain ajeitou as fichas em duas pilhas.

— Você dois vão brigar? Se vão, quero saber para poder separar meu dinheiro.

— Eles não vão brigar — Daniel respondeu.

— Eu bem que podia — Gabe respondeu. — Dois anos atrás você estava na pior, pedindo clemência, lembra?

Cain riu.

— Sim, Gabe, todos lembramos.

— Vamos lá, podem rir. Sou o caçula aqui e vou conquistar minhas vitórias na hora certa.

Sean resmungou, desafiando a aposta de Cain e aumentando em mais de dez pratos. Alguém estava com boas cartas.

— A única razão pela qual eu deixei você ganhar aquela foi porque Anna Del Toro estava olhando, e fiquei com pena de você, que estava na frente da namorada. Você é meu irmão caçula.

— E então, como você e Tessa *estão* se saindo? — Daniel perguntou, tranqüilamente aumentando a aposta de Sean com um sorriso disperso.

— Ela não costuma parar em casa — Gabe disse, olhando para seu par de oitos com ainda mais desconfiança. Se Daniel estava sorrindo, era porque tinha um jogo sério nas mãos.

Cain deu uma risada de desprezo.

— Fica difícil para um homem vencer uma aposta de bar se vocês nunca estão no mesmo recinto.

Sean pegou duas cartas sem tentar esconder o sorriso em seus olhos.

— Gabe não está pegando nada. Está tenso demais. Que pena. Se você pensasse em algo além do bar, seria bem mais feliz. Equilíbrio. É disso que você precisa. De equilíbrio e de uma boa noite de sexo devastador. Você nem é tão feio e, se fizer um esforço, terá as mulheres caindo aos seus pés. Aliás, apostei no dia 31, portanto se quiser fazer algo bem legal pelo seu irmão mais velho, providencie um jantar romântico para ela, talvez com um

banho de espuma.

Gabe esfregou o polegar no canto do às, seriamente contemplando a idéia de um jantar romântico e um banho de espuma com Tessa. Na verdade, não era má idéia: calibrá-la com umas cervejas, ensaboar-lhe as costas, as coxas duras.

— Alô? Gabe? — Sean interrompeu a fantasia momentânea e olhou para Daniel com quem estava entendendo. — Eu disse que ele estava sofrendo. A única pessoa que vai vencer a aposta é Tessa.

A boca de Cain se contraiu em um sorriso contido.

— Tentou e não conseguiu? — Ele perguntou, e esta veio de Cain, que costumava ficar do lado de Gabe. — Que saco, cara.

Gabe olhou para o dois de copas, querendo que se transformasse em alguma carta mais valiosa, por exemplo, outro às.

— Ao contrário de meu outro irmão mais lascivo eu tenho consciência moral.

Sean se recostou à cadeira e deu risada.

— É um direito garantido na Constituição. Vida, liberdade e a busca de...

— Podemos mudar de assunto? — Gabe interrompeu. — Podíamos falar, por exemplo, sobre a permissão do condomínio para reformas. Estão sabendo de mais alguma coisa?

— Amanda fica fora do escritório até terça-feira e não posso conseguir nenhuma resposta direta do coroa que a substituiu.

— Mas não há nenhum problema com minha licença, não é?

Sean estalou os dedos

— Nada que eu não possa resolver, Gabe. Não se preocupe com nada.

— Isso quer dizer que você vai me ajudar a trabalhar na obra enquanto a licença não sai?

— Não — Sean disse, sem a menor culpa. — Mas vou lhe ajudar a contratar outro bartender para lhe substituir.

Gabe olhou frustrado para Daniel, que deu de ombros. Não conseguiria ajuda com ele.

— Desisto — Gabe anunciou, pois não estava chegando a lugar algum. Em breve Tessa estaria fechando o bar com Lindy e ele queria saber se ela conseguira algum apartamento para dividir. Além do mais, ele não achava certo deixá-la pegar o metrô para voltar para casa sozinha. Tessa provavelmente lhe daria um soco se soubesse o que ele estava pensando, mas Sean tinha razão em relação a uma coisa: Gabe tinha complexo de Lancelot. E se havia uma dama em apuros, era Tessa.

Ele olhou ao redor da mesa e reparou na pilha de dinheiro que agora estava em frente a Cain. Tudo bem, então ele não tinha conseguido sua cota. Daria um jeito nisso na semana seguinte. Então ele esmagou a própria dor e esfregou dois dedos na têmpora.

— Não sabe perder? — perguntou Cain,

— Passei o dia inteiro com dor de cabeça. Provavelmente alergia ou coisa assim. Escute, detesto encerrar mais cedo, mas, droga, minha cabeça está a ponto de explodir.

Gabe recolheu as cartas e Daniel lidou com a parte financeira. No final, Gabe estava com uma vantagem de vinte. Nada mal.

— Na mesma hora semana que vem? — Cain perguntou, pondo duzentos no bolso

com um sorriso de satisfação.

— Na minha casa — Sean disse.

— Certo — Gabe concordou, mantendo a cabeça baixa e fazendo cara de dor de cabeça.

— Por que não vai se deitar? — Sean sugeriu. — Nós sabemos onde fica a saída.

Gabe sentiu uma culpa momentânea, pois Sean parecia realmente preocupado, mas era por uma boa causa. Que homem em seu juízo perfeito não iria querer se assegurar que uma mulher indefesa chegasse em casa em segurança? Afinal, as ruas de Nova York podiam ser realmente perigosas. Isso se a pessoa ignorar os relatórios do FBI, que dizem que Nova York é a metrópole mais segura do planeta. Mas Gabe não era de acreditar em estatísticas governamentais. Os governos mentiam, e então o que seria de Tessa? Estaria caminhando pelas ruas perigosas de Manhattan, sozinha.

Ele conseguiu dar um sorriso diluído e então foram embora. Gabe esperou mais cinco minutos e calçou as botas. Hora de levar Tessa para casa.

Gabe se lembrou daqueles momentos à tarde, no cinema. Lembrou do sabor do pescoço dela, da curva das nádegas desnudas e da sensação deliciosa e excitante de sentir o encaixe físico entre eles. Era perfeito.

É, esse negócio de dividir apartamento não era nada ruim.

A noite não foi de perda total. Tessa fizera mais de cem dólares em gorjetas e foi tomada por uma sensação de paz depois que superou a melancolia inicial da decisão de juntar Marisa e Gabe. Na verdade, até Lindy havia reparado que ela estava diferente quando estavam limpando o bar.

Ela pôs o sorvete no refrigerador e ficou olhando incisivamente para Tessa.

— Por que você está tão pálida? Está ficando doente ou algo assim?

— Não estou pálida, estou calma. Contida. Estou com uma atitude de tomar o controle de certas coisas, com planos de ter meu próprio canto.

— Mas está pálida mesmo assim — Lindy repetiu, balançando a cabeça, e Tessa pôde sentir a melancolia voltando.

— Para quem não está sabendo de nada, pode ser.

Lindy continuou olhando para ela com desconfiança. Tessa se visualizou entrando em seu apartamento perfeito, cercada de colegas bem-sucedidos e financeiramente independentes que se deram bem na vida. Ao contrário da imagem deplorável de Tessa largando a universidade antes do fim e vivendo com Gabe por uns dois anos. Então ele decidiria que queria outro tipo de coisa, talvez alguém com uma carreira mais viável, e então Tessa estaria chegando aos trinta e ainda tentando se sustentar com gorjetas de bar. A cada minuto o edifício Hudson Towers parecia mais atraente.

— E de onde vem essa nova atitude?

— Vem de aprender as coisas da maneira mais dura, da vontade de seguir com a decisão certa na cabeça e realizar meus sonhos.

— E essa decisão tem a ver com o quê?

— Com a mulher que veio aqui hoje, aquela em quem derrubei vodca. Ela vai me ajudar a conseguir um apartamento no Hudson Towers.

— Hudson Towers? Tudo isso porque você derrubou vodca nela? Cara, eu queria ter

a sua sorte. Mas sempre acabo me enrolando com garotos de 17 anos com carteiras de identidade mal falsificadas, que desafiam as leis e dizem que os terroristas terão vencido se eu denunciá-los. Diga, o que terrorismo tem a ver com um menor de idade bebendo álcool? Não entendo a ligação.

Tessa riu.

— O que você quer, Lindy?

— Orgasmo total.

— Falo *sério*.

Lindy olhou com desconfiança.

— Estou falando *sério*.

— E Peter?

Lindy deu de ombros.

— Ele é só coisa da minha cabeça.

Tessa, que era a primeira a se deixar levar por fantasias românticas, assentiu.

— Às vezes é melhor quando eles ficam só na cabeça da gente.

— Em vez de ficarem só na vagina?

Tessa disse a si que não ia corar, não ia corar, não ia corar. Corou.

— Quer compartilhar algum segredo? — Lindy perguntou.

— Não. Não, não, não.

— Que bom que alguém está conseguindo alguma coisa por aqui. — Lindy olhou para frente. — Falando no demônio...

— Oi — Gabe respondeu, caminhando tranqüilamente pela porta como se fosse o dono do lugar. E era.

Tessa arregalou os olhos para Lindy, aterrorizada, e tentou fazer seu cérebro pensar no edifício Hudson Towers.

— Não ouse.

Lindy piscou o olho.

— De jeito nenhum. — Então acenou para Gabe como se tudo estivesse na mais perfeita ordem. — Oi, chefe.

Gabe desceu a escada para o porão e Lindy terminou de limpar as torneiras de cerveja. Pouco depois ela pôs as mãos na cintura, deu uma longa olhada ao redor e suspirou, feliz.

— Acabei.

— Não precisa sair por minha causa — disse Tessa, que não sabia se queria mesmo ficar sozinha com Gabe, mas sentindo a carne já enfraquecida agoniada de vontade de ficar sozinha com Gabe. Na verdade, queria desesperadamente ficar sozinha com Gabe. E se Lindy fosse embora? Estava enrascada. Profundamente enrascada.

— Boa noite, Tess. E não faça nada que eu não faria — Lindy acrescentou, e saiu pela noite. Deixando Tessa a sós. Com Gabe.

Na verdade nem era má idéia, ela pensou, olhando para o bar vazio. Como Gabe estava lá embaixo, estava fora do alcance da visão, fora do alcance do toque, fora do alcance do beijo e fora do alcance do paladar.

É claro que ele tinha de voltar nesse exato momento. Tessa quase deu um pulo.

— Como foi a busca por apartamento hoje? — Ele perguntou, começando uma



conversa normal, como quem não quer nada.

— Não entendi.

— Pequeno demais? — Ele perguntou, agindo de modo completamente inocente, completamente educado e completamente normal.

Tessa olhou para ele com desconfiança.

— Não, era enorme.

— Então qual foi o problema, Tess? — Ele perguntou, já não mais tão inocente assim, nem tão educado e, a-há, tampouco tranqüilo.

— Ele tem um cachorro — ela respondeu com sinceridade.

— Você não gosta de cachorros?

— Eles são bagunceiros e fedorentos.

— Certo, eu não sabia que você pensava assim. Eu gosto de gatos.

Tessa assentiu com a cabeça, pegou um pano e começou a limpar outra vez a pia do bar. Pias nunca estavam suficientemente limpas.

— Sim, é o que penso. Prefiro gatos mil vezes. Combinam muito mais com a vida em apartamentos.

— Ah. — Ele ficou parado, observando-a trabalhar. — Tessa? — Ele começou, e ela captou a curiosidade em seus olhos.

— Como foi o pôquer? — ela perguntou, mudando de assunto abruptamente, pois não queria ser objeto de curiosidade.

Gabe entendeu a deixa.

— Perdi uma grana. Estava indo bem no começo, mas então Cain começou a ganhar e não parou mais.

— Lamento.

— E aqui, ficou cheio? Parece que fizeram um bom dinheiro.

— Derramei vodca em uma pessoa — Tessa reconheceu, satisfeita de falar de trabalho. Era bom falar de trabalho.

Gabe franziu o cenho.

— Por que fez isso, ele veio com intimidades?

— Não era ele, era ela. E não foi nada disso, eu que fui desastrada.

— Você nunca foi desastrada.

Talvez não fosse com as mãos, mas às vezes Tessa era desastrada para com a própria vida.

— Sempre há uma primeira vez na vida para tudo. O nome dela é Marisa e ela é corretora de imóveis — ela começou, decidindo que aquele era o momento para fazer sua parte do trato e fazer Gabe marcar um encontro com Marisa.

— Imagino que vocês duas tenham tido muita coisa para conversar. Você já considerou o ramo imobiliário, Tessa? Acho que você seria boa nisso.

Ela olhou para ele e logo se esqueceu da história de bancar o cupido entre ele e Marisa. O assunto de fazer carreira no ramo imobiliário a interessou. Mas *na área de vendas?*

Entretanto, Gabe parecia falar sério. Como se não estivesse brincando. Como se achasse que ela podia mesmo fazer aquilo.

— Acho que eu seria terrível nisso.



— Está de brincadeira? — ele perguntou.

— Não. Não posso lidar com vendas.

— Mas quando você sabe o que está fazendo, não é bem vender, é mais... Não sei...

Questão de descobrir pessoas e fazê-las encontrar o que precisam, e isto você sabe fazer. Sem dúvida.

— Não sei, Gabe — ela começou, pois já havia se decidido por uma carreira. Tudo bem, uma nota "D" em uma prova de contabilidade não era um prenúncio dos mais promissores, mas onde ela iria terminar se ficasse mudando de idéia o tempo todo? Provavelmente acabaria como uma fumante compulsiva de 47 anos trabalhando em bares, com uma tatuagem no braço escrito *Mãe* para combinar com a tatuagem D-E-N-N-Y que ainda estava no traseiro.

— Qual é o edifício mais seguro da cidade? — perguntou Gabe.

— O Lucerne — ela respondeu.

— Estou à procura de um edifício. Com animais de estimação, prédio sem elevador no Battery Park, e não quero pagar muito. Por onde devo começar?

— Liberty Manor — ela disse automaticamente, e Gabe lhe deu um daqueles irritantes olhares do tipo "eu sabia".

Lentamente ocorreu-lhe que, sim, Gabe tinha razão.

— Acha que eu seria capaz? Eu não iria... Bem, assustar as pessoas? — Ela perguntou, mentalmente comparando a camiseta suja de vinho ao terno impecável de Marisa.

— Com certeza que sim. Mas não peça demissão do trabalho noturno. Não estou preparado para perder minha melhor bartender.

Tessa lhe atirou o pano que tinha nas mãos.

— Você é o melhor bartender aqui, Gabe.

— Não posso entrar na competição. Não seria justo. Ele sorriu para ela, olhando para Tessa como se ela pudesse fazer qualquer coisa. E ela queria acreditar naquilo.

— Indolente — ela provocou. — Falando em indolência, sabe se fizeram a entrega da madeira?

— Lindy não disse nada, mas... Ele apontou a direção da rua com a cabeça.

— Vamos dar uma olhada. Você não está com pressa de voltar para casa, está?

Casa. Ele disse a palavra com tanta facilidade que ela facilmente acreditou naquela fantasia de "posso-viver-lá-para-sempre". Ainda assim, ela fez que não com a cabeça, seguindo à deriva, sem vontade de contradizê-lo.

— Não, tomei uma xícara de café às onze.

— Nossa, você nem vai conseguir dormir esta noite. Caminharam para fora e dobraram a esquina para chegar à porta ao lado. O vento do começo do verão estava perfeito e uma chuvinha fina estava começando a cair. Tessa levantou o rosto para receber a água morna no rosto, sentindo-se revigorada.

A velha mercearia passou quase dois meses vazia antes de Gabe tomá-la de assalto. A verdade era que, como normalmente o Prime ficava superlotado, comprar o espaço ao lado tinha sido boa idéia. Claro que Gabe era bom nisso. Fazer planos, executar e supervisionar até conseguir o resultado. Ele não esperava por nada, nem deixava nada ficar no caminho. Sob a observação de Tessa, ele usou as chaves para abrir a porta.



— Amanhã teremos energia elétrica se os deuses da Con Ed forem bondosos, mas esta noite será pura escuridão — ele disse ao abrir a porta de vidro.

Tessa o seguiu, curiosa para ver o local vazio. No escuro não restava muito para se ver, mas, mesmo assim, dava para ela sentir o entusiasmo dele.

— Sem problemas — ela disse, abrindo caminho entre os cabos de eletricidade e a bagunça de ferramentas espalhadas pelo local. Tropeçou em um fio de tomada e ele a segurou pelo braço.

— Estou bem — ela disse, e soltou logo o braço.

— Claro — ele respondeu, a voz baixando de tom. Então ela reparou nas reveladoras latas de Dr. Pepper. Gabe era a única pessoa que ela conhecia em Nova York que bebia Dr. Pepper.

Ela balançou a cabeça, abrindo caminho pelo ambiente sem iluminação, e o viu de pé, tão certo de poder fazer qualquer coisa.

— E você vai cuidar disso em seu tempo livre?

— Claro. Você pode ser às na contabilidade e eu posso surpreender e aparecer com uma solução inesperada.

— Você não devia acreditar na própria fama. Além do que, tirei "D" na prova de contabilidade semana passada.

Ele deu um passo à frente e ela sentiu as ondas de empatia que emanavam dele. Não era olhar de pena; o que ela odiava.

— Quer que eu lhe ajude a estudar?

— Contabilidade? — ela perguntou, cética.

— Talvez não, mas Daniel ajudaria se você pedisse.

— Eu odeio contabilidade — ela disse baixinho, sentando em um grande cilindro, confessando o segredo do qual recentemente veio se dar conta.

Ele sentou-se perto dela, sem tocá-la, mas exalando aquele conforto caloroso que estava rapidamente se transformando em algo necessário como água para ela.

— Talvez você esteja estudando para a carreira errada — ele disse gentilmente.

— Em algum momento da vida precisarei optar, Gabe. Você sabe o que quer desde os 16 anos. Nem todos têm esta sorte.

— Seis.

— O quê?

— Na verdade, eu sabia o que queria ser desde os seis anos. Enquanto os outros garotos brincavam de Starsky & Hutch, eu e Sean ficávamos inventando drinques e tacando fogo neles.

Tessa sentiu os lábios se curvarem em um sorriso.

— Sorte sua não ter incendiado a casa.

— Eu sabia onde ficavam os extintores.

Ela invejava aquele senso de colocação que ele tinha, a paz de saber o futuro, não tendo de se submeter ao estresse do "o-que-você-vai-fazer-pelo-resto-de-sua-vida".

— Você acha mesmo que eu poderia me dar bem no mercado imobiliário?

— Acho que se realmente quiser, deve tentar. — A voz dele estava diferente, mais grave, mais rouca, e ela soube, com toda a certeza, que ele estava *muito* perto, pois os nervos estremeeceram. Na escuridão, ela não o viu se mexer, mas sentiu os movimentos.



Sentiu a mão dele em sua nuca, conduzindo-a, certa, para a boca e, santa misericórdia, ela não ia rejeitar.

O magnetismo delicado dos lábios dele nos dela era algo novo, diferente do suor de paixão que compartilharam antes. Ela tentou se valer da segurança de fantasiar imagens. Procurou desesperadamente pensar em um belo estranho que a faria chegar a orgasmos lancinantes, ou em um misterioso lobo solitário que só queria uma noite de sexo. Mas ela estava perdendo o foco desses homens. Não estava mais interessada em fantasiar.

Queria Gabe.

E se Tessa ficasse de olho só no sexo, sem deixar o coração se envolver, sem se distrair dos objetivos, poderia se divertir também.

Sexo. Era nisso que tinha de se concentrar, e só. No sexo. E não era difícil, pois, bem, ela sabia como era fazer sexo com Gabe e, melhor de tudo, ela adorava fazer sexo com Gabe.

Infelizmente, Gabe não estava nos planos dela. O beijo dele não era promessa de puro sexo, mas de algo mais. Tessa ficou mais ousada, ajeitando-se sobre o colo dele, tentando fazer o beijo voltar para o clima erótico, mas agora Gabe parecia peculiarmente determinado.

Ao descer com a mão na intenção de tocar o membro de Gabe, ele segurou-lhe firmemente e a pôs atrás das costas dela. Quando ela delicadamente lhe mordeu o lábio inferior, ele riu.

Gabe se inclinou sobre ela, que sentiu o coração disparado contra o dele. Não era na batida do coração que ela precisava se concentrar, precisava se concentrar na pulsação entre as pernas. Tessa empinou a cintura, demonstrando sem muita sutileza o que queria.

Ele esfregou os lábios na lateral do pescoço, arrancando-lhe um gemido.

— Sabe quem eu sou, Tess?

As palavras soaram tão cheias de luxúria, tão sedutoras, que ela era capaz de ouvir o nome ecoando na cabeça, mas não ia fazer nada disso. Ela já possuía o nome de outro tatuado na pele, um lembrete doloroso do quanto ainda tinha de aprender a tomar conta de si. Era importante que mantivesse a distância entre eles dois enquanto ainda era tempo. Até que ela tivesse construído vida própria. Confiava em Gabe em relação a quase tudo, menos quanto ao futuro. Não acreditava em homem nenhum em se tratando de futuro.

Ela sabia quem ele era?

— Não — ela mentiu.

Ele riu de novo, uma risada grave e, desta vez, uma das mãos lhe adentrou a camiseta, abarcando um seio, sentindo os mamilos levantando e intumescendo.

Ela se curvou sobre ele, empurrando a própria carne mais firmemente para dentro da mão dele, precisando daquele toque quente. Ele levantou-lhe a camiseta e substituiu a mão pela boca, mordendo de leve.

Já sentia uma espécie de dor entre as pernas, e sentia que a força de vontade estava se desmantelando. Qualquer coisa, qualquer coisa para preencher aquele vazio dentro dela.

— Sabe quem eu sou, Tessa?

— Não — ela respondeu, com um travo de frustração cada vez mais forte. E desejo também. Sempre o desejo.

Desta vez a mão dele avançou ainda mais, abrindo a calça jeans de Tessa, descendo

mais, até o dedo lhe alcançar o ponto central. Tessa gemeu, pois aquela brincadeira não lhe bastava.

— Quem sou eu, Tessa? — ele perguntou, a voz dura, mas ainda familiar.

— Não sei — ela respondeu, pois precisava manter uma proteção entre ambos. A única e frágil divisória entre eles era tudo que a impedia de cair de joelhos e desistir do que queria.

Com toda a calma, no escuro, ele retirou as mãos, fechou o zíper da calça jeans e ajustou a camiseta de Tessa.

Ela ficou sentada no cilindro de madeira, o corpo ainda trêmulo de tenso, esperando que ele retornasse.

— Por favor — ela começou, precisando que ele terminasse, precisando dele dentro dela.

Precisando de Gabe.

Ela sentiu o olhar dele em meio à sombra, quase ouviu o som da raiva. E sua voz soou clara como cristal.

— Não.

CAPÍTULO SETE

Gabe encontrou Sean para uma partida de raquetebol na manhã de sexta. Jogar raquetebol com Sean em geral era uma chatice, mas Gabe precisava conversar com alguém sobre Tessa. Estava enlouquecendo pouco a pouco.

O desafio que tinha pela frente era falar de Tessa sem que Sean percebesse que era dela que estava falando.

Gabe ganhou a primeira partida por quinze a onze, Sean reagiu e ganhou a segunda por quinze a sete. Na terceira partida já estavam suando como porcos. Sean acabou ganhando por quinze a treze, mas Gabe não se importava, pois conseguira relaxar e tirar Tessa da mente um pouco. Já era um progresso. Da próxima vez que jogassem, ele iria às forras com o irmão.

Depois de tomarem banho e se trocarem, foram para o bar do clube tomar sucos de fruta, para desgosto de Gabe, que não se conformava com o jeito certinho do irmão quando se tratava de álcool e alimentação saudável.

— Preciso conversar com você sobre uma mulher. — Gabe enfim tocou no assunto.

— Está desesperado, não é? — Sean deu risada. — Veio à procura do mestre.

— Não jogue na cara, minha situação já é suficientemente difícil. Não posso conversar com Daniel, não consigo conversar sobre sexo com ele. Seria crueldade, e não sou cruel.

Sean arregaçou as mangas da camisa e observou Gabe como se fosse um cientista.

— Então você está indo para a cama com esta mulher? E é só atração física?

— Não é isso. Antes fosse.

— Então qual é o problema, Gabe?



Gabe respirou fundo e baixou o tom da voz, finalmente admitindo a impalatável verdade.

— Ela gosta de fingir, Sean.

— Fingir o quê?

— Fingir que eu não sou eu. Sean cocou o queixo.

— Sei. Então ela tem tanto horror de você que precisa fingir que você é outro cara.

— Não é isso — Gabe falou alto e viu que algumas cabeças se voltaram para eles.

Fechou a cara visivelmente.

— E o que parece. Por que então ela precisaria fingir? A não ser, é claro, que você não consiga satisfazê-la.

— É *claro* que eu consigo satisfazê-la — Gabe respondeu, trincando os dentes.

— Pelo que estou ouvindo, acho que a resposta é não, e um "não" dos grandes.

— Vá se danar, Sean.

Sean levantou as mãos.

— Certo, certo. Piadas à parte, estou vendo que você está precisando de orientação.

Já pensou em abandoná-la?

— Não consigo.

— Por quê? Toda mulher pode ser abandonada pelas razões certas.

— Eu gosto dela. Não vou parar de vê-la.

— Por que você acha que ela tem de fingir? — Sean perguntou, usando um tom de voz judicial.

— Não sei por quê. Não precisa haver por quê.

— O porquê leva ao motivo, Gabe.

— Não estamos no tribunal. Estou falando de sexo. E só.

— Mas você não quer que ela saiba por *quê*?

— Não, só quero dar um jeito nisso.

— E se não conseguir?

— Não conseguir? Como assim?

— E se ela nunca conseguir aceitar você pelo que você é? Talvez ela tenha preconceito de sair com um bartender. Quem sabe, por exemplo, ela estivesse buscando um homem mais cerebral. Como eu.

— Não é isso.

— Então você sabe a razão.

— Eu não quero saber por *quê*.

— Então aí está o seu problema. Ela tem uma razão para fazer isso e você não quer saber qual é. E ela quer que você tenha interesse em saber. Elementar, Gabe. Você precisa entender a psicologia feminina.

Gabe olhou para os lados, tentando aplacar a própria fúria.

— Isso não tem sentido. Eu não devia ter conversado com você.

— Por que não conversa com Tessa?

Gabe fingiu que não se deixou abalar, mas o coração parou por um segundo.

— O quê? Como assim?

Sean pareceu completamente normal.

— Tessa. Um ponto de vista feminino. Talvez ela saiba explicar *por quê*.



Gabe quase suspirou de alívio.

— Não acho que seja boa idéia.

— Por quê? — Sean perguntou, apertando os olhos com desconfiança.

Gabe tratou de desfazer a desconfiança do irmão.

— Você está certo. Vou conversar com Tessa. Aposto que ela saberá exatamente o que fazer.

Sean sorriu.

— Viu? Está vendo como seu irmão mais velho é esperto?

As pessoas não entendiam como era difícil ser o mais novo de três irmãos. Não levavam em conta que Gabe tinha de agüentar este tipo de baboseira.

Todavia, ele deixou para lá as bobagens que Sean disse.

— Dessa vez você está com sorte, Sean. Da próxima, vou lhe arrasar.

— Ameaças vazias, nada além. Está óbvio que eu sou o melhor amante nessa família, irmãozinho caçula, além de ser o melhor de briga.

Gabe resolveu poupar a vida do irmão, mas só porque ele estava enganado, pois sabia que era ele, e não Sean, o melhor amante da família.

Antes que Sean pedisse mais uma rodada de suco, Gabe agradeceu ao irmão com um tapinha nas costas e foi embora.

Sexta à tarde Tessa tinha aula de contabilidade, na qual ouviu o professor Lewis discorrer sobre recursos operacionais tangíveis e recursos operacionais intangíveis, o que a ajudou a consolidar sua decisão.

Gabe tinha razão. Fazer contabilidade era um equívoco. Ela escolheu uma carreira ao acaso em vez de considerar o que realmente queria fazer pelo resto da vida.

Bem, lição aprendida. Precisava conversar com Marisa para *ontem*. Assim que acabou a aula ela pegou o cartão de Marisa e ligou para ela do celular.

— Marisa? É Tessa. A bartender do Prime, lembra? Como vai?

— Bem. Não esperava que você ligasse tão rápido. Uau, você não brinca em serviço.

Infelizmente, Marisa não estava interessada na decisão de vida que Tessa havia tomado. Não, ela queria falar de homens em geral, e de Gabe em particular.

— Na verdade, quero falar com você sobre outro assunto. Podemos nos encontrar para beber algo? Ou para jantar, você quem sabe. Preciso lhe fazer umas perguntinhas.

— Sobre Gabe?

— É — respondeu Tessa. — É.

— Parece ótimo. Encontro você no bar novo que abriram na esquina de Bleecker com Grover.

Ao chegar lá, Tessa vasculhou o local com os olhos para ver se Marisa estava lá, e a encontrou nos fundos do bar, belamente vestida com um terno verde-oliva que realçava os cabelos muito bem arrumados.

Marisa não reparou que Tessa havia dado uma melhorada nos trajes e foi logo perguntando:

— Falou com ele?

Tessa, cuja última conversa com Gabe fora monossilábica, resolveu dizer a verdade.

— O momento não foi o melhor. Marisa pareceu decepcionada.



Tessa percebeu que começar com uma decepção não era a melhor forma de tentar uma carreira no ramo imobiliário.

— Mas haverá outras oportunidades — acrescentou, lançando mão de um sorriso otimista.

Marisa mostrou-se animada.

— Dei uma olhada no Hudson Towers para você. Conheço um cara que conhece um cara cuja tia está para se mudar para uma casa de repouso. O apartamento vai ficar disponível em três semanas. Eu falei com ele sobre você, e ele ficou bastante animado de poder pular todo o processo de colocar anúncio para alugar e tudo mais. Que tal?

Santo Deus. Em três semanas ela teria o lugar ideal... Sozinha. Marisa era mais rápida do que os motoristas de táxi daquela cidade.

— É mesmo? Não está brincando comigo?

— Juro por Deus — Marisa disse.

Tessa pediu à garçonete um refrigerante diet. Era melhor manter as idéias claras naquela noite. Precisava perguntar a Marisa como ela havia começado a trabalhar naquela área.

— Quero entrar neste ramo, Marisa. Entendo dos apartamentos desta cidade mais do que ninguém, pode ter certeza.

— É mesmo? — Marisa perguntou, o que era melhor do que "caí fora, desgraçada, você está me enchendo o saco". Tessa sentiu-se levemente encorajada.

— Com certeza, pode me testar.

Foi o que Marisa fez pela meia hora seguinte. Tessa respondeu a tudo corretamente e sem hesitar.

Marisa olhou para Tessa com expressão de aprovação.

— Você entende do riscado. Acha que pode passar por um teste?

— Com louvor.

— Você vai precisar fazer um curso de uma semana e passar no teste. Sim, mas eu lhe dou meu aval.

Sim! Sucesso. Tessa conseguira. Marisa sorriu.

— Sem problema. Você também está me ajudando — ela lembrou Tessa.

Acabaram brindando com tequila. E Tessa se deu conta de que ia fazer isso. Chega de sexo. Chega mesmo.

No sábado de manhã Tessa saiu do quarto vestindo uma camiseta do Grateful Dead que batia nos joelhos.

Gabe nem quis imaginar o que havia debaixo da camiseta.

— Que tal a noite de ontem? — ele perguntou. Tessa pegou uma caixa de cereal e sentou-se perto dele à mesa.

— Legal — ela disse, comendo os cereais com os dedos, direto da caixa, como se fossem balas.

— E a aula?

— Não foi legal. Vou desistir. *Já não era sem tempo.*

— Novos planos?

— Sim. Mercado imobiliário. Andei conversando com uma amiga. Semana que vem



começo a fazer um curso.

— Tem dinheiro para pagar?

— Tenho, sim. Você devia conhecer esta mulher. Marisa. É ela quem está me ajudando. Ela é bem legal. Acho que você vai gostar dela.

— Provavelmente não — Gabe respondeu, sem intenção de dizer que as atenções estavam voltadas para outra, mas imaginando por que Tessa não conseguia entender isto por si só.

Ela fechou a caixa de cereais e fez uma expressão solene com a boca.

— Andei pensando.

Mau sinal, mas Gabe não se preocupava.

— Parece que tem tido muito em que pensar ultimamente. Mudança de carreira, além de andar procurando outra pessoa com quem dividir apartamento. Fico feliz que ande pensando. — Afirmações positivas. A maneira perfeita de fazer com que as mulheres façam o que se quer que elas façam.

Mas quando ele se deparou com os olhos dela, viu tristeza neles. Isto não ia ser nada bom.

— Acho que não vou mais para a cama com você.

A-há, talvez não seja tão mau assim. Então ela enxergou que a relação que vinham mantendo era muito estranha.

— Na verdade, fico feliz que pense assim. Também estou querendo mudanças.

— É?

Honestidade. Evitara conversar porque sabia que ela ficaria apavorada, mas como ela havia tocado no assunto...

— É. Não gosto disto, Tessa. Quero assumir as coisas com você. Não temos que contar a todo mundo, e nem acho que seria boa idéia. É cedo demais e as pessoas iriam interferir. Mas quero que sejamos normais. Não me entenda mal, adoro ir para a cama com você, mas fico com a pulga atrás da orelha, pois me sinto como se estivesse me aproveitando de você morar aqui e trabalhar no bar, e não gosto disso. Não sei lidar bem com sentimentos de culpa.

Tessa franziu o cenho.

— Acho que você não entendeu.

— Então me ajude a entender. O que preciso fazer para entender?

— Não posso mais ir para a cama com você, de vez. Não posso assumir nada com você. Isso está me atrapalhando.

Aquela conversa estava sendo mais difícil do que ele esperava.

— Atrapalhando? Tenho feito de tudo para não atrapalhar.

— Não posso — ela disse baixinho.

— Por quê?

— Não sei por quê.

— Tem de haver um por que, Tessa. Sou eu, Gabe. Você pode me dizer qualquer coisa. — Droga, a voz dele soou desesperada. Gabe não gostava de desespero.

— Não há por quê. Simplesmente concluí que não é inteligente. Pronto, eis então meu por quê. Não é inteligente. Está na hora de eu começar a usar a cabeça, Gabe.

— Você é inteligente — ele disse automaticamente.



— Não o bastante. Se eu fosse inteligente não dependeria de amigos para ter onde morar.

Gabe abriu a boca e fechou. Não acreditava no bando de bobagens que estava ouvindo. Era como se ela tivesse se transformado em outra pessoa, e ele não estava gostando. Queria a Tessa de antigamente de volta.

— Sou mais que um amigo seu, Tessa.

— Não, Gabe. Não é, não.

Tessa parecia a ponto de chorar.

— Você não está falando sério — Gabe disse.

— Não posso querer isto.

Gabe se levantou da mesa. Precisava parar de olhar para ela.

— Tudo bem — ele disse, e foi para o quarto, batendo a porta.

Queria ignorá-la, mas como ignorá-la se ela morava com ele? Droga.

Quando Marisa chegou ao Prime, todos os homens viraram a cabeça. Menos Gabe.

Estava na hora de Tessa cumprir a parte dela no acordo. Ele estava servindo uma cerveja quando ela se aproximou. Olhou para ela, surpreso que ela viesse quebrar a distância que se instaurou entre eles desde aquela conversa difícil.

— Tudo bem? — ele perguntou. Tessa fez que sim com a cabeça.

— Você se lembra que lhe falei de Marisa, a corretora?

— Sim — ele disse, olhando para ela sem entender direito.

— Acho realmente que você devia conhecê-la. Conversar com ela. Acho que vocês dois vão se dar muito bem.

— Esqueça, Tessa. Não estou a fim de papo.

Tessa deu um sorriso para Marisa e voltou a falar com Gabe.

— Ela é muito bonita. E é muito legal.

— Qual é o seu problema? — ele perguntou.

— Nada — ela disse, lambendo os lábios secos.

— Você parece obcecada em me fazer sair com ela.

— É verdade.

— Por quê?

— Porque gosto dela e gosto de você, e acho que vocês dois podem se dar muito bem.

Gabe não estava acreditando naquela encenação.

— Pode chamá-la, então — ele disse. — Pode deixar que eu lhe darei um tratamento especial — ele disse de um jeito que parecia mais uma ameaça.

E Gabe então fez de tudo para seduzir Marisa, elogiando-lhe os olhos azuis, as covinhas. Chegou até a criar um drinque novo, batizá-lo *Marisa* e insistir para que todos provassem.

Tessa tentou não olhar, não ver, não prestar atenção.

Gabe não foi para casa na noite de sábado e Tessa fingiu não reparar. O que estava esperando? Então tratou de estudar o livro sobre o setor imobiliário.

Ainda bem que Gabe não estava escalado para trabalhar no bar naquela noite. Tessa



ficou *quase* aliviada. Quase, pois adorava trabalhar com ele. Daniel era legal, mas não era de conversar muito. Sean era legal, mas não deixava ninguém se aproximar muito. E Gabe era... Gabe era Gabe.

E ela sentia falta dele.

Quando chegou ao Prime, Tessa reparou que o pessoal das tardes de quinta-feira estava lá.

— Já era hora de você chegar, senhorita. Meu copo está vazio faz... oito segundos — disse Charlie.

— O que faz aqui num domingo?

— Lindy me disse que aquela mulher do vestido amarelo veio aqui domingo passado. Quero encontrá-la. Pus minha melhor gravata.

Tessa sorriu.

— Você está cheio de estilo, Charlie. Nenhuma mulher vai resistir a você.

Charlie deu de ombros.

— Um homem deve sempre se vestir bem — disse Lloyd.

EC deu uma cotovelada nas costelas de Charlie.

— Veja, não é ela?

Realmente, duas jovens entraram no bar. Jovens demais para Charlie.

— É ela, mas cadê a avó?

Os homens passaram uns bons dez minutos discutindo se ele devia falar com a neta ou não. Foi quando Tessa resolveu tomar uma atitude e foi servir as duas, e sondar sobre a senhora que Charlie queria tanto reencontrar.

Descobriu que ela era Irene Langford, tia-avó de Kristine Langford, a quem servira um *martini* de maçã. Conversa vai, conversa vem, Tessa disse a Kristine que um daqueles senhores, e apontou para Charlie, jurava conhecer sua tia-avó.

— Será que você não podia trazê-la aqui esta semana, para que se reencontrassem?

— Ah, que pena — disse Kristine —, mas ela mora no Kansas, e já voltou para casa.

— Será que ela não volta a lhe visitar?

— Difícil. Ela morre de medo de avião. Mas será que eu poderia dizer-lhe o nome dele?

— Sim. Charlie Artwood.

Na noite de domingo Gabe saiu com Marisa, exatamente como Tessa queria. Levou-a para jantar e depois a uma peça de teatro que não entendeu direito. Marisa era agradável, bonita, mas quando chegou a hora de se despedir, ou de partir para algo mais intenso, Gabe se pegou tremendo nas bases.

Acabou tentando beijá-la, mas ela recuou. Normalmente, ficaria ofendido com isso, mas dessa vez ficou aliviado. Quando ela o convidou para subir ele disse que não.

— É melhor eu ir para casa.

— Digo, subir para *conversar*. Passaram duas horas conversando sobre filmes e outras amenidades. Até que Gabe recebeu um telefonema e seu deu conta de que havia se esquecido do aniversário de casamento de Daniel. Desde que o irmão perdera a esposa no atentado de 11 de setembro, a data se tornara motivo de depressão, e Gabe nunca deixava o irmão sozinho, exatamente para evitar que acontecesse o pior.



O fato é que estava tão envolvido com problemas pessoais que se esquecera, e agora Daniel estava caindo de bêbado em um bar, e o bartender foi gentil o bastante para pegar o celular de Daniel e pedir ajuda.

Marisa o acompanhou e se mostrou excelente companhia. Ajudou-o a levar Daniel para o apartamento e, ao se despedirem, Gabe já estava achando que ela era quase uma santa.

— Desculpe por hoje — ele disse. — Lamento não ter dado certo. Gosto de você.

Marisa deu de ombros.

— Talvez não fosse para acontecer mesmo.

Tessa achava que ir para a cama novamente com Gabe também não era para acontecer. Mas como o desejo falou mais alto para ambos, acabou acontecendo. Mas não em casa: foram a um motel.

Gabe acordou com o sol em seus olhos e um sorriso nos lábios. A vida não podia ser melhor depois de uma noite ardente como a que tiveram. Tessa era a imagem da perfeição nos braços dele. A idéia de irem ao motel foi também perfeita. Falando em perfeição, o traseiro de Tessa, que dormia de bruços era...

Foi quando ele reparou. Não era tão perfeito assim. Quer dizer, o que era aquela tatuagem?

Era a primeira vez que a via totalmente nua à luz do dia. Achou estranho, mas tatuagens podiam ser removidas.

— Bom dia, Tessa — ele disse, a voz ainda rouca de sono, mas o corpo bem acordado. Ele abaixou a cabeça para beijá-la e ficou assim um pouquinho.

Desceu com a boca para os seios, até que subitamente sentiu que ela travou.

— O que foi?

— Preciso me vestir — ela disse, nervosa.

— Mas é cedo ainda. Não são nem seis da manhã.

— Minhas aulas sobre o mercado imobiliário começam hoje.

— Você está cortando o clima, Tessa.

— Desculpe — ela disse, evitando olhar nos olhos dele.

— Morro de medo de chuveiros. Vai me deixar tomar banho sozinho?

Tessa não teve como dizer não. Depois do banho, ainda sentindo um clima tenso da parte dela, Gabe puxou conversa.

— Encontrou algum apartamento para dividir?

— Sim — Tessa disse, se vestindo.

— Onde?

— Hudson Towers.

— Impressionante.

— Veio do nada — ela disse, evitando o olhar dele enquanto ajustava a saia.

— Marisa? — ele perguntou, sorrindo.

Tessa fez que sim e ele notou que ela engoliu em seco.

— Ela é uma boa amiga. Dá para entender por que você queria que eu saísse com ela. Você quer me contar alguma coisa? — ele perguntou, certo de que ela estava lhe escondendo alguma coisa.



— Não, nada.

Gabe então se deu conta de que não podia competir com um imóvel. Perdeu a vontade de conversar e a vontade de estar onde estava.

Ele terminou de se vestir sem se dar ao trabalho de levantar os olhos novamente.

A noite que passaram desaparecera. Escorrera para sempre para o esgoto. Mas ele não podia deixar aquela sensação de que algo estava acontecendo sem explicação. Pressionou-a, insistiu, e ela acabou se abrindo.

— Marisa me propôs que eu marcasse um encontro entre vocês dois. Se eu conseguisse, ela me conseguiria um apartamento no Hudson Towers.

CAPÍTULO OITO

Os dez dias seguintes transcorreram em meio a uma névoa de aulas e trabalho para Tessa, e Gabe pouco parou em casa, de modo que praticamente não se viram. Mas o dia da mudança estava se aproximando, e todos os dias, depois da aula, Tessa ficava parada em frente ao Hudson Towers, observando.

Quando o dia fatídico enfim chegou, Gabe a surpreendeu com um presente.

— Não precisava — Tessa disse, imaginando que ele estava lhe dando um vibrador de presente, até que ouviu um miado e entendeu tudo.

Era um gatinho de olhos quase tão azuis quanto os de Gabe.

— É menino. Para lhe proteger. — Gabe não estava sorrindo.

— Ele parece durão. Tem nome?

— De acordo com a Sociedade Protetora dos Animais, onde o peguei, o nome é Fluffy, mas acho que ele merece nome melhor.

— Caesar, então. Ele parece bem durão mesmo.

— Peguei emprestado o caminhão de Cain para lhe ajudar com a mudança.

— Não precisa, já vi gente carregando colchões no metrô.

— Pare com isso. Você pode tirar a garota da Flórida, mas não tira a Flórida da garota.

— Você acaba de ofender toda a população do quarto maior estado do país.

Ele baixou os olhos e se conscientizou. Era o fim. Oficialmente.

Dois dias depois da mudança, Tessa se ofereceu para fazer compras com Lindy, e Tessa se deu conta de que nunca vira alguém com gosto mais vulgar para roupas. Primeiro Tessa disse que não queria aquele tipo de roupa. Ela não fazia o estilo vulgar. Mas Lindy queria conversar sobre algo, e Tessa pensou que talvez se vestir como quem está atrás de sexo tivesse sua razão de ser. Patético? Confere. Sinal de desespero? Confere. Já jogou o vibrador no lixo? Confere.

Lindy a levou a quatro lojas que eram bem mais radicais do que Tessa estava esperando. Eram micro-saias, bustiês de veludo vermelho e blusas que não cobriam nem

um copinho de uma só dose, não que os seios de Tessa fossem muito maiores que um destes copinhos, mas mesmo assim: não, não e não.

No final Tessa sentiu necessidade de esclarecer o propósito daquelas compras.

— Você disse que precisava conversar, e não que ia me fazer comprar roupas para ganhar a vida nas ruas.

Lindy balançou a cabeça com reprovação.

— Você está cometendo um grande erro em não comprar este vestido. É totalmente a sua cara.

— Em que universo que isto é a minha cara? Agora fale!

— Acho que vou voltar para casa. Para Trenton. Acho que não consigo mais bancar a vida na cidade, e Peter quer que eu volte.

Tessa ficou boquiaberta.

— Peter? Quer dizer que Peter existe mesmo?

— Sim. Meu ex. Ele disse que ainda me amava e que sabia que eu nunca conseguiria me dar bem por aqui. E sabe do que mais? Ele estava certo.

Ah, Deus. Tessa não precisava ouvir aquilo. É claro que Peter estava errado.

— Você não pode desistir, Lindy. Quem vai me vestir?

— Você não precisa mais de mim, Tessa. Veja só você. Minha menininha cresceu. Está toda educada, tem uma carreira de verdade, e suspeito que você tenha algum homem secreto em sua vida, o que pode inclusive mudar tudo quanto àquela aposta no bar. Mas estou falando só por falar.

— Vai me deixar no Prime? Sozinha? — Tessa sentiu vontade de tomar uma dose forte de tequila. — Já contou a Gabe?

— Uns dias atrás — ela respondeu, e Tessa percebeu que Gabe não dissera uma palavra a ela. Não era de surpreender.

— Você já se decidiu mesmo? Não há nada que eu possa fazer para você mudar de idéia?

— Bem, a não ser que me dê um bilhete premiado de loteria, meu rumo será esse. Você é uma boa amiga, apesar de não ter piercing no umbigo. Você sempre será minha heroína, Tessa.

Uma heroína. Tessa nunca chegou nem perto de ser heroína de ninguém. E nem se sentia heróica, sentia-se ligeiramente maldosa, com um instinto nervoso de ficar puxando mechas do cabelo. Lançou então um sorriso desanimado.

— Arrume algo bem louco para eu vestir antes que eu acabe chorando.

Várias horas depois elas ainda não tinham conseguido nada. Lindy levou o polegar à boca e avaliou a calça jeans que Tessa tinha com um buraco no joelho (que já foi considerada totalmente na moda, Tessa disse a Lindy) e a camiseta neutra.

— Conheço um lugar perfeito — Lindy disse e levou Tessa para uma oficina obscura no West Side Highway.

— O que é este buraco? — Tessa perguntou, olhando para as paredes de metal ondulado grafitadas e para a considerável ausência de pessoas.

— É o meu contato — disse Lindy, e tocou a campainha na parede. Uma porta de metal se abriu e apareceu um punk andrógino e pós-apocalíptico.

— Carlos — Lindy chamou, levantando um pulso num cumprimento.



— Como vai, megera? — ele perguntou sem qualquer hostilidade, e Tessa observou o intercâmbio entre eles, fascinada.

— Preciso de couro, Carlos.

Tessa imediatamente parou de respirar.

— Não preciso de couro.

Lindy riu.

— A calça de couro. Realçando bem as pernas e o bumbum.

— Não posso pagar por calças de couro — Tessa sussurrou.

— Quer uma roupa ousada ou não quer?

— Quero? — Tessa sentiu o tremor na própria voz. — Quero — ela disse, então, desta vez sem tremor na voz. — Eu topo — anunciou, percebendo que, sim, estava finalmente ficando mais fácil.

Foi difícil para Tessa se preparar para trabalhar naquela noite. Lindy ficou encarregada da produção enquanto Caesar ficou sentado na caixa de descarga, miando nas horas apropriadas. Até que finalmente Lindy tirou a toalha que cobria o espelho e deixou Tessa ver.

— Uau — ela disse, incapaz de formular algo além disso.

Certo, ela estava bem. Não, ela estava ótima. O cabelo estava perfeito, as sobrancelhas estavam perfeitas, o lápis de olho estava um pouquinho carregado demais, mas estava legal, estava sexy.

— Isto não é só para dizer "uau" — disse Lindy, defendendo o trabalho que fizera.

— Uau — repetiu Tessa, incapaz de elaborar qualquer outra coisa. Era ela, mas mesmo assim... Não era. Enquanto ela ainda contemplava a mulher no espelho, Lindy pegou a camiseta do Prime de Tessa e cortou a região da barriga e as mangas.

Tess balançou a cabeça, percebendo que resistir era inútil.

— Gabe vai ter um ataque.

— Todos os caras vão ter um ataque. A idéia é essa não é? Pode acreditar em mim, se os fregueses vão ficar felizes, Gabe vai ficar também.

Olhando para o rosto no espelho, a camiseta cortada e, pensando em Gabe, Tessa sentiu o estômago revirar.

— Lindy, acho que isso não está certo.

— Está mais do que certo. Está fabuloso. Você está um estouro. *Três* confiante, *três* ousada. É a nova Tessa. Vista — ela disse, estendendo-lhe a camisa como se fosse a caixa de Pandora. Talvez Lindy soubesse o que estava fazendo. Tessa queria Gabe de novo na cama, quem sabe esta não seria a solução, já que seu jeito fraco de antes não surtia mais efeito? E quanto ela o queria? *Muito*.

Tessa queria dar uma guinada na vida, e uma calça de couro não parecia nenhuma loucura ultrajante. Não *demais*. Tessa vestiu a camiseta, a calça e terminou calçando as botas vermelhas, para as quais depois ficou olhando, desconfiada.

Lindy se adiantou antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

— Deixe as botas. Elas dão um toque inesperado e autoconfiante.

— Para disfarçar minha cara de otária?

— Você não tem cara de otária.



Tessa deu uma última olhada para seu reflexo no espelho.

— Se você diz...

A noite de sábado havia começado mal para Gabe pelo jeito a tendência era seguir ladeira abaixo. O encanador apareceu para trabalhar, pediu para ver a licença da obra, mas quando Gabe explicou a situação, simplesmente desapareceu. Um dos caminhões distribuidores de cerveja bateu na Long Island Expressway e estavam com pouca cerveja nas torneiras. E o inspetor sanitário (desta vez era homem) resolveu aparecer de surpresa.

No final ele achou que não poderia se pior, até que às nove da noite Tessa chegou para trabalhar. Gabe nem levantou a cabeça quando ela entrou, e só o fez ao ouvir o típico assovio de lobo de Sean. Ele olhou, voltou a servir bebidas e dois segundos depois o cérebro registrou o que os olhos viram.

Aquela era Tessa?

Santo Deus.

Imediatamente Sean pulou o balcão do bar e foi até ela, fazendo-a virar para avaliar bem o traseiro contornado pela calça.

— Tessa, minha querida — Sean ronronou e Gabe, que não era dado a ser violento com os irmãos, pensou em dar um soco na cara feliz-da-vida de Sean.

Gabe não queria olhar, não queria ficar babando, mas não conseguia evitar.

Tessa Hart estava pegando pesado, jogando sujo, e Gabe, esquecendo-se momentaneamente dos planos de dar um gelo nela, se viu fascinado.

Sean, que só via o lado próprio, ficou todo prestativo e solícito e deu um jeito de estar sempre perto dela.

Gabe não queria ficar olhando. Mas não conseguia deixar de olhar.

— Algum problema? — Tessa perguntou-lhe com voz dulcíssima.

— Problema nenhum — Gabe respondeu, fazendo malabarismo com uma garrafa de uísque e deixando-a cair no chão.

Ela prendeu o riso.

Tessa continuou sendo o foco de todas as atenções masculinas no bar. O pior era que Sean, o irmão de Gabe que seria capaz de pular sobre qualquer mulher que usasse calça de couro, estava apaixonado.

Quando o relógio deu onze horas Gabe já estava sofrendo de um típico caso de dor nos testículos por desejo reprimido, e então desceu um pouco para dar um tempo. Infelizmente Tessa escolheu o mesmo momento para descer também.

— Você está com raiva — ela disse, possivelmente notando o maxilar tenso, os dentes trincados e as três garrafas que ele havia deixado cair naquela noite.

— Não estou com raiva.

— Achei que você ia gostar de mim assim.

Na verdade, ele gostou. Gostava dela assim, e pensou que só um imbecil reagiria dessa forma por algo que ela fizera obviamente com boa intenção. Mas Gabe desconfiava de que havia forças tenebrosas agindo dentro dele. Especificamente, o medo intenso de que a cada dia Tessa fosse ficando mais capaz, mais confiante, mais, bem... gostosa. E de que a necessidade de estar com ele fosse diminuindo gradativamente. Por quatro anos ela só precisou de Gabe e de mais ninguém. Mas agora estava tudo diferente e isso o deixava

morto de medo. E assim acabava ficando com raiva.

— Você viu que eles estão olhando para você, Tessa? — ele perguntou, em vez de dizer "você não precisa mais de mim", mas ela agora estava esperta e podia entender nas entrelinhas.

— Não me importam os olhares de ninguém, só os seus.

Isso só fez Gabe sentir-se ainda mais imbecil, o que por sua vez o enfureceu ainda mais. Então ele resolveu subir em vez de tentar se comunicar com ela.

Uma hora depois, Sean se aproximou.

— Aposto que você está doído porque ela não tinha esse visual quando morava com você, não é?

— Você é um idiota, Sean. — Deus, Gabe odiava relacionamentos. Odiava a incerteza, odiava a análise, a interferência, e odiava a maldita ereção que ameaçava matá-lo.

— Acho que mais pessoas deviam ser honestas nesse mundo. As pessoas se preocupam muito em fingir. Mas eu, não.

Gabe o fuzilou com os olhos.

— Essa história de ser honesto funcionaria melhor se você não fosse um canalha. Às vezes compensa pagar para melhorar o visual.

— Eu posso bancar ser um homem maior. Entendo sua frustração. Ela saiu do seu apartamento e fica assim? Droga, Gabe, você é muito bobo. Devia ter dado o bote logo que... A aposta! — Ele abaixou a música e tocou a campainha. — A todos os fregueses que participaram da aposta do mês, tenho o prazer de informar que temos um vencedor. Se não me falha a memória, a resposta para a questão de quanto tempo Gabe levaria para ir para a cama com a companheira de apartamento, aliás, ex-companheira de apartamento, é "dia 31 de fevereiro" — ele disse, olhando para Gabe com desgosto. — Você é muito bobo — ele disse, o que não ajudava em nada.

Tessa pareceu querer entrar em um buraco.

Sean pegou um envelope com dinheiro e deu a ela.

— Querida, você ganhou.

— Não posso aceitar. — Olhou para Gabe como se pedisse ajuda, mas Gabe deu de ombros.

Mas ele percebeu que Tessa ainda precisava, sim, de ajuda, o que lhe animou um pouco, e ele acenou com a cabeça para ela.

— Aceite.

No final da noite, Tessa estava descendo para o porão com uma caixa de vinhos e Gabe estava lá. Pegou a caixa das mãos dela e pôs junto às outras.

— Você está fazendo isso para me ferir, não é?

— Está funcionando? Posso aliviar toda a dor para você. — As palavras dela soaram pouco simpáticas, o que não ajudou a mágoa no coração nem a excitação entre as pernas.

— Não. — Gabe tinha princípios elevados e não se deixaria levar por favores sexuais, por mais doloroso que fosse resistir. Tessa tinha de entender que ele não era fácil.

— Por quanto tempo mais irá me penitenciar?

— Foi idéia sua, não minha.



— Não a parte de não irmos mais para a cama. Isso foi idéia sua, companheiro.

— Você disse que não era "inteligente". Lembra-se?

— Por que você me dá ouvidos? — ela perguntou, triste, com uma incerteza que o fez se lembrar da Tessa de antigamente, e sorriu.

— Você devia ter pensado nisso.

Tessa ficou lá, parada, com um sorriso contido naquela boca ardente.

— Pode me beijar ao menos? Ou eu também lhe disse que beijos extrapolam os limites?

Gabe podia ser um homem de princípios, mas havia um limite. Beijou-a suavemente, contendo a paixão dentro de si que estava a ponto de explodir.

Ele se afastou e Tessa abriu os olhos, incrédula.

— Só isso? — ela perguntou, e lhe puxou a camiseta, e ele podia jurar que ouviu o rasgo. Então ela o beijou de forma arrebatadora e saiu, rebolando o traseiro naquela calça de couro.

Dez minutos depois, Sean encontrou Gabe no mesmo lugar.

— Quer me explicar algo, Gabe?

Gabe fez que não com a cabeça e afastou o balde de gelo do sexo.

— Não sei por onde começar.

CAPÍTULO NOVE

Na terça-feira, Tessa passou na prova imobiliária de Nova York com 97% de acerto. Era um grande momento da vida, mas lamentavelmente ela não tinha ninguém com quem compartilhar e comemorar a conquista. Portanto, assim que saiu do edifício, ela ligou para o celular de Gabe. Talvez não fossem para a cama, mas estavam prontos para conversar; ainda que friamente.

Todavia, em vez da voz humana ao vivo, ela ouviu a secretária eletrônica. E, pior ainda, a mensagem na secretária de Gabe não tinha a voz dele, e sim uma mensagem gravada por computador. Resolveu não deixar mensagem e vestiu shorts e camiseta sem manga para encontrá-lo.

Enquanto caminhava pelos condomínios, Tessa ligou para Marisa, falando tão alto que todos os moradores que entravam e saíam dos prédios sabiam que agora sim, ela, Tessa Hart, era uma corretora imobiliária autorizada.

Marisa disse que a encontraria no escritório às quatro horas, depois de mostrar dois apartamentos e conseguir resolver a papelada da companhia. Quatro horas era tempo suficiente para procurar um desaparecido chamado Gabe O'Sullivan. Ele não estava no Prime, mas o barulho de perfuração que vinha da porta ao lado facilitava uma aposta certa.

Tessa deu uma olhada pela janela e se concedeu alguns minutos para observar Gabe trabalhar. Calça jeans desbotada, camisa desabotoada de brim e mangas compridas. As



costas da camisa estavam molhadas de suor e o cabelo estava dois tons mais escuros do que o normal, mas Tessa sentiu o corpo entrar em movimento, pronto para responder ao chamado indomado do trabalhador. O que será que havia em homens suados que deixava as mulheres com água na boca?

Tessa desejou ter o direito de ir até ele e tocá-lo e tê-lo, mas Gabe ainda estava distante dela, e ela francamente não sabia se seria inteligente da parte dela surpreender um homem que estava com uma furadeira nas mãos. E ultimamente Tessa não queria outra coisa senão ser inteligente, o que a fez se lembrar da razão pela qual lá estava.

Entrou e parou debaixo do solado da porta, pronta para fazer uma entrada triunfal. Contudo, devido ao barulho, Gabe nem levantou os olhos.

Tessa deu dois passos, parou de novo e desta vez ele reparou. Parou com a perfuração.

— Sim?

Ela lhe deu o melhor sorriso.

— Tessa Hart, orgulhosamente autorizada como uma das poucas corretoras de imóveis oficiais da cidade de Nova York.

Ele deu um sorriso tenso e contido.

— Parabéns. Não que eu me surpreenda.

Ela olhou para a furadeira na mão dele e procurou não se preocupar.

— Estou surpresa que você não se surpreenda.

— Você devia acreditar mais em si, Tessa.

Ela começou a puxar uma mecha de cabelo, mas então se recompôs e assentiu.

— Tem razão. E quando você tem razão, tem razão.

— Sempre tenho razão.

— Não fique metido. — Ela olhou ao redor, reparou na madeira serrada, no cheiro de serragem no ar, nas lascas de madeira no cabelo de Gabe que os dedos dela cocavam para pegar. Mas ela achou que ele fosse se afastar caso ela tentasse, e não queria passar por isso, pois doeria demais.

— O que está fazendo?

— Construindo.

— Construindo o quê?

— Um bar para os fundos. Estou fazendo o molde das prateleiras e a frente, e Cain prometeu fazer o acabamento do interior depois.

— Precisa de ajuda? — ela perguntou inocentemente, como se não estivesse na verdade tentando recuperar o status perdido de pessoa favorita dele.

— Não — ele disse, e voltou a perfurar; um verdadeiro tapa na adulação de Tessa. Ela viu a caixa de disjuntores, viu as tomadas no lugar e começou a puxar os fios. Gabe levantou os olhos, viu o que ela estava fazendo e parou de perfurar.

— O que está fazendo?

— Ajudando.

Ele tirou os plissadores da mão dela.

— Não espero que vá fazer isso, Tessa.

Tessa pegou a ferramenta de volta.

— Você não faria o mesmo por mim?



— Sim. Mas eu sou homem.

— Cale a boca e volte a perfurar, Gabe. Vou deixar passar só porque estou querendo voltar às boas com você novamente, e perder tempo apontando os erros de seu raciocínio primitivo estragaria minha atitude pura e bem-intencionada.

Ele ficou parado em silêncio, observando-a, e ela percebeu a dúvida nos olhos dele e desejou que ele não duvidasse dela. Dois meses atrás Tessa não criaria caso, mas agora sabia do que era capaz.

Mais importante, sabia que ela não era capaz de se intrometer, a não ser que tentasse.

Finalmente ele fez que sim com uma inclinação mínima da cabeça, mas esperança era uma palavra poderosa e Tessa ficou animadíssima.

Ela trabalhou por duas horas, apesar de não ser tão rápida nem tão boa quanto Gabe, mas no final acabou dando conta de três caixas e estava a meio caminho de se tornar mestre eletricista.

Ele conferiu o trabalho dela, que esperou com a respiração presa de tensão.

Gabe balançou a cabeça.

— Nada mal. Pronta para beber um pouco de champanhe? Acho que tem uma garrafa lá embaixo.

— Champanhe? O que estamos comemorando?

— Sua nova carreira.

Tessa balançou a cabeça, satisfeita. Não estavam brindando ao novo relacionamento deles, mas ela se contentaria com as vitórias possíveis.

— Vamos brindar a ela.

Gabe trouxe duas taças e a garrafa de champanhe, então foram beber nas escadas de incêndio do lado de fora. Quando Gabe era criança e trabalhava no O'Sullivan's durante o verão, ele e o tio costumavam ficar na mesma escada discutindo assuntos de trabalho. Patrick falava do futuro, dos clientes e era o pai que o verdadeiro pai de Gabe nunca foi. Para Gabe, poucas coisas eram melhores do que ficar sentado lá fora, observando o movimento da cidade e sentindo que aquele era seu lugar. Tessa estava descobrindo o lugar dela, e por mais que ele não aprovasse seus métodos, tinha de lhe reconhecer o mérito de correr atrás do que queria.

Entretanto, agora ele teria de contratar alguém para substituí-la e Tessa não era fácil de substituir. Era triste, mas todas as vezes que ela o olhava com aqueles olhos grandes e verdes, a vontade que ele tinha era de jogar todos os princípios para o alto e partir para cima dela.

Ela se recostou contra o gradil de metal e deu um suspiro de satisfação. Provavelmente ela jamais compreenderia como era difícil para ele ajustar as duas Tessas que agora havia em sua vida. Ele queria a antiga Tessa de volta, mas também não agüentava ver a outra Tessa fracassar.

— Costuma vir muito aqui? — ela perguntou.

— A vista não é perfeita, mas um momento em que se consegue sentar para ficar olhando o céu azul em Manhattan é um momento a ser aproveitado.

Ele abriu a champanhe com mãos de especialista e lhe serviu uma taça.

— À sua nova carreira — ele disse, tentando preencher o coração com pensamentos



felizes e animados, mas não era fácil.

— Obrigada — ela disse, e brindaram.

Ele não estava pronto para beber, só queria observá-la por um minuto, capturar a imagem na cabeça, pois não tinha certeza se a veria novamente.

— Você terá de arrumar roupas novas para trabalhar.

Ela balançou a cabeça, assentindo, sem traço de medo nos olhos. A velha Tessa ficaria aterrorizada só de pensar em sair para comprar roupas.

— Marisa vai me levar para sair na semana que vem. Temos tudo planejado. Ela me disse exatamente o que preciso comprar.

— Antes Marisa do que Lindy. Tem como pagar por tudo isso?

Tessa tomou outro gole e fungou.

— Sim. É impressionante como a vida fica mais em conta quando não se tem que pagar faculdade.

— Está dando conta de tudo?

— Sim, Gabe, estou segurando as pontas sem problemas. Vou dar o aviso prévio.

— É, imaginei. — Ele sabia que isso ia acontecer, mas o aviso prévio não facilitava nada. Lentamente ela estava se livrando de todos os excessos da vida pregressa e Gabe sabia que ele seria o último deles. Ele deu um suspiro, observou-a atentamente e ficou preocupado.

Ao menos ali ele podia ficar de olho nela, certificar-se de que tudo estava correndo bem e de que ela não precisava de ajuda.

— Se precisar de empréstimo ou se precisar do emprego de volta ou algo assim, me avise.

— Não preciso mais que você tome conta de mim.

E o que ele podia dizer? Que era isso que ele temia?

Sempre que ouvia aquelas quatro palavras, *não preciso de você*, nem precisava saber do que vinha depois. Gabe arrumara um canto só para ele na vida dela, e não gostava nada de estar sendo despejado. Ele ficou calado, bebericou champanhe e aproveitou o sol.

— Acho que o dinheiro da aposta está ajudando — ele disse, sem conseguir manter a boca calada.

— Eu não fiquei com o dinheiro. — Ela esticou as pernas longas e bronzeadas, e ele lembrou-se de quando elas estavam enganchadas em Gabe e tentou se lembrar por que ele a estava evitando. Ah, sim. Por estupidez.

— Você deu o dinheiro a Daniel? — Ele perguntou, catapultando de volta ao aqui e agora.

— Ele não aceitaria. Dei para um cara na rua.

— Mas que droga! Tessa, eram três mil dólares. Você poderia ter usado.

Ela balançou a cabeça, fazendo que não.

— Ele parecia faminto. Achei que ajudaria.

Por alguma razão, ele ficou ainda mais irritado de ver que ela não teve escrúpulos de vendê-lo para conseguir um apartamento, mas se recusava a aceitar dinheiro de uma aposta que não venceu honestamente. Quer dizer que tinha virado a Santa Tessa? Ele tomou outro longo gole de champanhe.

— Já contratou outra bartender? — ela perguntou, e ele ficou aliviado com a



mudança de assunto.

— Arrumei uma que pode dar certo se Sean não a ficar perseguindo. Ela é rápida, faz um bom *martini* e veio de Dakota do Norte poucos meses atrás.

— Parece perfeita — Tessa comentou, franzindo o cenho.

— Na verdade, é mesmo.

— Mal posso esperar para conhecê-la — ela disse, mas os olhos normalmente serenos não transmitiam felicidade alguma. Ele relutou em assumir, mas ficou satisfeito ao perceber que ela estava incomodada.

— Gabe?

— Sim?

— Vou sentir saudade de trabalhar aqui.

— Seu trabalho vai lhe deixar quente e entediada o bastante — ele disse, soando excitado e nobre ao mesmo tempo. Droga, ele queria soar nobre, mas ficar observando Tessa banhada pelo sol com a fina camiseta de algodão e gotículas de suor cintilando nas coxas nuas... Que inferno!

— O mercado imobiliário não me deixa quente.

— Nem um pouquinho? — ele perguntou, abandonando todo o fingimento de nobreza. Jesus, ele estava ficando como Sean.

— Quer saber o que me deixa quente, Gabe? — ela perguntou com uma voz sexy e rascante que lhe atingiu diretamente o sexo.

— Quer me dizer agora que estamos na frente de oito milhões de nova-iorquinos? Ou quer me dizer depois, quando terá oportunidade de me mostrar na prática?

Ela se contorceu no gradil, os mamilos visivelmente despontando sob a camiseta, e os dedos dele doeram de vontade de tocá-los. O que não o ajudava a manter distância. E pelo jeito que ela olhava para ele, como se fosse a cereja de seu Manhattan, ele teve de reconhecer a verdade.

— Venha para casa comigo.

Ela não precisou pedir duas vezes.

Quando chegaram ao apartamento dela, Gabe tinha grandes planos de ir para debaixo do chuveiro e render-se a uma sedução lenta e suave que poderia durar a vida inteira, mas no momento em que chegaram à porta, Tessa fez com que ele mudasse de idéia.

Felizmente.

Ela o encurralou contra a mesa e lhe deu um beijo quente e molhado de parar o coração, e as roupas foram dispensadas em tempo recorde. Ela foi para cima dele, enrascando as pernas brilhantes nas dele, dirigindo-lhe um olhar misterioso.

Então ele a adentrou e, droga...

Aquela era Tessa. Ele queria se concentrar no sexo, queria ter um prazer cego, mas o coração não parava de lembrá-lo de que aquela era a única mulher que ele amou no planeta. A quem ele sempre amaria.

Gabe percebeu que estava gemendo como um bobo.

Por que eles não podiam ser assim o tempo todo? Por que ele nunca era a opção dela?



O que havia de errado em escolher Gabe?

Ele procurou se concentrar e atingiu o âmago do prazer de Tessa, querendo que ela o visse, e apenas a ele. Que ela quisesse apenas a ele. Que se esquecesse de tudo que não fosse ele. Só desta vez.

Ou talvez para sempre.

À medida que ele entrava e saía dela, sem pensar no futuro, ela começou a lhe arranhar o peito. Era assim que ele a queria.

Desesperada por ele.

Tessa enrascou as pernas na cintura dele, jogando a cabeça para frente e para trás, e ele continuou, cada vez mais encaixado. Ele então lhe acariciou o ponto exato do sexo, sentindo-a estremecer a cada vez que ele a tocava. Desta vez ele não estava deixando por menos.

— Por favor — ela implorou, mas ele quis mais e continuou o tormento, os músculos tensos de vontade de soltar as amarras, queria adentrá-la até não sentir mais nada que não fosse ela. As palavras dela viraram apelos, choramingos. Ele sabia que estava perto, sabia que não agüentaria mais por muito tempo, mas queria vencer uma vez. Queria que uma vez ao menos ela chegasse ao ponto de não pensar em mais nada além dele.

Assim, ele foi levando Tessa à loucura, até ela tremer, arfar, com os olhos nublados de desejo. E quando ela gritou, quando ele soube que não havia mais nada para ela naquele momento a não ser ele, então Gabe parou e o momento desapareceu.

Ele se afastou, pois ainda não estava pronto para encará-la, e foi se limpar. Ela o encontrou no chuveiro e, mais uma vez, o sexo foi maravilhoso. Absurdamente perfeito. Ela murmurou que o amava e ele deveria ter dito que a amava também, mas as marcas no peito ainda estavam vermelhas e recentes. Além do que, ela também tinha o nome de outro homem tatuado no lindo traseiro. O mais esquisito de tudo era que, no fundo, o coração de Gabe ainda estava cheio de mágoa.

CAPÍTULO DEZ

Ele se vestiu no quarto e percebeu os sinais de cautela nos olhos dela. Tessa não esperava que ele ficasse calado. Esperava que ele implorasse, rastejasse, confessasse que não podia viver sem ela, e não podia mesmo, mas desta vez era a vez dela consertar as coisas. Ele estava cansado de ficar tentando.

O gatinho caminhou para dentro da sala com as patinhas almofadadas, ficou observando Gabe com olhos arregalados e Tessa sorriu.

— Ele gosta de você.

— Sim, eu o salvei de uma vida detrás das grades. É gratidão, só isso.

— Vou tirar a tatuagem amanhã — ela disse, e ele deu de ombros normalmente, como se aquilo não fosse grande coisa.

— Está contente de se livrar disso?



— O que você acharia de ter o nome *Sherry* tatuado no traseiro?

— Um bumbum perfeito não pode ser marcado — ele respondeu.

— E o seu bumbum é perfeito, senhor O'Sullivan? Ele se pegou sorrindo enquanto a via se vestir, quem sabe não havia esperança, afinal? Quanto tempo duraria uma locação? Seis meses ou um ano? Certo, ele podia agüentar um ano. Então ela voltaria para casa. O gato estava com as patas na calça jeans dele, e ele percebeu que Caesar podia vir, também. Seria a pequena família deles.

No meio da divagação o telefone tocou, e ele observou, esperando. Mas, sim, Tessa atendeu, e gesticulou com os lábios que era Marisa.

Seis meses, Gabe procurou lembrar. Mal podia esperar tanto tempo.

Tessa olhou para Gabe com um olhar nervoso.

— Meia hora? — Ela disse, feliz da vida. — Claro. Para mim está bom.

Ela desligou o telefone e se voltou para Gabe, que agora tinha a atenção por trinta minutos ou menos.

— Até hoje à noite — ele disse e saiu pela porta.

— Mesmo? — ela perguntou.

— Mesmo. Você deve trabalhar às sete.

— Ah — ela respondeu, mas ele não riu, pois a piada não tinha mais graça.

O escritório da Cocoran ficava no West Side. Estava sempre muito agitado e com o onipresente ruído de telefonemas e conversas. Tessa conheceu o vice-presidente, o diretor de vendas, quatro corretores e a secretária, Pauline. Este seria seu trabalho, sua carreira. Era ao mesmo tempo assustador e sensacional. Essa era a melhor coisa em relação ao primeiro dia: ainda não havia ocorrido nenhum fracasso.

Marisa até presenteou Tessa com cartões de visita. Cartões de visita! Marisa explicou os detalhes sobre os telefones e cronogramas, deu-lhe um arquivo de catálogos para estudar e basicamente a sobrecarregou de coisas, mas no sentido positivo. No final, Tessa soube que seria capaz de fazer isso. Os catálogos eram de edifícios que ela conhecia como a palma da mão, e os clientes eram mera questão de descobrir a casa certa para a pessoa certa.

Gabe tinha razão.

Gabe.

Aquela tarde tinha sido tudo que ela queria que fosse, mas Gabe estava lhe escondendo alguma coisa. Ele não estava contente. Ela sabia que ele não estava contente, e sabia o que ele desejava, mas olhou ao redor do escritório, olhou nos rostos daquelas pessoas que tinham tudo que queriam e soube então que queria aquilo tudo também.

Naquela tarde, Tessa foi com Marisa e um cliente dar uma olhada em um edifício de quatro andares em Columbus Circle, e tudo correu muito bem. À noite conheceu Jennifer, a nova bartender, e percebeu que aquela mulher linda já tinha uma queda por Gabe. Tinha de ser assim? Todas as mulheres dos Estados Unidos tinham de ter uma queda por seu homem?

Seu homem.

Sim, ele era seu homem.



Tessa se comportou bem, mostrou como funcionavam as coisas e a fez preparar *mojitos* para praticar até Sean chegar e fazer Tessa parar. Era uma tristeza que justo Sean viesse ensiná-la a se comportar.

Gabe não reparou.

Naquela noite ela voltou para casa sozinha, conferiu por alto os pedidos dos clientes e, em casa, reclamou dos homens com seu gatinho. Caesar, que também era macho, não ajudava em nada, mas ele a fazia sentir-se amada. E era disso que ela sentia falta. Queria sentir-se amada outra vez.

Ela trabalhou as duas semanas de aviso prévio no Prime e Gabe sempre aparecia, fazia sexo com ela e depois partia. Ela pensou em lhe pedir que passasse a noite, mas sentiu que isso seria uma espécie de traição ao novo status de mulher independente. E as cicatrizes da tatuagem no traseiro ainda não haviam desaparecido, tampouco.

No bar, ninguém, a não ser Daniel, sabia que os dois estavam indo para a cama, o que, da maneira que Gabe estava agindo, era mais fácil do que Tessa esperava.

Marisa soube, e Tessa fingiu que estava tudo bem, pois estava se transformando em uma fingidora de primeira. Tessa passou pelo período de seis semanas de experiência e, no final, já estava ganhando mais dinheiro do que Marisa previra.

Tessa era boa naquilo.

Sim, era verdade. Quando se tratava de encontrar o lar perfeito para as pessoas, Tessa operava milagres. Um dia, depois de fechar um negócio respeitável no Upper West Side, Marisa e Tessa comemoraram fazendo uma massagem facial no Bliss.

— Vai comprar seu apartamento, não vai? — Marisa perguntou com a boca dura enquanto o rosto se transformava em uma máscara imóvel.

— Acha que eu deveria?

— Como assim? Agora você está no ramo imobiliário. Sabe o quanto pode ganhar investindo em imóveis?

Na verdade, Tessa sabia, sim.

— Seria burrice sua não comprar, Tessa. Para ser honesta, não sei exatamente como é sua situação financeira, mas, meu bem, o lucro é certo. Passe umas noites à base de cheeseburgers até seu nível de comissão aumentar em poucos meses, e você então será a felizarda dona de uma construção pré-guerra, sala e quarto, em um edifício considerado, no mínimo, "desejável". Já conversou com Gabe?

Essa era uma conversa pela qual Tessa não estava nada ansiosa. Principalmente porque agora ela tinha medo de que Gabe honestamente não se importasse mais. Que ele fosse dar de ombros e dizer "como desejar".

Se por um lado tudo estava dando certo, por outro as coisas com Gabe desciam ribanceira abaixo. Não que ele tivesse gritado, ou tivessem discutido, ou que ele não fosse legal. E depois de ter Gabe por perto durante quatro anos, quando ele não estava por perto Tessa se sentia como se estivesse vivendo em alguma espécie de mundo subterrâneo, no qual os céus eram roxos e o sol nascia à noite. Parecia que algo estava errado. E ela tentou consertar a situação. Sorriu, jogou charme, elogiou e seduziu. Sim, ela seduziu aquele homem de todas as maneiras que conhecia, mas não conseguiu nada. Mas tudo bem. As coisas eram assim mesmo.

— Vou falar com ele amanhã.



Marisa se levantou da cadeira e apontou o dedo em direção a Tessa.

- Não se deixe enrolar por ele. Tessa deu um sorriso engessado.
- Não se preocupe. Acho que ele nem vai tentar.

DUAS TARDES depois, Gabe estava cuidando da papelada no escritório do subsolo quando Tessa apareceu para ver como estava indo a reforma. Ele não teve muita certeza do motivo de ela ter aparecido, mas logo percebeu que algo estava acontecendo ao notar o jeito dela, que ficou conversando amenidades, perguntou sobre a permissão para a reforma, quando estaria pronto para abrir, blablablá, e ele só queria perguntar: *por que você está aqui?*

Até que ela acabou tocando *no* assunto que explicava o que havia de diferente nela.

- Consegui a chance de comprar um apartamento no Hudson Towers.

O lápis na mão dele se partiu em dois. Gabe respirou fundo, o que era difícil para um homem que estava levando outro golpe nos testículos.

— E o que eu tenho a ver com isso? — perguntou, porque assim, caso ela lhe pedisse conselho ou perguntasse o que ele achava ou se ele tinha alguma objeção, não doeria tanto. Não que não fosse doer, é só que ele não ia morrer por causa disso.

— Eu queria lhe dizer pessoalmente. É a coisa mais inteligente a fazer. Será um ótimo investimento, e estou precisando planejar o futuro.

Inteligente. Futuro. Tessa. Eram conceitos estranhos para a Tessa de antigamente. Aquela que ele amava. Amava a nova Tessa tanto quanto amava a de antigamente, mas não sabia se o coração agüentaria o desgaste.

— Sabe, antes de começarmos a ficar juntos, eu era bem confiante e um monte de mulheres gostava de mim assim. Mas você torna muito difícil guardar o mínimo orgulho possível, e isso com o tempo acaba deixando qualquer homem exaurido.

Tessa ficou olhando para ele como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça sobre os ombros ou coisa assim.

- Não é verdade.

O fato de ela realmente acreditar que não era verdade o deixou ainda mais furioso. Santo Deus, o que era necessário para ela abrir os olhos? Será que ela pensava que ele iria ficar esperando para sempre?

— Tem certeza de que não é verdade, Tessa? Tem certeza mesmo? Vamos recapitular. Naquela primeira noite você queria ir para a cama com qualquer um, menos eu. *Qualquer um, inclusive Stevie Tagglioli, o cavalheiro negro da cara-de-pau.* Se as coisas entre nós não fossem tão boas eu teria pulado fora. Mas depois daquela noite eu fiquei pensando que você ia entender as coisas por si mesma, que eu devia lhe dar tempo. Mas então tudo piorou. Toda vez que fazíamos amor você tinha de fingir que eu era outra pessoa.

Gabe quebrou mais um pedaço do lápis, só para que ela tivesse uma referência visual.

— Agüentei isso também, pois sabia que havia algo em mim que lhe apavorava e não sabia bem o que era, mas estava disposto a ir levando. E se a coisa acabasse aí, ainda assim estaria tudo bem para mim. Mas não, a lista continuou crescendo. O golpe seguinte foi você me jogar para cima de Marisa em troca de um apartamento. Esta ainda está doendo,



Tessa. Mas sei o quanto você queria o apartamento e não vou *mesmo* ficar com ciúme de um imóvel. Então aqui estamos. Dormindo juntos uma vez por semana e não mais do que isso. Você tem seu futuro todo traçado, mas onde eu me encaixo, Tessa? Você me quer na sua vida ou não quer?

— Você sabe que quero. — Ela cruzou os braços sobre o peito, com olhar culpado, mas ele sentiu que o cérebro dela maquinava alguma coisa. Então ele percebeu que Tessa não sabia muito bem onde encaixá-lo na vida dela.

Ele tinha de ir embora agora. Dar-lhe mais tempo para elaborar as coisas na cabeça. Mas não agüentava mais fazer isso. Não podia se calar agora que as palavras começaram a fluir.

— Como assim, Tessa? O que faremos a partir de agora? Vou ter de ficar levando roupas para trocar uma vez por semana pelo resto da vida? E isso que você está pensando? Porque isso não me basta.

Ela empurrou uma mecha de cabelo para trás, parecendo tão insegura e lembrando bem mais a Tessa de quatro anos atrás, quando entrou naquele bar pela primeira vez.

— O que você quer? — ela perguntou.

Você. Era tão simples para ele, mas o rosto dela estava pálido, os olhos quase arregalados, e ele imaginou se um dia a coisa seria igualmente simples para ela. Provavelmente não, mas ele ia tentar pela última vez.

— Eu quero você comigo, Tessa. Todos os dias. Todas as noites. Quero acordar com você de manhã e vê-la voltar à vida após a segunda xícara de café. Quero conviver com a bagunça de suas roupas nas minhas gavetas. Quero lhe encontrar para o almoço de vez em quando e escutar os detalhes maçantes de seu dia. Quero saber que você estará ao meu lado quando eu for para casa depois do trabalho. Antes de você morar comigo eu estava bem com minha vida, mas não estou mais. Não quero mais viver sozinho. Odeio o fato de você não estar mais lá. Sabe o que é mais patético? Meu travesseiro ainda está com o cheiro do seu xampu, e todas as noites, antes de dormir, eu fico chateado de saber que um dia o cheiro vai desaparecer. Não quero que este dia chegue. Nunca.

Foi o discurso mais longo que Gabe já fizera na vida inteira, e ele respirou fundo, perscrutando o rosto dela para ver se captava algo. Qualquer coisa que lhe desse alguma esperança.

— Uau — ela disse, com o mesmo tom robótico que ele conhecia e odiava tanto.

Droga.

— Ah, sim, uau. Estou vendo que foi um erro. Vou embora agora — Gabe disse, enterrando o que lhe restava de orgulho. Abriu a porta e Tessa falou:

— Estou com medo.

Gabe se virou, olhando para ela.

— Você me ama?

— Amo.

Ele olhou para ela, querendo que ela dissesse algo mais, qualquer coisa, mas ela não disse. Ela só ficou lá, num purgatório, naquele ponto que não era paraíso nem inferno. Gabe soltou um palavrão.

— Como o tempo vai mudar isso, Tess?

— Não vai mudar meus sentimentos, mas vai me mudar.



— Como? O que estamos esperando aqui?

— Não sei.

— Então como saberei que você mudou?

— Porque então não terei mais medo.

— E por que não teria medo? Eu estou apavorado. Fico pensando que você vai acordar um dia e não vai mais se dar ao trabalho de me procurar, e que vai estar tudo bem para você. E então os dias vão passar e eu vou terminar como um antigo amante com quem você esbarra na rua e nem se lembra mais do sobrenome. O amor é assim, Tessa, ele deixa a pessoa apavorada. E se não deixar, não é amor.

— Não estou pronta — ela murmurou, e ele viu o gelo nos olhos dela. Aquele medo gelado. Quatro anos se passaram depois de Denny e ela ainda estava aterrorizada. Gabe não ia esperar mais quatro anos, não vivendo naquele limbo desgraçado.

Era isso. Ele apostou e perdeu.

— Tchau, Tessa — ele disse. E desta vez falou sério.

CAPÍTULO ONZE

ALGUNS dias depois, Tessa foi ao Prime pegar o último pagamento. Não estava precisando, mas era uma desculpa descarada para encontrar Gabe. Infelizmente, se por um lado o cheque a esperava em um elegante envelope comercial, Gabe não estava. De qualquer modo, Jennifer e Cain estavam atendendo no bar, Jennifer tentando explicar a Cain que mulheres de verdade bebem *margaritas* de manga, nada mais de *cosmopolitans*.

Como sempre, havia os soldados irregulares do período da tarde: Charlie, Lloyd, EC e Syd. Tessa tirou alguns minutos para respirar aquele ar tão familiar. Era como voltar para casa. Sentou-se em um banquinho no bar e pagou uma rodada para os homens.

— Você devia vir todos os dias — EC disse. — Pense em quanto dinheiro nós economizaríamos. Poderíamos dar o dinheiro para a caridade...

— Eu preciso de caridade — Syd interrompeu — Você precisa me doar mais.

— Você é funcionário público. Não precisa de caridade.

— Vocês são todos funcionários públicos — Tessa corrigiu.

— E todos precisamos de caridade — Syd respondeu. — Então a próxima rodada é por conta de Tessa também.

Tessa sorriu, feliz por estar de volta ao lar. Três horas de passaram e nenhum sinal de Gabe ainda. Contudo, outra pessoa apareceu.

Kristine Langford e a tia-avó, Irene.

Tessa percebeu primeiro por ser uma bartender e, como tal, sempre via o freguês no momento em que ele entrava. Mas não levou muito tempo para Syd bater nas costas de Charlie. E, bem como antes, os homens ficaram lá sentados, murmurando, e nada fizeram.

O que fariam sem Tessa?

Ela pediu a Cain para fazer um *martini* de maçã para Kristine e apostou em um



Singapore sling para a tia-avó. Irene Langford tinha o porte de quem fora lindíssima na juventude. Havia confiança, orgulho e plena convicção de que o mundo tinha sorte por ela existir. Tessa observou, perplexa. Quando tivesse oitenta e tantos anos, queria ter aquele porte também.

Ela pegou as bebidas e caminhou cuidadosa e respeitosamente até a mesa das Langford.

— Trouxe as bebidas. Kristine disse que a senhora é Irene Langford, certo?

A senhora arqueou uma sobrancelha.

— Nós a conhecemos?

— Eu já conheço sua sobrinha, mas conheço um cavalheiro que está à sua procura há um bom tempo.

Kristine se inclinou em direção à tia-avó.

— Ela é a bartender de quem lhe falei.

Irene Langford deu uma olhada cuidadosa de cima a baixo em Tessa, que torceu para ter sua aprovação.

— Quem é o cavalheiro?

— Charlie Artwood.

— Eu já tinha lhe dito, tia Irene — disse a jovem, que foi interrompida pelo olhar da tia-avó.

— Na minha época não se entregava o ouro assim tão fácil. — Então se voltou para Tessa novamente. — Quem é o cavalheiro?

— Charlie Artwood — Tessa repetiu, fazendo um gesto para Charlie se aproximar. Depois de mais alguns sussurros e gestos, Charlie veio com o passo arrastado, vestido a rigor.

Ele chegou à mesa e balançou a cabeça educadamente.

— Eu o conheço? — Irene perguntou a ele.

— Creio que sim, mas não sei de onde.

— Estive em muitos lugares, senhor, e por muitos anos, de modo que pode ter sido em qualquer parte, e o senhor não me parece familiar.

Charlie passou a mão na cabeça.

— Já tive cabelo na vida, cabelo farto e escuro. E tinha uns 20 quilos a menos. E não usava óculos.

— Tire os óculos.

Ele obedeceu e Irene olhou um pouco antes de balançar a cabeça.

— Ainda não ajudou muito.

Mas Charlie não estava disposto a desistir.

— Já estive aqui antes?

— Muito tempo atrás. Quando isso aqui não era um antro de iniquidade. Antes era um lugar refinado.

— Irene, sabia que foi aqui. Antes da guerra. Você *tem* de se lembrar, Irene. — Da segunda vez que ele disse o nome dela, sentou-se ao lado dela e lhe segurou a mão. Primeiro ela tirou a mão, mas Charlie segurou com força.

— Sim?

— Você se lembra de uma canção chamada *Ali or Nothing at All*. Estava tocando no

rádio.

Ela franziu o cenho, juntando as sobrancelhas em uma só linha.

— No Ano-Novo? Eu estava dançando naquela noite, no vestido azul mais glorioso.

— Branco — ele corrigiu.

— Era azul.

— Era branco, e você cheirava a lilás.

Charlie apertou mais a mão dela, a voz normalmente jovial soando de um jeito que Tessa jamais ouvira.

— Eu lhe beijei à meia-noite.

— Uma dama decente não beija um estranho — ela respondeu, com certo tom de repreensão.

— Eu disse que me casaria com você dentro de um mês e você não teria mais com que se preocupar. Nós marcamos um encontro no parque no dia seguinte.

Subitamente a compreensão iluminou-lhe os olhos azuis desbotados.

— Charles? *Charles*? Era você, não era? Depois de todos estes anos... Eu esperei por você. Por três semanas eu esperei para que você me ligasse, mas você nunca apareceu.

— O tio Sam me obrigou a pegar um navio para o Pacífico. Eu não tive escolha.

Ela levou a mão trêmula à boca.

— Você era um belo cavalheiro, todo de branco e tão magro.

Charlie levou a mão dela aos lábios dele e o bar ficou tão silencioso que daria para ouvir um alfinete caindo no chão... Ou o suspiro de um coração. As duas cabeças grisalhas se aconchegaram em um abraço e começaram a conversar como se 60 anos não tivessem passado.

Tessa apoiou o queixo na palma da mão, com os olhos também nostálgicos. Isso era amor de verdade. Sessenta anos de amor verdadeiro. Sessenta anos de um amor sempre em desenvolvimento.

Sessenta anos de espera. Sessenta anos esperando para estar com alguém que se ama.

Então Tessa começou a sorrir, começou a cantar. Só uma mulher muito estúpida esperaria 60 anos para ficar com alguém, e Tessa Hart, a nova e aprimorada Tessa Hart, não era estúpida mesmo.

GABE ODIAVA sentir-se culpado. Principalmente quando achava que *não* deveria sentir-se culpado. Por que ele sentia-se sempre como se fosse um canalha? Estava cansado de sofrer, cansado de ficar em segundo lugar, cansado de ser sozinho e cansado de guardar tudo dentro de si.

Queria o próprio coração de volta, mas não tinha certeza se ele seria completamente dele outra vez. Sean daria risada, Daniel passaria um sermão e o tio Pat levantaria o copo. Cada homem lidava com o amor de modo diferente, mas Gabe não estava acostumado a se apaixonar como os irmãos e, se amar era assim, bem, então amar era uma droga.

Todavia, Gabe não era nenhum cretino. O problema é que ele amava Tessa. A Tessa de antigamente. A Tessa de agora. A Tessa gorda. A Tessa magra. A Tessa maternal. A Tessa aficionada pela carreira. A Tessa dona-de-gatos. A Tessa eletricista. A Tessa bartender. A Tessa magnata do mercado imobiliário.

Ele amava a todas, pois realmente não fazia diferença o que ela vestia ou que nome



ela havia tatuado no traseiro, nem que animal ela tinha em casa e nem onde morava. Ele a amava e, sim, estava cansado de ser a segunda opção, mas sabia que algum dia seria a primeira porque Tessa, por mais que não acreditasse, era uma pessoa constante, estável.

Ela o amava. Esta era a mensagem que era importante ter em mente. Então ela queria que ele esperasse? Então agüente, O'Sullivan. Ele ia esperar e ter fé de não sofrer um ataque do coração aos 29 anos de idade. Esperaria para sempre se fosse necessário, e o lado impaciente dele teria de se resignar.

Com tudo isso decidido, Gabe foi ao apartamento dela no edifício Hudson Towers. O linguajar nobre estava todo ensaiado na cabeça e ele nem mesmo rangeu os dentes nem sentiu raiva ao ver o prédio dela. Tessa tinha uma razão para gostar daquele lugar, e provavelmente era uma boa razão, pois ninguém entendia mais de apartamentos do que ela. Isto o fez sorrir, mas o sorriso se desfez em nada, pois o porteiro a chamou pelo interfone, mas ninguém atendeu. Provavelmente tinha saído para mostrar apartamentos a algum administrador de Wall Street que precisava de uma amante, e o sujeito ia bater nela e...

Pare.

Tessa sabia tomar conta de si.

Então ele subiu e deixou um bilhete pendurado com fita isolante na porta do apartamento dela. *Eu amo você. Gabe.*

Não era muita coisa, mas ela ia entender. Tessa era esperta. Após dar este passo transformador, ele caminhou os 33 quarteirões pequenos e sete quarteirões grandes entre a casa dele e a dela. Tessa queria comprar imóveis? Ele arcaria. Queria abrir uma loja de doces? Ele arcaria. Queria voar até a Lua? Ele arcaria. Na verdade, à Lua ele provavelmente iria junto.

Ao caminhar, Gabe ensaiou a cara de compreensão, ensaiou para manter a língua quieta, ensaiou perguntar a ela como foi o dia... Porque, droga, ele trabalhava no bar, e não existe homem mais compreensivo no mundo do que aquele que trabalha detrás do balcão do bar.

QUANDO ELE voltou ao próprio edifício, Tessa estava instalada em frente à porta, sentada em três caixas, uma mala e um colchão que parecia ter sido arrastado pelo metrô.

Gabe não quis tirar conclusões precipitadas, mas no coração dele a conclusão pulava para cima e para baixo, para leste e oeste e todos os pontos intermediários.

— Você está aqui — ele disse cuidadosamente.

— Vim para casa — ela respondeu, cuidadosamente.

— Você se perdeu?

— Não. Eu me achei.

— Uau — ele disse, pois aquilo o deixou nervoso. Havia alguma coisa que ele ainda não estava compreendendo, só não sabia o que era.

— Vai me deixar entrar ou vou ter de ficar aqui como uma sem-teto? O que na verdade sou oficialmente agora, só não quero que as pessoas saibam. — Apontou para o gato que no momento saiu de dentro da mochila. — É permitido animais no seu prédio?

— Não sei — ele respondeu, estupidamente tentando se lembrar do regulamento do edifício e percebendo que, desta vez, realmente não estava entendendo mais nada. — Você



está aqui.

— Sim, Sherlock. Estou aqui. Para ficar.

— Por quê? — ele perguntou, ainda procurando o sentido daquilo.

— Ainda não faz idéia do *por que*, Gabe? — ela perguntou e ele observou-lhe o rosto, se concentrou nos olhos dela, leu os sinais refletidos nas profundezas verdes... E, que droga, nada de entender.

Lentamente ele começou a sorrir.

— Acho que sim, mas preciso que você diga. Na verdade, meu ego amaciado precisa que você diga. Eu mesmo não preciso, mas quero ouvir assim mesmo.

— Não quero esperar. Estou pronta. Daqui para frente, tudo em minha vida será muito legal. Quero dormir ao seu lado, acordar ao seu lado, dividir o chuveiro com você e comer sua comida. Quero saber que posso ir ao Prime e você vai me levar ao escritório, e podemos fazer amor na hora em que eu quiser.

— A qualquer hora?

Ela fez que sim.

— A qualquer hora.

— Gostei disso — ele disse, mantendo as feições perfeitamente controladas.

— Achei que ia gostar, afinal de contas, a idéia foi sua.

— Você se lembra disso?

— Você tinha razão.

— Isso é música para meus ouvidos.

— Eu amo você, Gabe. Faz quatro anos que o amo, pois você é o único homem em Nova York que acreditou que eu era uma pessoa forte e capaz, e você tinha razão.

— Tenha em mente que estou sempre certo — ele disse a ela, e então se lembrou das decisões que tomara e se corrigiu. — Nem sempre.

— Vai me beijar? Gabe balançou a cabeça.

— Quando eu começar, acho que não vou parar, de modo que preciso acabar com a conversa primeiro.

— Você tem muito o que conversar? Gabe balançou a cabeça.

— Um pouco. Eu ia esperar por você. Ia dizer para você ficar com o imóvel se isso lhe fazia feliz, e deixei um bilhete na sua porta como prova, caso não acredite em mim.

— Acredito em você.

— Você quer comprar o apartamento do Hudson Towers?

— Não.

— Não, não foi o que eu quis dizer. Deixe-me esclarecer. Você moraria lá em vez de morar aqui?

— Você venderia seu imóvel?

Por ela, ele venderia o bar, o testículo esquerdo e talvez os irmãos. O apartamento não era nada.

— Não sei. Você conhece suas coisas. Diga o que é melhor fazer.

— Está de brincadeira? Você está sentado em um imóvel de meio milhão de dólares e está confiando a mim a decisão?

— Sim.

— Ai, meu Deus. Você me ama.



— Finalmente entendeu?

Ela enxugou as lágrimas. Só Tessa seria capaz de chorar por causa de um apartamento. E isso só aumentava o amor que ele sentia por ela.

— Acho que devemos vender isto aqui e comprar um dois-quartos no Hudson Towers — ela disse.

Imediatamente soou o alarme.

— Dois quartos? De jeito nenhum. Não mesmo. Tessa levantou a mão.

— Escute-me. Um quarto para nós. O outro para Caesar, e também pode ser um escritório. E você pode conseguir muito mais retorno com um dois-quartos do que com apenas um. Mas um apartamento de três quartos seria o mesmo que conseguir um unicórnio dourado, e se conseguirmos um três-quartos, seria uma virada e tanto...

— Você quem sabe — ele disse, pensando nos impostos mortais que vinham com um três-quartos, além de ser um problema para limpar.

— Vamos ficar com dois quartos. E, para comemorar, vou preparar meu coquetel especial.

— Hum... e qual é?

— Que tal um *sexy blue martine*.

— Seu desejo é uma ordem.

— Gostei de ouvir isso.

— Mas antes de assinar escrituras e preparar coquetéis, venha aqui.

— Minhas coisas ainda estão no corredor.

— Suas coisas podem esperar. Eu estou esperando há anos.

Sabiamente acatando a escolha de Gabe, ela foi para os braços dele como se lá fosse seu lugar. E era. Ele lhe segurou o queixo e a beijou. Longa, lenta, profunda e completamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Porque agora, com Tessa, ele tinha mesmo.



FIM

Sobre a autora:

Kathleen O'Reilly escreveu seu primeiro romance aos 11 anos. Mas... para seu total embaraço, ele foi lido em voz alta para sua turma no colégio. Após vinte anos se recuperando desse profundo trauma, ela pôde enfim anunciar orgulhosamente sua nova carreira: como escritora!

Kathleen vive em Austin, no Texas, com seu marido e dois filhos mais espertos que ela. E adora receber' mensagens das leitoras, que podem entrar em contato com ela em www.kathleenoreilly.com.